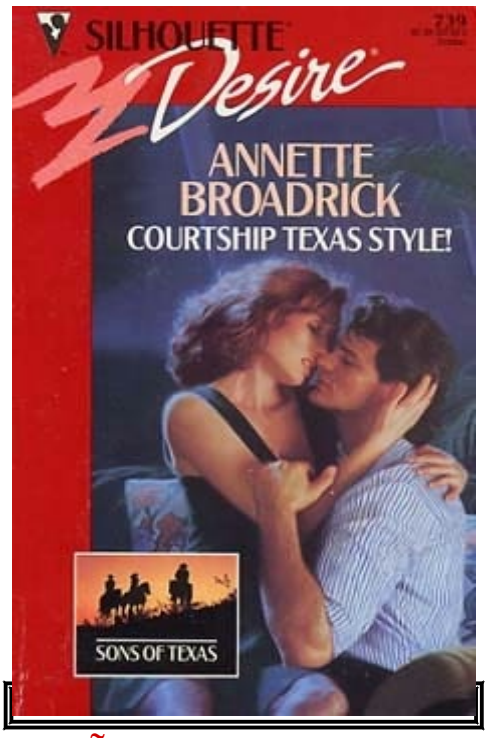
Sedução à Texana

(Courtship Texas Style!)

Annette Broadrick

Série - Sons of Texas - 02





Eles se não se suportavam, até a paixão falar mais alto...

As crianças eram tudo na vida da professora Janine Talbot. Quando encarou o olhar triste de Trisha, uma aluna sua de cinco anos de idade, decidiu que iria ter uma conversa com o pai da menina, o arredio e carismático fazendeiro Cameron Callaway.

Nenhuma professora pudica e intrometida iria ensinar a Cameron como criar sua filha! Mas se Trisha precisava de uma mãe, talvez Cameron precisasse de uma esposa... E uma linda mulher como Janine seria muito bem-vinda à sua cama!

Digitalização: Poly

Revisão: Maria Rocha

Copyright © 1992 by Annette Broadrick

Originalmente publicado em 1992 pela Silhouette Books
Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited,
Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.
Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Título original: COURTSHIP TEXAS STYLE!
Tradução: Maria Helena Pires Martins
Copyright para a língua portuguesa: 1994
CIRCULO DO LIVRO LTDA.
EDITORA NOVA CULTURAL
Uma divisão do Círculo do Livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 9^{9} ANDAR
CEP 01410-901 - São Paulo - Brasil
Fotocomposição: Círculo do Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

CAPÍTULO I

De repente, faróis altos apareceram à sua frente, cegando-o. Cameron virou a direção numa tentativa desesperada de desviar do idiota que surgira subitamente na pista onde estavam trafegando. O grito da esposa ecoou dentro do carro enquanto o outro veículo se aproximava deles. Começou a suar frio e agarrou a direção com mais força. Podia sentir seu coração batendo alucinado dentro do peito. Seu corpo todo tremia e, na boca, tinha o gosto metálico do medo.

Lutou com todas as suas forças para manter o controle do carro e para desviar do outro automóvel que se aproximava com incrível rapidez. Desejou não terem decidido viajar no pequeno carro esporte.

Apesar de ter feito tudo o que era possível para evitar a colisão, o automóvel maior bateu neles. Começaram a rodopiar e a capotar, cada vez mais rápido até...

— Nãããooo!

Cameron sentou na cama e afundou o rosto entre as mãos. Estava molhado de suor e seu corpo tremia. O coração batia descompassado dentro do peito. Passou uma mão trêmula pelos cabelos e forçou-se a despertar de vez.

Meu Deus! Algum dia pararia de ter pesadelos com o acidente? Quatro anos já haviam se passado desde a noite do acidente que matara sua esposa e, no entanto, continuava a ter os terríveis pesadelos.

Jogou os lençóis amarrotados para o lado e saiu da cama. Ainda no escuro, procurou pelo maço de cigarros e pelo isqueiro na mesinha-de-cabeceira. Depois de acender um cigarro, caminhou até a janela e ficou observando a turbulência de uma típica tempestade de verão do sul do Texas.

Talvez a luz dos raios, seguida do barulho dos trovões tivessem causado o pesadelo. Não sonhava com o horror daquela noite há alguns meses e começara a crer que estivesse livre daquela tortura.

Obviamente estivera errado.

Deu uma longa tragada no cigarro, sentindo a fumaça invadir seus pulmões e sabendo que estava se matando aos poucos. O problema era que não ligava a mínima para isso.

A chuva batia na janela com força. Ele balançou a cabeça resignadamente. Se continuasse a chover daquele jeito, a colheita da fazenda ficaria seriamente prejudicada.

Durante sua viagem noturna de San Antônio até a fazenda, ouvira o radialista anunciar enchentes, ventos fortes e mais tempestade. Na verdade, já

havia testemunhado alguns dos estragos causados pelas chuvas ao pegar a estrada particular que atravessava dez quilômetros de terras da fazenda. As duas pontes que tivera de atravessar estavam quase submersas em água corrente e quase não conseguira passar pela última.

Saíra do escritório à meia-noite e considerara a hipótese de dormir em seu apartamento em San Antônio, mas estivera muito tenso para conseguir dormir e decidira dirigir até a fazenda. Normalmente, a viagem de uma hora e meia o ajudava a relaxar. Não imaginara que o tempo fosse ficar tão ruim.

Não visitava a fazenda há três semanas. Sentiu a costumeira pontada de culpa. Já fazia três semanas que não via a filha Trisha. Sabia que, para uma criança de cinco anos e órfã de mãe, ficar três semanas sem ver o pai exigia muito sacrifício.

Apagou o cigarro e esfregou o rosto com as mãos. Lembrou-se de que Trisha não estava sendo negligenciada. Entre os mimos de tia Letty e as brincadeiras propostas por Angie e Rosie, duas empregadas da casa, Trisha estava constantemente ocupada. Mesmo assim, sabia que aquilo não era suficiente. Em suas conversas telefônicas diárias com a filha, Trisha deixava seus sentimentos quanto à ausência do pai muito claros. Estava sempre perguntando quando ele pretendia ir visitá-la. Tinha prometido estar lá naquele fim-de-semana.

Era um homem que jamais quebrava suas promessas. Independente do quão cansado estivesse e de quanto trabalho tivesse acumulado no escritório, visitaria- a filha.

Amava Trisha profundamente. Ela era seu último laço com Andréa, a mulher que fora a razão de sua vida. Trisha parecia-se tanto com a mãe que constantemente o lembrava dela.

Ele e Andréa estavam a caminho da fazenda para buscar Trisha naquela noite fatídica. Andréa estava feliz. Haviam ido a um jantar de negócios e Letty sugerira que deixassem o bebê com ela o fim de semana inteiro, mas Andréa achara que era tempo demais para o bebê ficar longe dela. Tinham pego a estrada cedo, explicando aos convidados que ainda tinham que buscar a filha.

Quantas vezes havia repassado, em sua mente, as circunstâncias que os levaram a estar naquela estrada na noite do acidente? Se ao menos tivessem esperado até o dia seguinte. Se ao menos tivesse visto o carro a tempo. Se ao menos pudesse ter feito alguma coisa! Andréa estaria viva, ao seu lado.

Cody, seu irmão mais novo, não conseguia esquecer-se de que um outro motorista irresponsável havia causado outro acidente fatal na família Callaway.

Quinze anos antes do acidente de Cameron e Andréa, os pais dele foram mortos numa colisão.

Cody estava convencido de que os dois acidentes estavam ligados entre si. Cameron não tivera energia suficiente para tentar descobrir se o irmão tinha alguma razão. Nada que fizesse traria Andréa de volta. Nada.

Nos anos seguintes, mergulhara no trabalho, que o mantinha ocupado quase vinte horas por dia. Cole, seu irmão mais velho, era o cabeça da Empreendimentos Callaway, que tinha negócios nas áreas imobiliária, minérios e prospecção de petróleo. Cameron estava mais do que satisfeito em deixar o irmão ser o cabeça dos negócios. Preferia sua posição menos evidente, que lhe dava a oportunidade de empregar suas qualificações de advogado e administrador de empresas sempre que o irmão precisava.

Atravessou o quarto no escuro, com a familiaridade de quem crescera no aposento. Entrou no banheiro contíguo e acendeu a luz. A claridade o fez sobressaltar-se e o movimento súbito chamou sua atenção para sua imagem no espelho. Balançou a cabeça em sinal de desgosto. Seus olhos azuis estavam inchados e vermelhos. Esfregou a mão no queixo coberto de barba por fazer. Parecia ter dez anos a mais do que os seus trinta e quatro anos. Sentia-se como se tivesse sessenta. Ao observar os cabelos castanhos deu-se conta de estar precisando de um corte.

Pegou o copo que estava na pia, lavou-o e encheu de água. Depois de beber toda a água, apagou a luz e voltou para a cama.

Tinha se deitado às duas horas e já eram cinco. Seu corpo estava exausto, mas a mente não parava de funcionar.

Ficou pensando no caso em que estava trabalhando. Estava na metade de um julgamento. Todas as provas haviam sido apresentadas na sexta-feira e Cameron tivera esperanças de ter a sentença na segunda de manhã. Infelizmente, porém, o juiz decretara uma semana de recesso por ter outros compromissos previamente agendados. Cameron sentia-se frustrado. Queria terminar o julgamento para poder envolver-se em outras questões importantes. Entretanto, não havia, nada que pudesse fazer. A sentença só seria decretada quando o juiz estivesse disponível. O melhor era conformar-se com a situação.

Havia se preparado para esse caso durante seis meses. Estava cansado de ver a Empreendimentos Callaway ser pintada como um grande conglomerado que devorava pequenas empresas. Daquela vez, Cole e ele haviam decidido não ceder terreno e comprar a briga. A batalha estava quase chegando ao final, mesmo com a semana de recesso.

Os Callaway figuravam num grande número de litígios. Fosse pessoalmente, fosse como responsáveis pela empresa. Supunha que serem alvos da ira pública fizesse parte do território.

Ele e os irmãos haviam herdado a fortuna da família quando os pais foram mortos há dezenove anos atrás. Nos últimos setenta anos o nome Callaway havia crescido em prestígio e poder no Estado do Texas. Com cada nova geração as companhias haviam prosperado e se multiplicado.

Dava a Cole o crédito pela expansão mais recente. O irmão tinha enorme talento para prever tendências futuras. Mantinha os negócios modernizados, com equipamento de última geração. Contratava homens que eram estrategistas brilhantes e suficientemente fortes para se manterem à frente do complicado mundo dos negócios. A capacidade de Cole era bem conhecida no Texas.

Cameron, por outro lado, gostava da posição de consultor e conselheiro de Cole. Não conseguiria dirigir a empresa com o mesmo sucesso do irmão e, na verdade, não gostaria nem de tentar.

Suspirou, tentando relaxar o corpo com uma técnica de relaxamento que havia aprendido. Sabia que sua carga de trabalho não o ajudava a prevenir o *stress*, mas preferia trabalhar vinte horas por dia, a ter tempo livre para pensar e remoer sua dor.

Seu corpo foi gradualmente respondendo aos comandos mentais e Cameron conseguiu dormir outra vez.

Ouviu sons ao seu redor e sabia que tinha que reagir a eles, pois, embora tentasse ignorá-los, eram persistentes. Queria continuar no mundo do nada, permitir-se não pensar ou sentir, mas os sons não iam embora.

— Papai? Papai, você está dormindo? Acorde, papai. Tem um lago enorme na frente do estábulo. Quer ir vê-lo? Papai?

Cameron acordou com relutância. Podia sentir pequenas mãos dando tapinhas em seu rosto.

— Acorde, papai — Trisha o chamou com sua vozinha suave.

Seus olhos ainda estavam inchados e teve dificuldade para abri-los. A primeira coisa que viu foi um rostinho fino com um par de olhos castanhos observando-o ansiosamente. Assim que a encarou, Trisha começou a rir.

— Eu sabia que você estava acordado, papai. Só estava brincando comigo, não é?

Ele gemeu. A filha estava deitada sobre seu peito, o rostinho balançando à sua frente.

— Trisha, docinho — ele conseguiu dizer —, o papai não consegue

respirar muito bem quando você deita assim sobre o meu peito.

Obedientemente, ela começou a deslizar para baixo. Percebendo o efeito que o peso de uma criança de cinco anos teria sobre sua bexiga cheia, Cameron resolveu se mexer

e, numa manobra rápida, virou-se na cama, ficando deitado de lado, com a filha deitada à sua frente.

— Sabe de uma coisa, papai? — ela indagou sem se perturbar com o movimento brusco.

— O que, anjo?

— Você perdeu o café da manha.

Ele arregalou os olhos fingindo-se chocado.

— E mesmo?

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sabe o que mais?

— O quê?

— Tia Letty disse que já era hora de você aparecer por aqui e que...

— Sabe de uma coisa, docinho? —- ele a interrompeu abraçando-a. — Sua tia Letty está certa, como sempre — afirmou beijando-a na ponta do nariz e fazendo-a rir.

— Já parou de chover — Trisha informou.

— Que bom! — exclamou com sinceridade.

— Está com fome?

Ele não conseguia lembrar-se de sua última refeição. Na maior parte do tempo não se lembrava que deveria alimentar-se.

— Pode apostar que sim — respondeu mais para agradá-la do que por estar com fome.

Trisha abriu um sorriso encantador.

— Ótimo, porque eu ajudei Angie a assar biscoitos e ela disse que deveríamos guardar alguns para você.

— Então, por que não corre lá para baixo enquanto eu tomo um banho rápido? Desço logo, querida.

— Tudo bem — ela concordou saindo da cama. — Não demore papai. — Correu para fora do quarto e bateu a porta atrás de si.

Cameron olhou para o relógio e constatou que já eram quase onze horas. Bocejando e espreguiçando-se, levantou da cama. Biscoitos... Angie conhecia seus pontos fracos. Sorriu para si mesmo. Era bom estar em casa.

Se Janine Talbot não estivesse determinada a conversar com Cameron

Callaway naquele fim de semana, jamais teria enfrentado aquelas estradas esburacadas e alagadas. Desde que saíra da estrada asfaltada, vinha movendo o carro vagarosamente através de uma estrada de terra, estreita e cercada por enormes poças de água. Em alguns pontos a água tinha invadido a estrada, tornando a viagem mais difícil. De qualquer forma, pretendia dizer a Cameron Callaway tudo o que pensava.

Sabia que estava na fazenda Circulo C. Havia pego a estrada ao sul de Cielo, a cidade onde morava, e dirigira na direção que lhe fora indicada. Ao avistar um enorme portão de ferro com o desenho de um "C" envolto num circulo concluíra ter encontrado a fazenda. Infelizmente, porém, após ter deixado o portão para trás, não encontrara nenhum sinal que indicasse a localização da casa principal. Há quilômetros que não via nenhum sinal de vida.

Pelo menos, não estava mais chovendo. A previsão do tempo relatara a possibilidade de enchentes naquela área. Estava certa, porém, de que a fazenda era protegida. Por tudo o que ouvira no ano que estava no Texas, concluíra que o poder da família Callaway se estendia ao controle das chuvas, do fogo e dos ventos.

A imagem de um rostinho miúdo formou-se em sua mente e Janine deu-se conta de estar sorrindo, apesar de sua apreensão inicial. Trisha Callaway era um amor de menina e a havia conquistado desde que a vira pela primeira vez e soubera que era órfã de mãe.

Trisha havia sido matriculada na classe de jardim-de-infância pela qual Janine era responsável. A princípio, mostrara ser muito tímida e preferira a companhia de Janine à das outras crianças. Nas duas últimas semanas, vinha tentando estimular a criança a brincar com os coleguinhas. Trisha começava a dar sinais de estar relaxando na companhia das outras crianças.

Não era como se a menina não fosse esperta. Muito pelo contrário! A família Callaway provavelmente ficaria horrorizada ao saber as coisas que Trisha lhe contava.

— Minha tia Allison vai ter bebê e o médico disse que serão dois de uma vez. Não é legal? Eles já têm um menino que é grande e uma menina menor que eu. Tia Letty diz que não sabe como eles conseguem fazer alguma coisa que não seja ficarem se abraçando. Você conhece minha tia Allison?

Esforçando-se para não rir, Janine balançou a cabeça.

— Ela é bonita. O cabelo dela é escuro e vem até aqui. — Trisha se virou e apontou para o bum-bum. — Ela pode até sentar no cabelo — completou rindo.

— Ela mora com você?

A expressão da menina ficou triste. _ Não. Ela e o tio Cole me visitam sempre que podem. Eles moram em Austin, onde Tony vai à escola.

— Quem é Tony?

— Meu primo. Ele é grande. E maior do que você.

— É mesmo? — Janine continuava séria. — E sua tia Letty? Ela mora com você?

Trisha fez um sinal afirmativo.

— Tia Letty sempre viveu na fazenda e meu tio Cody diz que sempre viverá lá porque ela é mais velha que Deus!

Janine não resistiu e caiu na gargalhada.

— Seu tio Cody também mora na fazenda?

A menina ficou em silêncio por uns instantes. Parecia estar pensando em sua resposta.

— Às vezes mora, mas, na maior parte do tempo, vai para um lugar onde ninguém consegue encontrá-lo. Tia Letty diz que ele é selvagem e irresponsável, mas eu gosto dele. Quando está em casa, ele brinca comigo e responde a todas as minhas perguntas.

— Seu pai brinca com você?

A expressão da menina ficou sombria.

— Quando está em casa. Ele passa a. maior parte do tempo em San Antônio.

— Mas San Antônio é muito longe daqui! Leva mais de uma hora de carro.

Trisha concordou.

— E muito longe mesmo. Por isso ele dorme em San Antônio. Ele vem para casa me ver sempre que pode. — Ela olhou pra as mãos entrelaçadas no colo. — Sinto saudades dele.— Voltou a encarar a professora. — Meu pai me ama e sente muitas saudades minhas.

— Tenho certeza disso, querida. Como ele poderia não amar um docinho como você?

Talvez o homem amasse a filha, Janine pensou enquanto seguia pela estrada, mas certamente não prestava muita atenção nela. Caso contrário, já teria percebido que a menina estava infeliz e saberia que estava tendo dificuldades para se adaptar à escola.

A criança era muito bem educada para chorar todas as manhãs quando era deixada na escola por um dos empregados da fazenda. Seu rostinho expressivo, entretanto, demonstrava claramente suas emoções.

Na semana anterior, Trisha mal havia tocado no lanche oferecido pela

escola. Na verdade, era uma criança miúda, de ossatura pequena, mas, mesmo assim, Janine não deixava de se perguntar se a menina estava se alimentando direito. Era óbvio que alguma coisa a estava deixando infeliz e quando, na manhã anterior, Janine lhe perguntara qual era o problema, os pequenos olhos encheram-se de lágrimas.

— Quero meu pai — Trisha murmurou.

— Oh, querida, sei que sente falta dele. Já lhe disse como se sente?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Prometeu que viria me ver este fim de semana e ele nunca quebra uma promessa, mas tia Letty disse que teria que ser um louco para dirigir com esse tempo.

— Talvez ele dê um jeito, querida — Janine afirmou tentando consolar a menina.

— Acha mesmo?

Janine fechou os olhos e fez uma prece silenciosa. Desejara conhecer o pai de Trisha. Saberia ele da importância de uma promessa feita a uma criança? Soube naquele momento que teria que fazer algo para ajudar Trisha. Embora tentasse sempre evitar grandes envolvimentos emocionais com seus alunos, sabia que aquela menina derrubara todas as defesas que erguera para proteger seu coração.

Ao acordar aquela manhã, decidira ir até a fazenda. Se o pai de Trisha não tivesse ido vê-la, pelo menos estaria por perto para distraí-la. Por outro lado, se estivesse em casa, conversaria com ele.

Agora que estava a poucos quilômetros dele, Janine começou a ficar nervosa. Não sabia exatamente o que lhe diria, embora soubesse muito bem o que *desejava* dizer. Teria que medir suas palavras, não porque estivesse intimidada por ele ser um Callaway, mas porque não queria fazê-lo ficar bravo com a filha.

É melhor admitir, Janine, que está se metendo onde não foi chamada, e sabe disso, pensou. Passou horas tentando convencer a si mesma a não fazer aquela viagem, mas fora inútil. Tinha de fazer alguma coisa para apagar a expressão de sofrimento do rostinho da aluna.

— Oh, meu Deus! — Pisou no breque com força ao ver o riacho à sua frente. A correnteza parecia forte e a ponte de madeira que teria que atravessar não parecia nada confiável. Talvez devesse dar meia volta e ir embora. Poderia voltar outro dia.

Olhou para o céu e desanimou ao ver as pesadas nuvens sobre sua cabeça.

Já fizera a longa viagem e já estava chegando! Reprovando sua própria covardia, engatou primeira e atravessou, muito vagarosamente, a pequena ponte.

Não notara estar prendendo a respiração até chegar do outro lado do riacho e no alto da colina de onde se avistava uma grande casa. Soltou o ar sentindo-se aliviada. A vista do alto da colina era uma das mais belas do Texas.

A casa de diversos andares, feita de barro e pintada de branco, ficava no meio de diversas outras construções. Um muro cercava o conjunto, dando-lhe a aparência de uma pequena vila.

Havia estábulos e pasto, aonde se viam cavalos e gado. Não havia muitos sinais de atividade. De onde estava, via apenas alguns homens trabalhando nos estábulos.

Ao estacionar defronte à imensa porta de madeira maciça, Janine estava exausta. Até então não havia se dado conta da tensão que estava sentindo. Ficou sentada dentro do carro, respirando profundamente e dizendo a si mesma que só estava fazendo aquilo para o bem de Trisha.

Olhou no espelho para certificar-se de que seu cabelo castanho avermelhado estava bem preso no coque que fizera antes de sair de casa. Seus olhos verdes refletiam sua apreensão. Droga! Queria que seu rosto não demonstrasse tão facilmente suas emoções. Desde cedo aprendera a não entrar em jogos que exigissem expressão neutra.

— Vamos lá — murmurou para si mesma enquanto abria a porta do carro —, você sabe o que está fazendo. Pense em Trisha e tudo dará certo.

Desceu do carro e ali sou a saia do conjunto amarelo que estava usando. Tinha deliberadamente escolhido um conjunto colorido para dar-lhe coragem naquele dia cinzento.

Se tivesse declarado suas intenções para qualquer outro membro da escola, teriam ficado chocados ao saber que pretendia enfrentar Cameron Callaway. Por causa disso resolvera guardar segredo sobre aquela missão.

Bem, era hora de enfrentar o leão! Se Cameron Callaway estivesse em casa, se apresentaria e, dependendo da reação dele, decidiria como abordar o assunto que viera tratar.

Segurou sua bolsa com firmeza e dirigiu-se para a porta. Sentia-se melhor por ter um plano de ataque, por assim dizer. Bateu na porta de madeira maciça.

Poucos minutos depois, uma jovem hispânica veio atendê-la. — Olá. Posso ajudá-la?

De algum lugar dentro da casa, ouviu-se uma voz masculina:

— Quem é, Rosie?

Janine pigarreou antes de falar.

— Vim falar com o sr. Cameron Callaway.

Rosie abriu mais a porta e fez um sinal para Janine entrar. Com o braço indicou o homem que descia a escada.

Janine prendeu a respiração. Por *favor, Deus, não deixe que esse seja o homem que procuro,* pensou aflita.

A primeira coisa que notou foi a altura dele. Ele era alto e tinha ombros largos, quadril estreito e pernas compridas e musculosas. Depois notou que só estava parcialmente vestido. Usava um par de jeans desbotados que pareciam ter sido costurados sobre seu corpo. A cintura da calça era baixa e o primeiro botão não estava fechado. Além disso, estava calçando um par de mocassins velhos e nada mais.

Enquanto ele descia a escada, ela observou os pelos encaracolados que cobriam o peito forte. Mal notou a camisa azul que ele segurava em uma das mãos. Quando levantou o olhar para o rosto dele, deparou-se com dois olhos azuis encarando-a com um misto de irritação e curiosidade.

Ele precisava fazer a barba. A sombra azulada sobre o queixo e bochechas o faziam parecer-se com um bandido de filme de caubói. Seu cabelo estava molhado e uma mexa teimosa insistia em cair-lhe na testa.

— Sou Cameron Callaway. O que posso fazer por você?

Pode vestir uma camisa, foi o primeiro pensamento de Janine. Depois, tentou recobrar o controle.

— Eu, bem, estive pensando se poderia conversar consigo — conseguiu finalmente dizer.

Ele terminou de descer a escada e parou ao lado dela. Janine teve que levantar o rosto para poder encará-lo. Ele parecia estar avaliando-a.

— Sei que deveria ter telefonado primeiro, mas resolvi arriscar-me e ver se o encontraria em casa.

Ele ainda permaneceu uns momentos em silêncio antes de dizer:

— Teve sorte em me encontrar. E a primeira vez que venho para casa em três semanas.

Era muito pior do que havia imaginado.

— Três semanas? Isso é terrível! — exclamou sem pensar. Não era à toa que a filha estivesse sentindo falta dele.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Terrível? Não é a primeira palavra que vem à minha mente, mas, se é o que acha...

Janine podia sentir suas faces pegando fogo. Sabia que estava ficando corada.

Ele sacudiu a camisa e enfiou-os braços nas mangas, que enrolou até os cotovelos. Tentando não encarar o peito que permanecia exposto, Janine olhou ao redor do aposento. Estavam num grande vestíbulo. O pé direito era da altura de dois andares. A cerâmica vermelha do piso fora encerada e brilhava. Numa das paredes, podia ver uma porta de vidro que dava para um jardim de inverno, cheio de flores coloridas.

Quando voltou a olhar para o homem ao seu lado, Janine constatou que a camisa já tinha sido abotoada. Ele fez um gesto para que o seguisse para outra sala.

— Acabei de acordar e acho que uma xícara de café me deixará mais civilizado. Gostaria de me acompanhar?

Ela tentou esconder sua desaprovação. Já era quase meio-dia! Pelo menos, ele estava sendo gentil.

— Rosie, coloque outro lugar para... — Ele a encarou antes de continuar. — Desculpe-me, acho que esqueci de perguntar seu nome.

— Oh! — havia esquecido de se apresentar. — Sou Janine Talbot. Moro em Cielo e vim conversar com você sobre Trisha.

— Mesmo? Sente-se.

Janine achou a grande mesa com uma fileira quase interminável de cadeiras amedrontadora. Havia dois lugares postos em uma das pontas da mesa. Depois de servir o café, Rosie sorriu e se retirou.

Cameron sentou, pegou sua xícara e tomou um grande gole. Deu um suspiro de contentamento antes de levar a xícara novamente aos lábios.

Janine não saberia dizer por que ele parecia ser mais másculo do que os outros homens que conhecia. O fato era que parecia. Ele também a deixava muito consciente de sua feminilidade.

— Como conhece minha filha? — ele perguntou depois de ter terminado a primeira xícara de café.

— Ela é minha aluna — começou a explicar tentando decidir como abordar ò problema de Trisha.

Ele a encarou.

— Ela é sua o quê?

— Aluna.

— O que ensina para uma criança de cinco anos?

Ela o encarou, perplexa.

— Temos um extenso programa a cumprir. Se quiser, posso repassá-lo com o senhor. O jardim de infância é bastante...

— Jardim de infância! Está me dizendo que Trisha está freqüentando um jardim de infância em Cielo?

— Sim. Pensei que soubesse.

Ele fechou os olhos e massageou as têmporas com as pontas dos dedos.

— Letty aprontou mais uma das suas — murmurou.

Janine não teve certeza de tê-lo ouvido corretamente.

— O que disse? Ele suspirou.

— Nada. Por favor, continue. Estava me dizendo que Trisha é sua aluna. — A última coisa da qual precisava naquela manhã era de um sermão sobre a filha.

Janine juntou as mãos sobre o colo.

— Sim. Ela não está muito feliz.

— Isso não me surpreende. Poderia ter dito a você ou a Letty que minha filha não seria feliz trancada numa classe. De qualquer forma, nem deveria estar no jardim de infância antes do início do novo ano letivo. Deveria estar solta e brincando como qualquer criança de cinco anos.

Janine esforçou-se para não ficar na defensiva. Se já fazia três semanas que aquele homem não via a filha, não se surpreendia pela criança estar se sentindo tão abandonada. Seu coração condoeu-se pela menina. Escolheu cuidadosamente suas próximas palavras.

— Na verdade, temos bastante tempo livre para as crianças brincarem. O problema é que Trisha se recusa a juntar-se às outras crianças.

Ele tomou um gole de café.

— Trisha é assim. Ela tem uma personalidade forte e é muito independente.

—É óbvio que não está acostumada à companhia de crianças de sua idade. Ela não está nada feliz na escola. Sempre prefere ficar na classe conversando comigo a sair para brincar. Foi por isso que achamos que seria bom para ela passar esse semestre na escola.

— Se ela está infeliz, a solução é tirá-la da escola. Não sei o que Letty pretendia com isso. Terei que conversar com ela. — Cameron considerou a conversa encerrada.

— Temos esperanças de que ela se adapte à escola — Janine insistiu. — Se continuar a freqüentar a escola, terá maior facilidade para se adaptar no próximo semestre.

Ele não respondeu ao seu comentário. Franziu as sobrancelhas e passou os dedos pelos cabelos molhados despenteando-os.

Janine colocou as mãos sobre a mesa e forçou-se a prosseguir.

— Sr. Callaway, não acho que a escola seja o principal problema de Trisha e foi por isso que vim vê-lo pessoalmente.

Ele a olhou com intensidade.

— Fico feliz por estarmos chegando ao cerne da questão. Em sua opinião, qual é o problema?

A discussão estava sendo muito mais difícil do que ela previra. Cameron Callaway não correspondia ao homem que imaginara após ouvir as histórias contadas por Trisha. Ele era um homem muito mais duro do que a filha descrevera. Quanto mais tempo passava na sua presença, mais nervosa Janine ficava. Ela pigarreou novamente.

— Tem noção do quanto sua filha sente a sua falta? Ela fala no senhor o tempo todo.

Ele recostou na cadeira e sorriu. Ela não estava preparada para vê-lo deixar transparecer seu lado charmoso e atraente.

— Bem, sinto saudades dela também. Parece que não temos tido muito tempo para ficar juntos... — ele interrompeu a frase e a encarou. — É por isso que está aqui? Fez uma longa viagem só para me dizer que minha filha sente saudades minhas?

Ela podia sentir suas faces esquentando outra vez.

— Bem, eu...

— Ou terá vindo aqui dizer-me que estou negligenciando minha filha? — Ele jogou a cadeira para trás e ficou em pé. Janine também se levantou.

— Olhe, srta. Talbot, não preciso que uma professorinha pudica e recatada venha me dizer como educar minha filha. — O olhar que ele lhe lançou teria derretido aço. — Se Trisha não está feliz na escola, ficará em casa. Se sente minha falta, é problema meu. Não quero que uma pessoa como você, que não sabe nada sobre a educação de crianças, venha me dar conselhos! — A combinação nada saudável de cansaço e falta de alimentação adequada fizeram-no perder o controle.

Ele pousou as mãos sobre a mesa e inclinou-se para frente. Numa voz muito baixa e trêmula de raiva, disse:

— O problema com a senhorita é que parece ter tempo demais ocioso. Eu apostaria que sua profissão é a sua vida. Bem, dirigiu até aqui para me conceder o benefício de seus conselhos. Muito bem, não quero que vá embora de mãos

vazias, por isso, vou dar-lhe um conselho: por que não se casa e forma uma família com a qual poderá preocupar-se à vontade? Pare de se preocupar com a minha!

Quando ele terminou de falar, Janine já estava a meio caminho da porta. Estava tremendo de raiva e indignação, mas recusava-se a deixá-lo dar a última palavra.

Ergueu os ombros e o queixo e encarou o homem que a olhava furioso.

— Pelo menos agora compreendo melhor o que está acontecendo com sua filha. Sinto pena do senhor, sr. Callaway. Com todo o seu poder e riqueza não foi capaz de perceber a jóia que tem dentro de casa. Sinto ainda mais pena de Trisha. Infelizmente, ela não pode se mudar para uma outra família, que pudesse amá-la e fazê-la sentir-se segura. Ela não tem escolha a não ser ficar aqui e definhar emocionalmente! — dizendo isso, ela se virou e marchou para fora da sala de jantar.

Cameron sentou-se outra vez e pasmado, ficou olhando para o lugar onde a mulher de temperamento explosivo estivera parada há poucos segundos. Ouviu a porta da frente bater e, segundos mais tarde, o ruído de um automóvel se afastando com pressa.

Trisha escolheu aquele exato momento para irromper sala adentro.

— Papai, papai, você está acordado! — Ela se jogou nos braços dele e o abraçou. Definhando emocionalmente? Sua filha?

— Angie disse que eu poderia vir perguntar-lhe o que quer comer.

— Qualquer coisa. Não importa.

— Você quer café da manhã ou almoço?

— Café da manhã.

Ela afastou-se dele e correu para porta.

— Vou falar para Angie o que quer.

Definhando? Se aquela criança tivesse um pouco mais de energia, desmoronaria a casa.

Ficou sozinho, sentado na sala, sentindo-se envergonhado. Normalmente mantinha um bom controle sobre seu humor. Já havia sido atacado por críticos muito mais ferozes e nunca havia perdido o controle sobre suas emoções como naquela manhã. Mas aquele episódio fora diferente. Janine o atacara no seu ponto mais vulnerável.

Sabia que era um pai inadequado. Era muito consciente de suas limitações. O problema era que não sabia o que fazer para melhorar. Tinha boas intenções. Jamais tivera a intenção de passar tanto tempo sem ver a filha e rezara que seus

telefonemas diários tivessem compensado sua ausência.

A quem estava tentando enganar? Nem ao menos ficara sabendo que sua única filha já estava freqüentando a escola. Por que a menina não lhe contara sobre a escola num daqueles telefonemas? Não compreendia.

Quem era Janine Talbot? Conhecia a maioria dos residentes da pequena cidade de Cielo. Nascera e crescera naquela região e nunca ouvira falar dela. Se a tivesse visto antes, se lembraria. Afinal, que homem esqueceria aqueles olhos verde-esmeralda? Sob a luz do enorme lustre de cristal, o cabelo dela brilhara com reflexos avermelhados. Ela definitivamente havia conseguido alegrar o dia cinzento com seu conjunto amarelo que, aliás, deixava à mostra um par de belas pernas. O resto do corpo, escondido sob o corte severo do conjunto de saia e *blazer*, também não devia ser de se jogar fora. Fez uma careta ao lembrar-se das coisas que havia dito. Teria de procurá-la na cidade para desculpar-se. Era o mínimo que podia fazer.

Pegou o bule de café que ainda estava sobre a mesa e serviu-se de mais uma xícara.

Perguntou-se como uma mulher bonita como ela ainda permanecia solteira e sem filhos. Não que isso fosse muito importante, afinal, não tinha a intenção de interessar-se por mulher alguma. Nunca mais passaria pela agonia de amar alguém e, depois, perdê-la. Tinha Trisha e a amava muito, apesar do que a professora pudesse pensar. Queria o melhor para a filha.

Depois de devorar o café da manhã que Rosie colocou à sua frente, Cameron decidiu procurar tia Letty. Como o lugar preferido dela era o solário, começaria sua busca por aquele aposento. Acabara de sair da sala de jantar quando ouviu alguém bater na porta.

— Pode deixar, Rosie. Eu atendo. — Ao abrir a porta, seu queixo caiu.

Do lado de fora, a chuva caía com força. A sua porta, estava Janine Talbot, ensopada dos pés à cabeça. Ela estava tremendo.

Envergonhado pela sua conduta anterior, segurou-a pelo braço e puxou-a gentilmente para dentro. Ela ficou parada no saguão, a água que escorria de seu cabelo e de sua roupa formava uma poça aos seus pés. A roupa estava grudada ao corpo esbelto confirmando a avaliação que Cameron fizera enquanto pensava nela. Certamente não havia naquele corpo nenhuma forma que não fosse absolutamente perfeita. Ela passou as mãos pelos cabelos molhados e o olhou desanimada.

— O que houve? — ele perguntou preocupado. — Sofreu um acidente? Está se sentindo bem?

Ela estremeceu e passou os braços ao redor do corpo.

— A ponte... quando cheguei à primeira ponte, vi que não estava mais lá. Quase não vi a tempo.

— Não acredito! A ponte não está no lugar?

Ela fez um gesto afirmativo.

— Desci do carro e caminhei até a beira da água. A ponte foi arrastada pela correnteza. Eu não sabia o que fazer. — Ela o encarou rapidamente e desviou o olhar. — Não queria voltar, mas não consegui pensar em nenhuma outra alternativa.

— Você precisa tirar essa roupa molhada e se enxugar. Depois conversaremos. Devo-lhe um pedido de desculpas. O que eu disse foi imperdoável, eu sei. Tive uma semana difícil e estou muito cansado. Assim mesmo, não tinha o direito de descontar em você. Sinto muito. — Ele pousou uma mão nas costas dela, o que só a fez tremer ainda mais. — Vamos subir e trocar de roupa, está bem?

Janine fechou os olhos e tentou raciocinar. Aquela manhã tinha sido um verdadeiro desastre. Quando o deixara sozinho na sala de jantar jurara nunca mais falar com ele. Agora, entretanto, precisava de sua ajuda.

Que desmoralizante!

Nada tão embaraçoso e humilhante havia lhe acontecido em seus trinta e dois anos de vida. Pela primeira vez desde que se mudara para o Texas, perguntou-se se teria cometido um erro. Talvez devesse ter ficado no Colorado.

CAPÍTULO II

Cameron puxou-a pela mão e Janine concluiu que não havia nada a fazer a não ser segui-lo. Não podia continuar parada formando uma poça de água bem no meio do saguão, arruinando assim o chão encerado. Ele a soltou assim que se certificou de que ela o seguiria escada acima. Janine ficou um pouco atrás dele e observou cuidadosamente o ambiente que a rodeava.

Nunca fora particularmente curiosa sobre o estilo de vida dos Callaway, o que a tornava parte de uma pequena minoria na escola particular onde dava aulas há pouco mais de um ano. Ainda se lembrava da onda de excitação que tomou conta de todos os funcionários quando Trisha foi matriculada. Ficara abismada com as coisas que os colegas foram capazes de fazer para descobrir detalhes da vida da menina e de sua família.

Podia imaginar a avalanche de perguntas que teria de responder quando ficassem sabendo de seu último incidente. Janine era conhecida por seus incidentes. Sempre que um equipamento da escola dava problemas, era ela quem

o estava operando.

Uma vez havia ficado trancada dentro da classe. Saíra da escola e, no carro, lembrou-se de ter esquecido alguns trabalhos que tinha que corrigir. Deixou a bolsa no carro e voltou correndo para o prédio. Ao entrar na classe, deixou a porta bater e a fechadura era do tipo que não virava. Sua sorte foi que ainda havia uma outra professora dentro da escola que a ouviu bater na porta e chamar por socorro. Caso contrário, teria passado um fim de semana inteiro dentro da sala de aula. Seus colegas nunca a deixavam esquecer o incidente.

Agora disse a si mesma para gravar cada detalhe do que estava vendo para poder fazer um relatório completo para os curiosos de plantão. Talvez não chegassem a descobrir que tinha ficado presa na fazenda, sem poder voltar para casa.

No topo da escada havia um pequeno saguão e, deste, saiam três corredores. Cameron caminhou pelo corredor central sendo seguido por ela que tentava minimizar o barulho desagradável que seus sapatos molhados estavam fazendo. Seus sapatos novos estavam arruinados, mas, no momento, aquela era sua menor preocupação.

Cameron parou em frente a uma porta é a abriu.

— Desculpe a bagunça. Vou deixá-la tirar as roupas molhadas e tomar um banho quente. Enquanto isso, vou ao quarto de Allison ver se encontro alguma roupa para você usar.

— Allison?

— Ela é a esposa do meu irmão Cole. Eles moram em Austin, mas passam bastante tempo aqui na fazenda. Allison tem algumas roupas que sempre deixa aqui. — Ele fez um gesto para que ela entrasse no quarto e fechou a porta deixando-a sozinha.

Janine ficou parada por uns momentos observando o quarto masculino. As roupas de cama amarrotadas eram indicação de uma noite mal dormida. A calça e o paletó de um terno escuro estavam cuidadosamente colocados sobre uma poltrona de aparência confortável.

Lembrando-se de que estava respingando água no carpete, Janine apressou-se a entrar no banheiro contíguo. O aposento parecia ainda guardar os restos de vapor do banho que Cameron tomara. Ela estremeceu de frio dentro das roupas molhadas e, com dedos trêmulos, começou a despir-se. Ao segurar o *blazer* do conjunto amarelo, sentiu uma ponta de tristeza. Aquela roupa era uma das suas favoritas e as crianças a adoravam. Suspirou. Talvez o tintureiro fosse capaz de recuperá-lo. Colocou suas roupas sobre o porta-toalhas e ligou o

chuveiro.

Assim que a água quente bateu em seu corpo frio, Janine suspirou de alívio. Não conseguia se lembrar de jamais ter tomado banho tão bom. Colocou a cabeça sob o jato de água e massageou o couro cabeludo. Era como estar no céu.

Quando finalmente saiu do banho, Janine sentiu-se como nova. Encontrou, no armário sob a pia, uma pilha de toalhas limpas e escolheu uma, tamanho gigante, que a envolvia dos ombros aos joelhos.

Uma batida suave na porta a assustou tanto que quase deixou a toalha cair.

— Sim? — respondeu agarrando o pano macio.

— Encontrei um roupão para você usar — Cameron anunciou do outro lado da porta. — Está em cima da cama.

— Obrigada — conseguiu responder em voz calma, controlando a ansiedade que ele lhe causava. Não sabia muito bem por que estava reagindo daquela forma. O fato de ser um Callaway era bastante intimidante, mas não era tudo. Ele lhe causava sentimentos que não sabia explicar. Estava envergonhada por ter perdido o controle na sua frente. Não poderia ter sido menos profissional nem que tentasse. O comentário dele a magoara porque estivera certo. Seu emprego na escola *era o* centro de sua vida. Seus colegas eram seu únicos amigos.

Ele a tinha chamado de pudica. Será que era essa a impressão que dava?

Janine levantou o olhar para o espelho que ainda estava um pouco embaçado por causa do vapor do banho quente. A toalha deixava seus ombros à mostra. Os cabelos recém lavados já começavam a secar em cachos e ondas. O único jeito de mantê-los arrumados era secando-os com o secador imediatamente depois de lavá-los. Como não tinha um secador à mão, teria que deixá-los secaram naturalmente.

Inclinou-se na direção do espelho. Pudica e recatada. Seria assim tão óbvio? Um par de grandes olhos verdes a encararam de volta. O que causaria aquela impressão? Talvez fosse seu penteado. Ou seriam suas roupas e maquiagem? Qual seria o detalhe que a traía?

Achava que, devido às circunstâncias, havia feito de sua vida o melhor que podia. Amava crianças e decidira dedicar a vida a elas, mesmo que não fossem suas. Será que as crianças a viam como pudica e recatada?

Lembrou-se de um dia da semana anterior que passara algumas horas no chão imitando animais com as crianças. Seus alunos pareceram divertir-se muito com sua imitação de uma galinha.

Houve também aquela outra vez em que levara uma enorme casca de

tartaruga feita de papel machê e discutira com as crianças as dificuldades de se carregar a casa nas costas. Será que a tinham achada pudica e recatada ao vê-la espernear no chão tentando rolai* de barriga para baixo? Imaginou o que o pai de Trisha diria se a tivesse visto naquele dia.

Deu uma última secada no cabelo com a toalha, abriu cuidadosamente a porta do banheiro e espiou o quarto para certificar-se de que Cameron não estava lá. O quarto estava vazio. Saiu do banheiro na ponta dos pés, o que a fez rir de si mesma. Por que estava tentando não fazer barulho?

Numa casa daquele tamanho poderia dar uma festa no quarto que ninguém ouviria.

O robe que encontrou sobre a cama era lindo. A fazenda macia era estampada de nuances de verde, azul e dourado. Allison Callaway tinha muito bom gosto e estilo. Ao lado do roupão encontrou um bilhete que dizia: "Não sabia quanto calça. Por enquanto, use um par das minhas meias". Um grande "C" aparecia como assinatura.

Ele estava sendo muito gentil, Janine pensou, especialmente considerando a forma como a tratara mais cedo. Havia algo naquele homem que não conseguia compreender.

Depois de vestir o roupão comprido e o par de meias de algodão, caminhou até a janela e olhou para fora. A chuva continuava caindo fazendo um ruído ritmado na janela de vidro. Sorriu. Se seus alunos estivessem ali, ela os faria escutar atentamente para tentar identificar uma melodia.

Depois de escovar os cabelos com uma pequena escova que carregava na bolsa, concluiu estar pronta para voltar a encarar Cameron Callaway. Ele já tinha se desculpado e, agora, era sua vez de pedir desculpas pelo comportamento imperdoável da manhã.

Assim que saiu do quarto, porém, percebeu que não saberia refazer o caminho de volta para o andar inferior. De qual direção tinham vindo? Olhou para os dois lados e não viu nada de que se lembrasse, apesar de seus esforços anteriores de memorizar todos os detalhes da decoração da casa.

Caminhou hesitante para o lado esquerdo e, poucos minutos mais tarde, suspirou aliviada ao encontrar a escada que subira com Cameron.

Desceu até o saguão e notou que a poça de água que havia formado ao entrar, já tinha sido seca. A cerâmica do piso brilhava como sempre. Caminhou pela casa olhando pra dentro de aposentos vazios e perguntando-se o que deveria fazer.

— Senhorita Talbot! Você veio me visitar!

Ela se virou a tempo de segurar o furacão humano que se atirou sobre ela e a abraçou pelas pernas quase fazendo-a perder o equilíbrio.

— Oi, Trisha!

— Oh, senhorita Talbot, eu não sabia que você sabia onde moro. Quer ver onde brinco?

Janine sentiu-se mais à vontade agora que estava na companhia da menina.

— Claro, Trisha, leve-me até lá.

O aposento no qual entraram era encantador. O teto e três paredes eram feitas de vidro e davam vista para o jardim de inverno. Parte da sala estava decorada com móveis de cana da índia, práticos e confortáveis. O resto do espaço era devotado a brinquedos e jogos. Num canto havia urna cozinha de brinquedo em miniatura, com panelas e louça também em miniatura. Um cavalo de pau ocupava um outro canto.

Cestas de vime cheias de flores secas pendiam do teto dando um toque de cor e alegria à decoração.

— É maravilhoso, Trisha. Aposto que se diverte muito aqui.

— Hum-hum. Mas é mais divertido quando Katie vem brincar comigo.

— Katie é uma amiguinha?

— Não, ela é minha prima. Isso é quase como irmã só que ela mora com a mãe e o pai dela. Sua mãe vai ter mais dois bebês.

— Ah, agora me lembro. Katie deve ser filha de sua tia Allison.

— Ela é menor do que eu; só tem dois anos e meio. Ela traz suas bonecas e brincamos de mamãe.

Janine sentiu o nó que se formava em sua garganta ao constatar como as meninas desenvolviam o desejo de se tornar mães cedo.

— Quer ver minhas bonecas?

Ela sentou em uma das poltronas e fez um gesto afirmativo.

Trisha correu para um lado do aposento onde haviam várias camas em miniatura. Pegou todas as bonecas que conseguia carregar e voltou para o lado de Janine, colocando as bonecas sobre seu colo.

— Elas não são lindas? — murmurou encostando-se na professora.

As bonecas não eram novas e tinham sinais de terem sido muito amadas. As roupas porém, estavam escrupulosamente limpas, e passadas. Janine olhou para a cabecinha loira ao seu lado e sentiu vontade de chorar. Era óbvio que a menina vinha dando para as bonecas o amor e carinho de que ela própria sentia falta. Haveria alguém que a tratasse assim?

— Trisha, está na hora de almoçar e dormir um pouco. Janine virou a

cabeça e se deparou com uma mulher alta, magra e grisalha parada à porta. A mulher olhou para ela.

— Deve ser a sita. Talbot. Sou Letícia Callaway, tia de Cameron. Meu sobrinho me contou que veio vê-lo. Sinto muito pelo inconveniente causado pela ponte. Teve sorte de não ter se machucado.

Janine, que não havia considerado essa possibilidade, estremeceu.

— Cameron está andando pela fazenda com os empregados, avaliando os estragos causados pela chuva — Letty explicou. — Gostaria de almoçar com Trisha?

— Oba! — a menina exclamou batendo palmas. — Poderíamos fingir que é uma festa.

A expressão da mulher mais velha suavizou-se por um instante. As rugas naquele rosto pareciam permanentes e Janine perguntou-se se a tia de Cameron sabia sorrir.

— Isso seria divertido — Letty concedeu olhando para Janine.

— Não se preocupe comigo, por favor. Sinto muito por ter ficado presa aqui. Quando saí de casa esta manhã, achei que o tempo melhoraria. — Enquanto falava, Janine ajudou Trisha a recolocar as bonecas nas respectivas caminhas e, depois, seguiu Letícia pára fora do aposento.

Chegaram a uma sala que parecia ser a copa. Rosie estava servindo a comida quando chegaram. Janine imediatamente notou que só havia lugar para duas pessoas à mesa.

— Não vai fazer-nos companhia? — perguntou para a tia de Cameron.

— Não costumo comer muito durante o dia. Nenhum de nós tem horário fixo para fazer as refeições. A única exceção é o jantar. Faço questão de que a família toda se reúna às sete para jantar. — Ela passou o olhar pelo roupão que Janine estava usando. — Parece usar o mesmo manequim de Allison. Tenho certeza de que ela não se importará se pegar mais roupas emprestadas.

— Obrigada, mas estou certa de que não será preciso. Devo conseguir voltar logo para casa.

A mulher a encarou por uns instantes.

— Não conte com isso. Esta não é a primeira vez que ficamos ilhados aqui e tenho certeza de que não será a última.

— Oh, mas... — interrompeu-se ao notar que a mulher não permaneceu no aposento para ouvir sua resposta.

— Estou tão feliz que esteja aqui para almoçar comigo — Trisha afirmou. — É muito ruim comer sozinha.

— Sempre almoça sozinha?

— Às vezes finjo que papai está comigo e às vezes finjo que meu amigo invisível me faz companhia.

— Seu amigo invisível?

— Ralph. Ele é um gigante que morava nas montanhas, mas tinha tanto medo do escuro que o convidei para vir morar comigo.

— Entendo. Ele fica aqui com você o tempo todo?

— A maioria do tempo. Às vezes ele sai para verificar as coisas, como os gigantes têm que fazer.

Quando terminaram de comer, Trisha estava com sono e não foi difícil para Janine convencê-la a ir deitar, especialmente depois de prometer que estaria lá quando a menina acordasse.

Janine ficou com ela até que caísse no sono, mais consciente do que nunca da existência solitária da aluna. Talvez não devesse ter dito as coisas que dissera a Cameron, mas o havia feito por amor e preocupação com a filha dele. Morria de pena de Trisha, mas sabia que não podia fazer mais nada para ajudá-la. Já havia falado demais.

Quando Cameron retornou, estava molhado, com frio e chateado. Não havia nada que pudessem fazer enquanto ainda estivesse chovendo. A correnteza do riacho estava muito forte e não havia sentido em arriscar um afogamento para reerguer a ponte.

Discutira o problema com Alejandro, o capataz da fazenda, que lhe prometera ficar de olho no riacho. Assim que as águas se acalmassem, colocaria alguns homens trabalhando na ponte.

Cameron entrara na casa pela porta dos fundos. A caminho de seu quarto, viu Janine na sala de estar, encolhida no sofá, em frente à lareira acesa, lendo uma revista.

Teve um pouco de dificuldade em reconhecê-la como sendo a mesma mulher que ali chegara naquela manhã. Com o cabelo solto e os cachos emoldurando-lhe o rosto, parecia consideravelmente mais jovem. As chamas da lareira ressaltavam os reflexos avermelhados nos cabelos macios. Ela parecia pertencer àquele lugar, parecia estar esperando que ele voltasse para casa. Cameron teve um impulso quase irresistível de entrar na sala, deitar no sofá e colocar a cabeça no colo de Janine. Quase podia sentir os dedos longos acariciando seus cabelos e rosto.

Quando percebeu a direção que seus pensamentos estavam tomando, xingou-se silenciosamente, fez meia volta e afastou-se.

Estava sozinho há muito tempo, isso era tudo. Não estava procurando um relacionamento, mesmo que seus pensamentos o estivessem traindo.

Subiu as escada de dois em dois degraus desabotoando a camisa molhada. Que confusão. Não havia jeito de livrar-se dela. Pensou que poderia contatar Pete em San Antônio e pedir-lhe para vir buscá-la no helicóptero da companhia, mas que motivo daria para aquele dispêndio? A situação não era uma emergência e, com certeza, até segunda feira teriam conseguido fazer uma ponte provisória sobre o riacho. Além disso, não fazia sentido arriscar um vôo naquele clima.

Olhou para fora da janela de seu quarto. A chuva continuava caindo. Alejandro lhe dissera que colocara a maior parte dos empregados transferindo o gado das regiões baixas para a montanha, o que era mais importante do que a ponte. Droga, aquele lugar era como uma cidade. Tinham provisões para alimentar a todos durante diversas semanas, se fosse necessário.

O banho estava quente e Cameron tentou esvaziar sua mente enquanto ficava parado em baixo do jato de água. Não adiantou: seus pensamentos voltaram para Janine Talbot.

Ambos estavam encalhados na fazenda. Mesmo estando o judiciário em recesso, planejara usar aquela semana para colocar em dia uma série de trabalhos atrasados. Provavelmente poderia pedir para sua secretária mandar por fax as coisas mais urgentes. No meio tempo, ele e a srta. Talbot seriam forçados a tolerar um ao outro.

A explosão dela o havia surpreendido. A princípio, parecera ser uma pessoa calma. Obviamente havia tocado num ponto fraco.

Bem, então estavam quites, pois ela também tocara em seu ponto fraco. Quem ela pensava ser para vir à sua casa e dizer-lhe que estava negligenciando a própria filha?

Ele suspirou. Droga, sabia que ela estava certa. Embora falasse com Trisha todos os dias, ficara semanas sem vê-la. Seu maior problema era que sabia muito pouco sobre crianças e estava fazendo o melhor que podia. Então, por que um par de olhos verdes ficava aparecendo em sua mente, com uma expressão reprovadora?

Desligou a torneira e saiu do chuveiro. Agarrou uma toalha, enxugou vigorosamente a cabeça e o corpo e a jogou sobre o porta-toalhas. Foi só então que viu...

Como poderia não ter reparado antes no fato de que havia roupas dela penduradas em quase todos os lugares disponíveis? O *blazer,* a saia, a blusa, a anágua e o conjunto de calcinha e sutiã mais rendado que já vira.

Sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago. Imagens da vida com Andréa invadiram sua mente. Estava sozinho há quatro anos e esquecera-se de como era estar cercado por roupas femininas. Esquecera também do quanto gostava de dividir seu espaço com a pessoa amada. Fechou os olhos, esperando que a dor em seu coração aliviasse.

Cole e Cody haviam lhe garantido que, com o tempo, se libertaria daquela agonia. Lembraram-no da época que se seguiu à morte dos pais. Tinham aprendido a conviver com a tragédia. O que Cameron aprendera era que nunca deixaria de sentir a perda, apenas aprenderia a conviver com a dor.

Por enquanto, sempre que alguma coisa acionava sua memória, viajava no tempo antes que conseguisse se controlar. Quando lhe disseram que Andréa estava morta, quisera morrer também. Seus irmãos lhe contaram, mais tarde, que os médicos temeram por sua recuperação, depois que soubera da morte da esposa.

Ninguém compreendia que, naquela época, viver ou morrer dava na mesma? Não sabia se conseguiria viver sem Andréa.

Conseguira. Descobrira que o único jeito de continuar vivendo era levando um dia de cada vez, sem nunca pensar no futuro. Não agüentava pensar no fato de que a esposa não veria Trisha crescer. Haviam conversado sobre o futuro da filha, de como seria o primeiro dia dela na escola e coisas assim. Tinham também decidido ter outros filhos para que a menina não crescesse sozinha.

Nada disso tinha mais importância. Afinal, Trisha estava crescendo sozinha e ele nem soubera de seu primeiro dia na escola.

Quando Cameron finalmente desceu as escadas, havia expulsado todas as lembranças de sua mente e concentrava-se no presente. Ao entrar na sala de estar, porém, voltou a ficar perturbado com a cena à sua frente. Janine colocara a revista de lado e recostara a cabeça no encosto do sofá. Estava de olhos fechados e Cameron não sabia se estaria dormindo ou apenas descansando.

Moveu-se silenciosamente até a lareira e colocou mais lenha no fogo. Ao terminar, voltou a olhá-la. Janine continuava na mesma posição, mas seus olhos estavam abertos.

— Não quis incomodá-la -— ele desculpou-se.

— Não incomodou. Eu, bem, estava esperando para vê-lo e... — ela se interrompeu e respirou profundamente —, para pedir desculpas pelo meu comportamento dessa manhã. Eu estava completamente errada em me meter em assuntos que não me dizem respeito e sinto muito pelo que disse.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar. Parecia embaraçado com o pedido

de desculpas. Quando voltou a encará-la, permaneceram em silêncio, olhando um para o outro. Finalmente, Janine perguntou:

— Conseguiram tomar alguma providência quanto a ponte?

Ele voltou a balançar a cabeça.

— Infelizmente estamos os dois encalhados aqui.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Ambos?

— Sim. Eu tinha planejado voltar para San Antônio amanhã. Estive envolvido com um julgamento nas últimas três semanas e, embora estejamos em recesso, tenho vários problemas para resolver no escritório. Agora terei que fazer o possível para resolvê-los daqui.

— Você é advogado?

— Sim, pensei que soubesse.

Ela negou com a cabeça fazendo com que os cachos se movessem sobre os ombros.

— Não, acho que Trisha não compreende muito bem o seu trabalho — explicou sorrindo.

Ele não sorriu de volta.

— Imaginei que tivesse outras fontes que não fosse minha filha.

Ela ergueu o queixo e o encarou fixamente.

— Se está insinuando que andei xeretando a vida de sua família, sr. Callaway, está redondamente enganado. Sei muito pouco sobre qualquer um de vocês.

Ele sorriu.

— Eu não estava insinuando nada, srta. Talbot. A experiência mostra que, por algum motivo, a imprensa acha minha família fascinante, qualquer coisa que um de nós faça acaba nos jornais, revistas e televisão. Seria difícil não saber nada sobre nós.

— Bem, nesse caso, devo parecer absurdamente desinformada. Só me mudei para o Texas há um ano. Ou os Callaway não fizeram nada digno de notícia nesse período ou perdi a chance de vê-lo no noticiário das seis!

Ele riu do tom indignado da voz dela e sentou na outra ponta do sofá.

— De onde veio?

— Colorado.

— Um Estado maravilhoso. O que a fez mudar-se para o Texas?

— Ofereceram-me o emprego que tenho e decidi mudar-me. Queria me afastar da cidade onde cresci. Depois que minha mãe morreu, achei que seria

melhor começar vida nova em outro lugar.

Ele ouviu na voz dela uma ponta de uma emoção que parecia tentar esconder. Tudo o que estava lhe contando era uma história suficientemente comum. Tinha certeza de que havia algo por trás daquela mudança. Seria mágoa?

— Não imaginei que Cielo fosse o tipo de cidade com atrativos suficientes para afastar uma pessoa da beleza do seu Estado de origem. Da última vez que eu ouvi dizer, a população de Cielo mal chegava a vinte e cinco mil habitantes.

— Gosto daqui.

— Fico feliz.

Mais uma vez o silêncio os envolveu. Quando percebeu que ela não diria mais nada, Cameron voltou a falar.

— Quero que saiba que realmente sinto muito pelo que lhe disse essa manhã. A verdade é que sei que não passo tempo suficiente com minha filha e esse é um assunto que me incomoda. Além disso, fiquei chateado por Letty tê-la matriculado na escola sem me consultar. Não esperava que fosse para a escola antes do outono.

— Quando ela fez os testes na primavera, achamos que precisaria se acostumar a conviver com crianças da sua própria idade. A diretora da escola discutiu o assunto com alguém da sua família e achei que esse alguém tivesse sido o senhor. Ficou acertado que começaria a freqüentar a escola imediatamente.

Cameron inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e passando as mãos pelos cabelos.

— Não — ele respondeu desanimado. — Não foi comigo que discutiram essas questões.

— Ela o ama muito, sabe? — ele a ouviu murmurar. Por que isso não o fazia sentir-se melhor?

— Eu a adoro e sei que ela não tem visto muitos sinais disso.

Mais uma vez ficaram em silêncio e Cameron sentiu que ela o condenava. Ergueu o tronco vagarosamente e a encarou.

— Olhe, já que estamos encalhados aqui, seria melhor se dispensássemos as formalidades. Meu nome é Cameron e meus amigos me chamam de Cam.

Ele parecia tão embaraçado que Janine foi obrigada a sorrir.

— Meu nome é Janine.

— E um nome bonito.

— Obrigada.

— O resto da sua família ainda mora no Colorado? Ela balançou a cabeça.

— A única família que eu tinha era minha mãe e ela faleceu há dois anos.

— Oh, sinto muito.

— Não sinta. Ela estava doente, de cama, há muito tempo e sentia muitas dores. Já estava pedindo para ser libertada.

— Deve ter sido difícil para você.

— Sim.

Ele recostou no sofá.

— Então, era filha única. Nós somos três homens. Sou o filho do meio. Há uma diferença de cinco anos entre cada um de nós, o que significa que não crescemos muito juntos. Ainda assim, conseguimos permanecer razoavelmente unidos ao longo dos anos. Ela não disse nada e Cameron voltou a sentir-se desconfortável. Droga, será que ela não sabia participar de uma conversa? Tudo o que fazia era dar respostas curtas e polidas às suas perguntas.

— Gostaria de beber alguma coisa? Temos um bar bastante completo. Gostaria de um vinho, ou qualquer outra coisa?

— Uma taça de vinho seria bom, obrigada.

— Ótimo. Diga-me que tipo de vinho lhe agrada e irei procurar um ao seu gosto.

Ela sugeriu um vinho branco e seco e Cameron saiu da sala para servi-la. Enquanto caminhava até o bar, perguntou-se se deveria mudar de idéia e pedir para Pete vir buscá-los de helicóptero. O problema era que não sabia bem quem precisava de resgate: ele próprio ou sua hóspede.

CAPITULO III

E aí ela anunciou na frente da classe toda que não sentaria ao lado de David porque meninos têm piolhos.

Cameron caiu na gargalhada sendo imitado por Janine. Haviam terminado de jantar e o resto dos habitantes da casa já tinham se recolhido aos seus aposentos. Ele e Janine estavam, outra vez, na sala de estar bebendo vinho e conversando descontraidamente.

— De onde ela tirou uma coisa dessas? — Janine perguntou quando conseguiu parar de rir.

— Não tenho dúvidas de que isso é coisa de Tony. Acho que começou quando ele lhe disse que todas as meninas têm piolhos, coisa que ela negou veementemente. Agora modificou a história para sua conveniência.

— Tony?

— O filho de Cole. Ele vai fazer dezoito anos no verão, mas, quando está

com Trisha, parece não ter mais do que seis!

— Ah, sim, Trisha me falou dele. — Ficaram sentados lado a lado, observando o fogo crepitar na lareira. Cameron nunca se sentira tão ciente da presença de uma pessoa ao seu lado, como se sentia naquele momento. Letty tinha telefonado para Allison antes do jantar e esta a assegurara de que teria o maior prazer em emprestar suas roupas para a professora. Janine encontrara no armário um conjunto de calça e blusa de seda. A calça era verde esmeralda e a blusa uma mistura de várias cores. Felizmente, os sapatos de Allison também lhe serviram. No momento, porém, não os estava usando. Seus pés descalços estavam apoiados na mesa de centro ao lado dos de Cameron.

— Já é tarde, eu deveria ir para a cama — ela murmurou. _ Por quê? Poderá dormir até tarde amanhã.

— Na verdade, prometi a Trisha ajudá-la a colorir algumas gravuras.

— Ela a perdoará se chegar um pouco tarde. Janine virou a cabeça para encará-lo.

— Eu me diverti muito essa noite, Cam. Você fez com que me sentisse como uma convidada e não como uma invasora.

— Não é uma invasora, Janine. Achei que já tivesse deixado claro que aprecio o fato de se preocupar com minha filha a ponto de vir falar comigo.

— Mas estava certo quando disse que isso não era da minha conta.

— Fico feliz que se preocupe, acredite. — Ele tocou o rosto dela com a ponta dos dedos e verificou que, como já suspeitava, a pela clara era macia como cetim. Ela sorriu e fechou os olhos. Ele segurou seu rosto entre as mãos e a beijou delicadamente nos lábios.

O suspiro de prazer que escapou da garganta de Janine quase o fez pegar fogo. Mudou de posição, de modo a poder abraçá-la e beijá-la mais profundamente.

Quando finalmente ergueu a cabeça, Janine comentou com a voz rouca:

— Não acho que essa seja uma boa idéia.

Ele sorriu do fraco protesto. Ela não se mexera nem para abrir os olhos.

— Eu discordo. Acho que foi uma excelente idéia. Venho querendo beijá-la há horas.

Ela abriu os olhos vagarosamente e o encarou.

— Mesmo quando achava que eu era pudica e recatada? Ele continuou sorrindo.

— Especialmente quando parecia pudica e recatada. Eu estava louco para vê-la quente e perturbada.

— Verdade?

— Hum.

— Você é perigoso, Cameron Callaway.

— E o que me dizem.

— Encheu-me de comida maravilhosa e vinho e, agora, tudo o que quero é me enrolar como uma gata e dormir.

— Isso é *tudo* o que quer?

Até o sorriso dela foi sonolento.

— Acho que sou mais pudica e recatada do que imaginava, não é?

— Não me entenda mal. Não estou reclamando — ele respondeu ajudando-a a ficar em pé. — Bem, para ser bem honesto, talvez eu esteja reclamando um pouco. Sei que se a deixasse fazer de mim o que quisesse esta noite, de manhã não teria mais respeito por mim.

Ela engasgou de tanto rir.

— Fico feliz que compreenda a situação com tanta clareza — disse seca. Já estavam no pé da escada. Janine olhou ao redor de si. — Como é que não se perdem por aqui?

— Imagino que seja porque vivi aqui quase minha vida toda e tive oportunidade para explorar cada centímetro da casa. — Enquanto falava ele foi subindo a escada. Ao chegar ao topo, esperou-a alcançá-lo. —Lembre-me de levá-la para explorar o sótão, amanhã. Se realmente quiser conhecer todos os segredos dos Callaway tem que ler a pilha de diários que estão guardados lá. Algumas histórias são tão quentes que poderiam queimar seus dedos só de segurar os papéis.

— Não se importaria que eu as visse?

— Está planejando escrever um livro sobre nós?

— Claro que não!

— Então, não me importaria.

Ele segurou a mão dela entre suas mãos calejadas. Ela tinha dedos longos e pele macia.

— Posso acompanhá-la até sua casa, srta. Talbot? —- Ora, seria um prazer, sr. Callaway.

Haviam lhe dado um dos quartos de hóspedes, umas duas portas depois do quarto dele. Por um lado, sentia-se segura sabendo que ele estaria por perto. Por outro, não se sentia nada segura.

Pararam em frente ao quarto dela e ele apoiou uma mão na parede, ao lado da cabeça de Janine.

— Durma bem.

— Tenho certeza disso. Estou quase dormindo em pé. Ele se inclinou e a beijou. Tivera a intenção de dar-lhe um beijo casual, mas ao pousar os lábios nos dela, perdeu o controle. Apoiou a outra mão na parede, prendendo-a entre seus braços. O gosto dela era muito bom e já fazia muito tempo que não sentia prazer em estar com uma mulher.

Um alarme interno disparou em sua mente, mas escolheu ignorá-lo e aproveitar o momento. Quando ela rodeou seu pescoço com os braços, Cam pressionou o corpo contra o dela para fazê-la saber exatamente como o afetava.

Quando se separaram, ambos estavam sem fôlego. Os olhos dela brilhavam na penumbra do corredor.

— Boa noite, Cam. Vejo-o de manhã — ela despediu-se passando a ponta dos dedos nos lábios dele.

Antes que ele pudesse pensar em algo para dizer, escapou para dentro do quarto, fechando a porta atrás de si. Ficou ali parado por alguns minutos antes de conseguir reunir forças suficientes para se afastar.

Murmurando um palavrão, Cameron entrou no banheiro para tomar o terceiro banho do dia, dessa vez, sem o conforto da água quente. Mesmo depois de deitar, teve dificuldades em conciliar o sono. Que diabos estaria acontecendo com ele? Seu comportamento com relação à professora da filha era incompreensível. Ela era simpática, mas não estava interessado nem nela e nem em mais ninguém.

Nesse caso, por que seu coração acelerava cada vez que pensava em Janine? Não conseguia apagar a expressão do rosto dela encostada na parede: os cabelos em desalinho, os olhos semicerrados e os lábios inchados por causa dos seus beijos. O que havia de errado com ele? Estava velho demais para comportar-se como um colegial apaixonado pela primeira vez.

Deu alguns socos no travesseiro, virou de braços e cobriu a cabeça com o travesseiro.

Poucos minutos mais tarde, ou assim que lhe pareceu, Cameron sentiu um leve toque no ombro. Por um momento pensou que fosse... não, sabia que aquilo não era possível. Ergueu a cabeça e descobriu que o abajur da mesa de cabeceira estava aceso. Virou de lado e viu Cody em pé ao lado de sua cama. O irmão estava com as mãos apoiadas nos quadris e sorria.

— Como conseguiu...? Como entrou...? Droga, Cody, você é irritante! — exclamou levantando-se e abraçando o irmão. — Rapaz, você é mesmo um colírio para os olhos.

Cody riu.

— Também estou feliz por vê-lo, Cam. — Fez uma pausa e passou o olhar pelo corpo nu do irmão mais velho. — Inteiro.

Cameron balançou a cabeça e enrolou um lençol ao redor da cintura. Depois, sentou-se na cama e acendeu um cigarro.

— Poderia telefonar de vez em quando para dar notícias, sabia?

— Estou aqui, não estou? Isso deveria ser suficiente.

— Como diabos chegou aqui? Ninguém está conseguindo chegar ou sair da fazenda.

Cody sentou na poltrona próxima à cama.

— Por quê?

— A ponte mais próxima da casa caiu. Como pode não saber disso?

— Porque não vim pela estrada.

Cameron endireitou o corpo e encarou o irmão.

— Atravessou o Rio Grande?

— Sim. Peguei o cavalo de um amigo emprestado e vim ver como estavam as coisas.

— O que está fazendo do outro lado do rio?

— Cuidando da minha vida.

Cameron suspirou exasperado e deu uma longa tragada no cigarro.

— Conte-me sobre a ponte — Cody pediu depois de um prolongado silêncio.

— Não há muito o que contar. Com as chuvas o riacho subiu e a correnteza levou a velha ponte. Alejandro está montando uma arca de Noé, dos tempos modernos, nos estábulos. Acha que vamos precisar.

— Comprou um carro novo? — Cody indagou.

— Não, por quê?

— Vi um pequeno carro branco na frente da casa. Pelo menos, algum dia ele foi branco.

— É de Janine.

Cody recostou-se na poltrona sorrindo.

— Janine, hein? Conte-me mais.

— Não há o que contar. Ela é professora de Trisha e...

— Eu não sabia que Trisha estava na escola — o irmão o interrompeu.

— Que droga, Cody! Quer uma resposta ou vai ficar me interrompendo?

— Não posso fazer as duas coisas?

Cameron apagou o cigarro e deitou na cama. Quando já estendia o braço

para apagar o abajur, Cody se rendeu.

— Tudo bem, Cam. Você está de mau-humor! Conte-me o que a professora de Trisha está fazendo aqui.

Cameron ajeitou os travesseiros e dobrou os braços sob a cabeça.

— Ela veio até aqui conversar comigo sobre alguns problemas que Trisha está tendo e, antes que pudesse ir embora, a ponte caiu.

— Como ela é?

— Não reparei.

— Sei. Ou você está mentindo para mim, ou está em piores condições do que eu havia imaginado. — Cody ficou em pé. — De qualquer modo, acho melhor eu conversar com Cole sobre as novas informações que consegui levantar.

Cameron apoiou-se nos cotovelos.

— Chega de palhaçada, Cody. O que descobriu?

— Exatamente o que suspeitávamos. O incêndio do armazém de algodão foi criminoso, o equipamento de perfuração não quebrou por acaso e a carga perdida em Chicago estava com apólices falsas de seguro.

— Ótimo, era exatamente o que eu queria ouvir.

— Passei a semana inteira tentando entrar em contato com você no escritório, mas sua simpática secretária sempre dizia que você estava no fórum.

— Eu estava.

— A semana toda?

— Estive no fórum nas últimas três semanas. Parece que consegui provar que a série de incidentes aparentemente independentes, fazem parte de um plano para tirar nossa credibilidade junto ao público e aos nossos clientes.

— O que a oposição tem a dizer?

— O de sempre: prove que fomos nós.

— E você conseguiu?

— No momento, não sei. As provas são inteiramente circunstanciais.

— Que momento apropriado para você receber a visita de alguém que diz ser professora de Trisha.

— Ela é. Trisha a reconheceu.

— Claro que sim. O que quero dizer é como ela foi parar na escola tão cedo. Não deveria começar apenas no outono?

— Eu sei. Tive uma conversinha com Letty sobre isso. Parece que quando Trisha foi fazer os testes de admissão, acharam aconselhável ela começar a freqüentar a escola um pouco mais cedo para desenvolver algumas habilidades

sociais necessárias para a convivência com outras crianças. Letty disse que não queria que eu me preocupasse, então matriculou Trisha e pediu que ela esperasse até eu vir para casa para me contar. Seria uma surpresa. — Pensou rio confronto com Janine. Uma surpresa e tanto. — A maior surpresa foi Trisha ter sido capaz de guardar um segredo por tanto tempo. Parece que não está muito feliz na escola.

— Interessante.

— Mas não surpreendente. No início eu também não gostava da escola.

— O que estou achando interessante é o fato da professora ter ficado suficientemente interessada na menina para vir discutir seus problemas com você.

— Acha que há alguma conexão?

— Não é paranóia quando alguém está realmente tentando pegá-lo, mano. Temos montanhas de provas de que alguém em algum lugar, tem verdadeiro ódio pelos Callaway.

— Não acho que Janine esteja envolvida nisso — murmurou pensando nas horas que haviam passado juntos.

— Talvez não. Mas poderia estar sendo usada por alguém para conseguir informações sobre nós. Não é conveniente que esteja presa aqui com você e que tenha acesso à casa toda?

Cameron gemeu.

— Eu ofereci para mostrar-lhe os diários e papéis que estão no sótão.

— Como ela reagiu?

— Não disse não, mas pareceu um pouco surpresa com a oferta.

— Francamente, eu não estou apenas um pouco surpreso, estou chocado. De todos nós, você é o mais reservado.

Cameron sorriu.

— E você é o mais desconfiado.

— Como foi que disse que ela é?

— Eu não disse.

— Talvez devesse. Posso já tê-la visto ou ouvido falar dela.

— Duvido. Só está morando aqui há um ano e não parece ter muitos amigos. Deve ter uns trinta e poucos anos, é do mesmo tamanho de Allison, tem cabelo castanho-avermelhado e grandes olhos verdes. O corpo é bonito, bem feito.

— Para alguém que não a tinha notado, você fez um grande trabalho ao descrevê-la. Estava planejando ir embora ainda hoje, mas acho que vou ficar até

amanhã para ser apresentado a essa maravilha.

Cameron sentiu vontade de mandar o irmão deixá-la em paz, mas controlou-se. Que diferença fazia se Cody conhecesse Janine? Talvez se dessem bem. Quem se importaria?

Por alguma razão que não conseguia compreender, sabia que *ele* se importaria. Fechou os olhos desejando poder entender melhor algumas de suas ações nas últimas horas.

— Desculpe-me por tê-lo acordado — Cody disse, ficando em pé. — Tive esperanças de entrar e sair sem encontrar Letty, mas suponho que posso agüentar mais uma bronca. Afinal, eu já deveria estar acostumado.

— Ela não é tão má. Tenho certeza de que não contava com a morte do irmão e da cunhada e com o fato de , de repente, ter três meninos para criar.

— Dois. Cole já tinha vinte anos. Ela pôde se concentrar em você, com quinze, e em mim, com dez.

— Ela nunca conseguia encontrá-lo.

Cody sorriu.

— É, mas quando conseguia, certamente fazia todo o possível para manter-me preso.

— Foi por isso que se recusou a trabalhar na companhia?

— Em parte. Minha cabeça não serve para fazer contas e definir estratégias.

— Só serve para diversão?

— E isso aí. Cameron balançou a cabeça.

— Cole e eu nos preocupamos com você.

— Que perda de energia! Posso cuidar de mim mesmo. — Ele abriu a porta do quarto e olhou por sobre o ombro.

— Sua professorazinha não está dormindo em minha cama, está? — indagou com um brilho malicioso no olhar.

— Ela não está nem mesmo na sua ala da casa. Vá para a cama e tente manter-se longe de confusões, se é que isso seja possível.

Cody bateu uma continência, riu e saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

Cameron balançou cabeça resignadamente, apagou a luz do abajur e deitou na cama. Ficou ainda algum tempo olhando para o teto, na escuridão.

Seria possível que Janine estivesse ligada aos eventos dos últimos anos? Os irmãos Callaway haviam finalmente encarado o fato de que alguém estava trabalhando arduamente para acabar com sua reputação e com seus negócios.

Fosse lá quem fosse essa pessoa, poderia também ser responsável pelas mortes de seus pais e de Andréa.

Não sabia muito bem onde Cody conseguia as informações que trazia para casa, mas elas sempre estavam corretas e os ajudavam muito. Talvez Cody estivesse usando a imagem de herdeiro irresponsável para encobrir o trabalho de detecção que vinha fazendo para a família nos últimos dois anos. Por outro lado, podia muito bem estar usando as investigações como desculpa para desaparecer e não dar satisfações de sua vida para ninguém.

Cameron estava interessado em saber o que o irmão acharia de Janine. Pela primeira vez em muito tempo, não confiava no próprio julgamento. Em algum momento durante o último beijo que trocaram, perdera a objetividade sobre a mulher que demonstrara tanto interesse por sua filha.

Janine acordou na manhã seguinte com uma terrível dor de cabeça. Não podia culpar a ninguém além de si mesma por isso. Sabia que não deveria beber mais do que um ou dois copos de vinho, mas ignorara seu bom-senso. Achou Cameron Callaway um homem cativante e quisera ficar em sua companhia o maior tempo possível. Passara a noite procurando formas para fazê-lo sorrir. Deliciara-se com sua risada, sabendo, intuitivamente, que não achava graça em muitas coisas.

Percebeu o sofrimento dele e desejou saber como oferecer-lhe alívio. A noite que passaram em frente à lareira tinha sido mágica, como se o tempo houvesse parado para que se conhecessem melhor.

Ela havia lhe contado um pouco sobre sua infância, sobre ter crescido sem pai e sobre ter empregado seu tempo livre cuidando das crianças da vizinhança.

Ele lhe contara como tinha sido crescer na fazenda, sabendo que era observado por toda uma cidade por ser um Callaway. Segundo ele, tinha sido uma criança quieta, que se entretinha lendo ou estudando e odiava estar em evidência.

Cameron tornara-se muito real para Janine durante aquelas horas agradáveis. Pela primeira vez desde que o encontrara, reconhecia sua vulnerabilidade.

Janine forçou-se a se levantar e entrar no chuveiro, rezando para ter na bolsa algum remédio que trouxesse alívio para a dor de cabeça. Quando finalmente ficou pronta para descer, a aspirina já tinha feito algum efeito e ela jurara nunca mais repetir o mesmo erro.

Assim que entrou na grande sala de jantar, um homem desconhecido caminhou até ela com a mão estendida.

— Você deve ser a professora de Trisha. Não tinha idéia de que as professoras vinham em pacotes tão atraentes hoje em dia.

Ele era alto, de cabelos claros e olhos audaciosos. O sorriso, ao mesmo tempo malicioso e infantil, indicava que estava brincando, que não deveria ser levado a sério. Ela apertou a mão que ele lhe estendia.

— Janine Talbot — apresentou-se no tom mais recatado que conseguiu. Ele riu. — Cody Callaway a seu dispor, madame. — Ele manteve a mão dela entre as suas e a guiou para a mesa onde estava servido o café da manhã. Sentou-se ao lado dela.

— Cody — ela repetiu. — Você é o mais novo dos três, não é?

Ele olhou ao redor da sala antes de inclinar-se e responder-lhe de modo sub-reptício.

— É um rumor maldoso que os outros dois espalharam sobre mim. Deixo-os dizerem essas bobagens, pois se sentem superiores assim.

Ele era incorrigível Ela começou a rir.

Cody balançou a cabeça como se estivesse satisfeito com a reação dela às suas brincadeiras e serviu-lhe uma xícara de café.

— Por acaso viu Trisha essa manhã? — ela indagou.

— Não. Desci há pouco tempo, fui dormir muito tarde.

Janine pegou-se esfregando as têmporas com os dedos.

— Sei o que quer dizer — comentou pesarosa. — Acho que não tenho muita tolerância ao vinho.

— Ah! Agora compreendo tudo, minha princesa. Meu irmão aproveitou-se de sua fraqueza e embebedou-a de forma a poder fazer-lhe mal. — Ele fez uma pausa e ela sabia que havia notado a cor que tingia-lhe as faces. Em tom gozador ele acrescentou: — Cam é mais esperto do que imaginei.

— É claro que ele não se aproveitou de mim -— ela tentou explicar. — Ele é um cavalheiro.

— Estamos falando sobre o meu irmão? O cara que tem mais ou menos a minha altura, cabelos castanhos e...

— Oh, você não tem jeito mesmo. Alguma vez fala a sério?

Ele segurou a mão dela entre as suas e a encarou com um olhar apaixonado.

— Estou disposto a mostrar-lhe meu lado sério, minha princesa — declarou com voz soturna. — Se for esse o seu desejo.

— Já é suficiente, Cody. — Janine ouviu a voz de Cam atrás de si e virou-se a tempo de vê-lo aproximando-se com o cenho franzido. — Será quem tem

que dar em cima de toda mulher que passa pela sua frente? Dá um tempo. Pelo menos espere-a terminar o café da manhã.

Janine puxou sua mão das de Cody, sabendo que estava ficando vermelha outra vez. Cameron pensaria que os dois estavam flertando, quando, na verdade, só estavam brincando. Certamente ele não imaginaria que ela era do tipo de mulher que beijava um irmão de noite e flertava com o outro de manhã.

Pelo olhar que ele lhe lançou do outro lado da mesa, concluiu que era precisamente aquilo que ele estava imaginando. Ou então, não dava a mínima importância para o que ela fazia com quem.

Bem, não iria oferecer explicações. Apesar dos eventos da noite anterior, não achava que lhe devesse nada.

— Viu que o sol está brilhando esta manhã, mano? — Cody perguntou.

— Não.

— Pensei mesmo que não tivesse notado. Talvez isso signifique uma mudança permanente no clima. Sei como está louco para voltar para o trabalho. Aposto que mal pode esperar para...

— Cody, será que pode parar com isso? Por favor? Não tive uma noite muito boa e realmente gostaria de poder tomar meu café em paz.

— Claro, mano, tudo bem. Você e Janine parecem estar sofrendo da mesma doença. — Ele olhou para Janine. — Gostaria de uma aspirina?

Ela balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Já tomei duas e logo estarei boa. — Ela manteve o olhar na xícara de café.

Cameron olhou para os dois, sentados lado a lado.

— Acho que não preciso apresentá-los. Vocês parecem ter se entendido muito bem.

Cody sorriu.

— Realmente. Pode ter sido obra do destino, mas...

— Cody! — Cameron o advertiu.

O rapaz voltou a sorrir e, em silêncio terminou de beber seu café.

Janine observou os dois irmãos tentando adivinhar como seria o relacionamento deles. Havia uma forte semelhança física entre os dois homens, mas as personalidades eram completamente diferentes. Janine sempre quisera ter um irmão e Cody correspondia exatamente à imagem de irmão perfeito. Sentira-se imediatamente relaxada e confiante em sua companhia.

Seus sentimentos com relação a Cameron eram consideravelmente diferentes.

A porta da cozinha foi aberta e Janine virou-se, feliz pela interrupção.

Um homem de meia idade, usando jeans surrados e botas de couro, parou à porta.

— Desculpe-me por interromper seu café da manhã, Cameron.

— Não tem problema, Alejandro. Estamos saboreando uma última xícara de café. Quer juntar-se a nós?

— Não, obrigado. Só vim lhe avisar que eu e os rapazes achamos que poderemos trabalhar numa ponte provisória, hoje. Queria consultá-lo sobre isso.

Imediatamente Cameron e Cody ficaram em pé. Cameron olhou para Janine.

— Se nos der licença, veremos o que podemos fazer para que possa ir embora o mais breve possível.

Cody caiu na gargalhada.

— Nossa, Cam, você está sendo muito pouco hospitaleiro. Aqui está seu chapéu e seu casco, madame. Não deixe a porta bater na sua mão quando sair. — Ele piscou para Janine. — Ele nunca teve muita habilidade social. — Pegou a mão dela e levou aos lábios. — Desculpe-nos por ter que deixá-la, adorável senhorita. Voltaremos logo que seja possível.

Ela manteve o olhar baixo, não querendo ver a reação de Cameron à brincadeira do irmão.

Os três homens saíram da sala pela porta da cozinha. Janine sentiu-se aliviada por poder ficar um pouco sozinha. Terminou seu café e se levantou.

Iria procurar Trisha e tentaria recuperar sua paz de espírito da melhor forma que conhecia: estando perto de crianças.

CAPÍTULO IV

Alejandro dirigiu-se para uma das caminhonetes, seguido por Cameron e Cody. Cameron sabia que Alejandro só estava sendo educado ao pedir sua opinião sobre como resolver o problema da ponte. Ele dirigia a fazenda havia muitos anos e era o único responsável pelo bom andamento da propriedade. Letty comandava a Casa Grande, por assim dizer, e todo o resto era dirigido pelo capataz. Entretanto, sempre que um dos irmãos estava presente, ele fazia questão de prestar contas e fazer consultas. O fato de que eles sempre concordavam com o que o capataz decidia não mudava o modo como este lidava com os patrões.

Alejandro sentou atrás da direção. Os outros dois homens entraram no banco da frente pela outra porta.

— Que diabos estava fazendo? — Cameron, zangado, dirigiu-se ao irmão que batia a porta da caminhonete.

Cody deu-lhe um sorriso inocente. . — Do que está falando?

— Por que estava dando em cima de Janine? Cody arqueou uma sobrancelha.

— Eu estava?

— Isso é alguma espécie de jogo? Quero dizer, flertar com toda mulher que encontra?

— E se for? No que isso o afeta?

Normalmente Cameron não interferia na forma como os outros escolhiam viver a própria vida. Não sabia por que estava tão incomodado.

Não era verdade. Tinha que parar de fugir e encarar os próprios sentimentos. Estava se sentindo atraído por aquela mulher. O que faria a respeito?

Já estava sozinho há quatro anos. Não que estivesse considerando casamento, não queria nada assim. As lembranças do passado ainda eram muito dolorosas, mas o que havia de errado em ter uma amiga íntima? Eram ambos adultos, não eram?

— Nesse caso específico, me afeta muito. Que tal dar um tempo e me deixar o campo livre?—ele finalmente murmurou.

Cody o encarou espantado.

— Pensei que não estivesse interessado.

— Eu também. Parece que estava errado, não? — respondeu secamente.

Cody caiu na gargalhada.

— Isso é bom, Cam. É exatamente o que precisa.

— Não é nada sério, você entende, não é? — Achou importante que o irmão não lesse nada muito sério nas entrelinhas.

— Claro. Ninguém melhor do que eu para entender esse tipo de relacionamento.

Por alguma razão, aquele comentário de Cody não o fez sentir-se melhor sobre o que vinha fantasiando. Ele e Cole sempre tinham reprovado o estilo de vida do irmão mais moço. Estaria ele considerando imitá-lo?

Como adulto, nunca fizera o jogo da conquista. Ele e Andréa haviam se conhecido no colegial, tinham freqüentado a mesma universidade e se casado um mês após a formatura. A vida deles tinha fluído naturalmente. Ela arrumara emprego como compradora de uma grande loja de departamentos e viajava muito a trabalho. Ele sempre planejara seus compromissos de forma a poder acompanhá-la.

Divertiram-se muito naquelas viagens. Quando decidiram constituir

família, Andréa abandonara o emprego e dedicara-se exclusivamente a ele e à filha. Quando ela se fora, ele mergulhara no trabalho e o pouco tempo que tinha livre era passado com Trisha.

Agora estava prestes a mudar tudo isso ao convidar Janine para jantar. Sentiu um nó no estômago ao dar-se conta de que não sabia como proceder.

Não tinha certeza de estar pronto para dar aquele enorme passo, mas, por outro lado, sabia não estar disposto a deixá-la sair de sua vida.

— Gosto mais das borboletas — Trisha anunciou com o cenho franzido enquanto se concentrava no desenho que estava colorindo.

Janine olhou para o desenho e sorriu. Aquela ia ser a borboleta mais colorida que a natureza poderia ter criado. Trisha havia usado todas as cores que encontrara na caixa de sapatos onde os lápis de cera ficavam guardados.

— O que mais gosta nas borboletas? . .

— Elas são bonitas e voam e... — ela fez uma pausa para pensar, depois encolheu os ombros. — Sabe, aposto que seria divertido voar como as borboletas. Não acha?

Janine sorriu.

— Só se você não for do tipo que fica enjoada no ar.

— Como assim?

— Sabe, quando você está voando e seu estômago age como se preferisse estar no solo.

Trisha olhou-a com seriedade.

— Isso já aconteceu com você? Janine fez um gesto afirmativo.

— Uma vez, quando eu viajei de avião, o céu estava cheio de nuvens pretas. O piloto tentava desviar da tempestade e meu estômago avisou que preferia estar em casa.

Trisha riu.

— Você sentiu medo?

— Um pouco.

— Do que você gosta mais? — a menina perguntou voltando a olhar para o desenho.

Janine pensou um pouco antes de responder.

— Acho que, de tudo, gosto mais do arco-íris. Eles me parecem mágicos e sempre fico animada quando vejo um.

— Eu também. Talvez um dia possamos ver um arco-íris juntas.

— Quem sabe?

— O que as duas estão aprontando juntas?

Janine virou-se de repente e se deparou com Cameron apoiado no batente da porta. Ele entrou na sala sorrindo. O mau-humor da manhã parecia ter-se evaporado. Ou então, acabara de receber ótimas notícias.

— Conseguiram construir a ponte temporária? — ela perguntou enquanto Trisha se levantava e corria para os braços do pai.

— Papai! Venha ver o que eu e a srta. Talbot colorimos.

— Ele se inclinou, pegou a garotinha no colo e caminhou até a mesinha de centro onde estava o livro de desenhos.

— Viu? O dela é o urso panda. Eles não são bonitinhos? A minha é a borboleta.

— Duas artistas trabalhando duro — ele disse solenemente observando os desenhos. Janine divertiu-se ao ver Trisha ficar visivelmente orgulhosa ao ouvir o pai tecer comentários sobre sua obra prima. Ele parecia saber exatamente o que dizer para agradá-la.

Ele ergueu os olhos e viu que ela o observava.

— Infelizmente não parece haver muita esperança de sairmos daqui nos próximos dois ou três dias. A correnteza ainda está forte demais para arriscarmos trabalhar na água.

Ele parecia muito satisfeito, para um homem ilhado.

— Não sei o que fazer — Janine dirigiu-se a ele. — Estarão me esperando na escola amanhã. Tenho que começar a aula às oito horas da manhã.

— Terá de telefonar e explicar a situação. Com as enchentes que ocorreram pela região, as chances são de que não haja aulas por alguns dias.

Ela o observou desconfiada. Ele estava quase feliz.

— Isso não vai ser um problema para você? — ela perguntou.

— Na verdade, não. Assim que minha secretária chegar ao escritório, amanhã, pedirei que me envie por fax o trabalho mais urgente. — Ele recostou no sofá, ficando muito próximo de Janine. Trisha saiu do colo do pai e atacou um novo desenho com energia renovada.

Janine teve dificuldade para encará-lo. Ele parecia estar se divertindo com alguma coisa.

— Bem — ela começou hesitante —•, parece que teremos que fazer o melhor da situação.

O sorriso dele se alargou.

— Exatamente o que penso. Usaremos o tempo para nos conhecer melhor.

Janine pensou nas palavras dele enquanto se vestia para o jantar. Cameron passara o resto do dia com ela e Trisha, divertindo-as e fazendo perguntas.

Conseguira arrancar dela quase toda a história de sua vida.

Num dado momento, ela comentou o fato de não ter mais visto Cody e surpreendeu-se com o sorriso satisfeito que recebera como resposta. Ele casualmente dissera que o irmão já tinha ido embora. Como Cody havia escolhido um modo não muito ortodoxo para chegar à fazenda, ela imaginou que teria partido a cavalo.

Gostara de Cody e sentira-se tranqüila na presença dele. Sentia-se tudo menos tranqüila na presença de Cameron, que a estava esperando para jantar.

Olhou no espelho e foi surpreendida pelo contraste de cores que viu. O verde esmeralda do vestido que estava usando acentuava os reflexos avermelhados dos seus cabelos e tornava os olhos verdes mais luminosos.

Cameron havia lhe contado um pouco sobre a cunhada de tendências artísticas. Ela e Cole tinham crescido juntos na fazenda, o que fizera Janine perguntar-se como teria sido crescer tendo outras pessoas, além da mãe, por perto. Quase sentira inveja de Cole e Allison.

Tentou domar o cabelo e prendê-lo num coque, mas não conseguiu. A cabeleira parecia ter desenvolvido desejo próprio. Desistindo da luta, Janine pegou a escova e escovou os cachos macios, deixando-os soltos sobre os ombros. Ao olhar-se no espelho novamente, teve a sensação de estar olhando para uma estranha.

Com um ar decidido, resolveu que, pelos próximos dias, se permitiria viver um novo papel e flertaria com um homem muito atraente. Durante todo o dia, ele não fizera esforço para esconder a atração que sentia por ela.

Assim que começou a descer a escada, Cameron apareceu no saguão para encontrá-la. O olhar que ele lhe lançou foi tão quente que sua temperatura chegou a subir. Manteve sua nova resolução e sorriu para ele.

— Tenho uma surpresa para você — ele disse segurando a mão dela para ajudá-la a descer os últimos degraus.

— Isso não é nenhuma novidade — ela comentou sorrindo. — Você é cheio de surpresas.

Ele ficou envaidecido.

— Acha mesmo?

— Sem dúvida. — Ela olhou ao redor. — Onde está Trisha?

— Isso faz parte da surpresa. — Ele a guiou para os fundos da casa, passou por alguns aposentos e, finalmente, entrou no solário. O aposento, todo de vidro, parecia mágico à luz da lua. Uma mesa para dois estava posta perto de uma das paredes de vidro e um candelabro cheio de velas acesas, refletia no vidro, dando

a impressão de serem muitos.

— Oh, Cam, está lindo.

— Fiquei com Trisha enquanto ela jantava, dei-lhe banho, coloquei-a na cama e lhe contei duas histórias. Deixei-a dormindo para que você e eu pudéssemos jantar juntos.

— Mas, e sua tia?

— Na verdade, tive essa idéia quando ela me disse que estava cansada e que queria que levassem uma bandeja para seu quarto. Ficará assistindo televisão até tarde, mas, pelo menos, está na cama, descansando.

— Ela está se sentindo bem?

— Ela insiste que está bem. Fica furiosa se qualquer um de nós insinua que já não pode fazer muito esforço. Deixou claro que, já que estou aqui, posso tomar conta de Trisha para ela descansar. — Ele puxou uma das cadeiras para ela e sentou-se do outro lado da mesa. — É claro que está certa. Vocês duas fizeram um ótimo trabalho em me apontar todas as minhas limitações como pai.

Janine sentiu-se pequena. Forçou-se a encará-lo.

— Foi muita presunção de minha parte achar que sabia o que é melhor para sua filha.

— A intenção foi boa. Quando finalmente me acalmei, pude pensar em algumas soluções para o problema. Estou pensando em levar Trisha para morar comigo em San Antônio. Antes disso, porém, terei que arrumar uma empregada de confiança, achar uma escola para ela e, é claro, saber como se sentiria sobre uma mudança dessas.

Janine sentiu um aperto no coração. Aprendera a amar a garotinha nas poucas semanas que ela fora sua aluna.

— Sei que ela quererá estar com você. Não tenho dúvidas disso, especialmente depois de todas as conversas que nós duas tivemos.

— Acho que foi isso realmente que me convenceu a tomar uma atitude. Se ela está discutindo seus sentimentos com uma pessoa relativamente estranha, é porque minhas ausências a perturbam mais do que havia imaginado.

— Se quer minha opinião, acho que está fazendo a coisa certa. Vou sentir falta dela, porém.

Ele inclinou-se sobre a mesa e segurou a sua mão.

— Bem, talvez possamos fazer alguma coisa para evitar que sofra. — Ele apertou-lhe mão e pegou a garrafa de vinho que estava no balde de gelo. — Que tal uma taça de vinho?

Ele não ia explicar a afirmação enigmática que fizera? —<• Uma taça.

Esse será definitivamente meu limite, hoje. Ele sorriu.

— Que ninguém diga que a forcei a ultrapassar nenhum de seus limites.

Rosie entrou na sala carregando uma bandeja. Colocou pratos de salada na frente de ambos e retirou-se sorrindo.

— Obrigada por ter pensado nisso. Mal posso acreditar na beleza desse ambiente. — Ela olhou para a fonte, do lado de fora, e notou que, pela primeira vez desde que chegara, estava ligada. O ruído da água podia ser ouvido através paredes de vidro.

Janine mal notou o que comeram. Tudo o que sabia era que Rosie os servira enquanto conversavam. Pareciam ter muito o que descobrir um sobre o outro. Conversaram sobre os livros mais recentes que leram, seus passatempos favoritos, seus *hobbies* e ambos descobriram que gostavam de ficar sozinhos.

— Sei que é impertinente de minha parte, mas eu realmente gostaria de perguntar-lhe uma coisa — Cameron pediu enquanto tomavam café.

Ela sorriu.

— Pode perguntar.

— Não consigo compreender como ainda está solteira.

Deve ter sido por escolha própria. Ou minha premissa de que nunca tenha sido casada está errada?

O encantamento da noite foi quebrado com aquela pergunta e Janine sentiu-se cair na realidade com um baque. Não que o culpasse por sua curiosidade. Havia lhe contado sobre Andréa, como se conheceram, sobre a vida com ela e a dor da perda. Sabia que ao se abrir para ela, ele esperava que fizesse o mesmo.

Procurou por uma explicação que não revelasse a fonte de seu sofrimento.

— Eu, bem, acho que nunca desejei me casar. Ou nunca encontrei alguém com quem quisesse me casar. Como eu lhe disse, gosto muito da solidão e encontro muito prazer em ficar sozinha.

— Mas você é tão maravilhosa com crianças! Imaginei que quisesse ter uma casa cheia delas.

Ela pousou as mãos no colo para que ele não pudesse ver como tremiam.

— Foi por isso que escolhi a profissão que tenho. Gosto de crianças, mas não quero tê-las por perto o tempo todo. Preciso da minha solidão. Desse jeito, tenho o melhor dos dois mundos.

O olhar dele nunca abandonou o rosto de Janine. Ela desejou saber o que ele estava pensando, mas a expressão dele era neutra. Não que o que ele achasse fosse realmente importante, pensou.

— Bem... — ela começou a empurrar a cadeira para trás —, acho que vou...

Ele se levantou.

— Espero que não esteja cansada demais para dançar uma ou duas músicas.

Ela o olhou surpresa.

— Dançar?

Cameron caminhou até uma parede e ligou um botão. Imediatamente a sala foi invadida por uma música suave.

— Tinha a intenção de ligar isso antes, mas me esqueci. E um sistema interno de som. Todos os aposentos da casa o possuem, mas raramente o usamos. — Ele estendeu os braços para ela. — Vamos?

Como poderia resistir? Moveu-se para os braços dele como se pertencesse a eles. Os sons do saxofone fizeram com que algo no seu íntimo despertasse.

Ela pousou a cabeça no ombro dele deixando que a puxasse para mais perto até que seus braços a estivessem rodeando e, os dela, estivessem ao redor do pescoço dele. Ela podia sentir o cheiro da camisa limpa misturado ao cheiro da loção após barba que estava usando. Nunca um homem tivera tal efeito sobre ela.

Ele explorou, com movimentos suaves, as costas macias, deixando cada centímetro de pele tocada, ardendo de desejo.

Quando, finalmente, ergueu o seu queixo com a ponta dos dedos, Janine sabia estar perdendo o controle. Por um breve momento, não se importou.

Ele acariciou-lhe os lábios com os seus, num movimento suave e provocante. Ela queria ser beijada como na noite anterior, à poria do quarto. Naquele momento, deu-se ao luxo de explorar aquelas novas sensações que assaltavam seu corpo, sem permitir que sua mente controlasse suas emoções. Apertou os braços ao redor do pescoço dele e moldou o corpo ao corpo másculo. Quando ele finalmente aprofundou o beijo, ela estava pegando fogo.

Por causa das rédeas curtas que sempre mantivera sobre suas emoções, jamais imaginara como seria experimentar tamanha paixão. Como uma labareda, seu desejo recém despertado, tomou conta de todo o seu corpo, deixando-a trêmula.

Cameron pareceu sentir seu abandono. Com um gemido, pegou-a no colo e a carregou para o sofá. Sentou-se com ela no colo e continuou a beijá-la.

Quando deslizou a mão para um de seus seios, Janine ficou tensa. Os dedos moveram-se delicadamente sobre o mamilo rijo, provocando-a, excitando-

a. Ao invés de se afastar, ela se surpreendeu aconchegando-se mais a ele.

Quando Cam finalmente interrompeu o beijo, ambos estavam sem fôlego.

— Por Deus, mulher, você me sobe à cabeça. Ela sorriu, sentindo-se ainda trêmula.

Ele a abraçou.

— Acho que lhe devo um pedido, de desculpas. Sei que achará isso difícil de acreditar, mas isso não é uma cena de sedução.

Ela afastou-se um pouco para encará-lo.

— Então, o que é? — indagou incapaz de resistir.

Ele olhou ao redor da sala, para a mesa com castiçais, velas e flores.

— Acreditaria se eu dissesse que é romântico?

— Certamente.

Ele recostou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos.

— Sinto-me como um tolo.

— Por quê?

Ele abriu os olhos e a olhou com o início de um sorriso nos lábios.

— Não sei nada sobre conquistar uma mulher. Talvez esteja assistindo muita televisão. Pensei que talvez pudesse criar um certo clima e ver o que acontecia. Não tive a intenção de perder o controle.

— Não esteve sozinho. Se me lembro bem, teve a minha inteira cooperação.

Ele ergueu a cabeça sorrindo.

— Ei, não é que está certa?

— Certamente não me forçou nem se aproveitou de mim.

Ele voltou a deslizar a mão para o seio dela.

— Não? — Seus olhos brilhavam maliciosamente na penumbra.

Ela ergueu mão dele e entrelaçou os dedos nos dele.

— Não — respondeu sorrindo. — Entretanto, não queremos começar uma coisa que não temos a intenção de terminar.

— Não temos?

Ele pareceu tão desapontado que Janine teve de rir. Achava que estava brincando, mas tentou ser cuidadosa para não magoá-lo.

— Não — repetiu gentilmente. — Não temos.

Mais uma vez, ele fechou os olhos e recostou a cabeça no sofá.

— Droga.

Ela começou a rir e ele a imitou. Quando finalmente conseguiu parar de rir, Janine percebeu que ele a observava atentamente. Quando a beijou dessa vez, foi

diferente, Havia uma ternura no beijo que tocou seu coração. Cada vez que os lábios dele diminuíam a pressão sobre os dela, sentia um vazio dentro de si. Ele devia estar sentindo o mesmo, pois não chegava a interromper o beijo, aprofundando-o outra vez.

Finalmente, ela percebeu estar perdendo o controle novamente. Escondeu a cabeça nos ombros fortes.

— O que houve de errado? Mantive minhas mãos longe de você.

— Isso é perigoso.

— Você acha?

— Eu sei.

— Mas é divertido — ele propôs esperançoso.

— Sim, certamente tenho que admitir que é divertido. — Acho que nós dois estávamos gostando.

Ela adorava aquele lado brincalhão dele. Perguntou-se quão freqüentemente ele se permitia relaxar e divertir-se daquele jeito.

— Cameron?

— Hein?

— Nenhum de nós é do tipo de perder a cabeça.

— Não somos?

— Não.

— Tem certeza? — Sim.

— Então, o que propõe que façamos?

— Proponho ir para a cama.

— Ótima idéia! Vamos...

— Não, não, não — ela o interrompeu rindo. — Eu quis dizer que devemos cada um ir para seu próprio quarto onde nos deitaremos nas nossas respectivas camas e teremos uma boa noite de sono.

O olhar dele não era mais provocante, mas refletia intenso desejo.

— Acredita honestamente nessa última parte?

Ela suspirou.

— Talvez não completamente. Mas é o melhor que temos a fazer.

— Por quê?

Ela desviou o olhar dos dele.

— Porque não sou do tipo de ter relacionamentos casuais.

— Nem eu.

Dessa vez, ela não teve dúvidas de que ele falasse a sério. A intensidade de seu olhar a fez estremecer. Forçou-se a encará-lo.

— Também não costumo ter muitos encontros.

— Eu também não. Mas gostaria de mudar isso.

— O que estou querendo dizer é que eu não quero mudar nada. — Depois da maneira como vinha se comportando, podia compreender a expressão cética no rosto dele. Janine sentiu que estava ficando vermelha. — Não há nenhum futuro nesse relacionamento — tentou explicar.

— Quem está falando em futuro?

— Bem, a maioria das pessoas, quando entra num relacionamento, espera que haja algum futuro para ele.

— Bem, eu não estou preparado para um relacionamento que tenha que ter futuro. Assim mesmo, gostaria de conhecê-la melhor e fui levado a acreditai- que também é o que deseja.

Ela podia ouvir seu coração batendo disparado.

— Isso é tudo? —- finalmente conseguiu perguntar. Ele inclinou a cabeça e sorriu.

— Bem, ainda não tenho um plano genial impresso para mostrar-lhe, mas, se me der alguns dias, talvez possa pensar em alguma coisa. — Quando ela não respondeu, ele prosseguiu: — Não estou propondo nada sério, Janine. Há dias que recebo convites para funções sociais onde esperam que leve uma acompanhante; Há dias que gostaria de um pouco de companhia e até há momentos em que eu simplesmente gostaria de pegar o telefone e conversar com uma amiga. Você vê algo errado em formarmos um relacionamento que inclua essas coisas?

Ela balançou a cabeça.

— Muito bem. — Ele levantou, mas continuou a segurá-la mesmo depois de colocá-la no chão. — Assim sabemos onde estamos, não é?

— Bem, eu... suponho que sim.

— Tentarei não monopolizar seu tempo, mas seria agradável saber que posso lhe telefonar de vez em quando.

Ela o encarou.

— Eu gostaria disso.

— Eu também — ele murmurou antes de dar-lhe um beijo de boa noite.

CAPÍTULO V

Cameron acordou assustado. Alguns raios de sol entravam pela janela fazendo-o piscar. Gemeu. Como já podia ter amanhecido se tinha a sensação de. ter acabado de se deitar?

Os sonhos o mantiveram acordado a maior parte das últimas três noites.

Não estava mais sonhando com o acidente. Agora, só sonhava com Janine. Janine em sua cama, acariciando-o, desejando-o... Janine que o deixava dolorido e febril, que o provocava mesmo em sonho...

Droga. Ele sentou e apoiou os cotovelos nos joelhos. Nos últimos dois dias não tocara um dedo sequer nela. Havia aprendido uma lição importante na primeira noite de sonhos delirantes. Não vira razão para continuar se torturando. O melhor seria não beijá-la mais. Infelizmente, sua nova decisão não diminuiu o desejo que sentia sempre que a via.

Letty mantivera-se afastada desde a chegada de Janine, deixando que Cameron e Trisha a entretivessem. Trisha certamente estava fazendo sua parte. Não deixava dúvidas quanto a felicidade que sentia por ter sua srta. Talbot só para ela.

Cameron passava os dias trabalhando no escritório e falando com sua secretária ao telefone, até que o som de risos atrapalhava sua concentração. Freqüentemente pegava-se indo para a outra sala verificar o que elas estavam achando engraçado. Depois, dava-se conta de que acabara entrando, nas brincadeiras delas e negligenciando seu trabalho.

Cameron não se lembrava de outra época em sua vida em que se sentira tão relaxado.

Sorriu para si mesmo ao lembrar-se do som da risada desinibida da filha. Nunca antes a ouvira rir com tanto prazer e tanta espontaneidade. Sentira-se tocado e culpado ao mesmo tempo, ao perceber que não vinha fazendo muita coisa para vê-la feliz.

Letty estava certa. Trisha *precisava* da companhia de outras pessoas. Como sempre, a tia fora em frente e tomara decisões sem consultá-lo. O que tinha de encarar era que, enquanto a filha estivesse na fazenda, Letty seria a responsável por ela.

Era isso que queria? Seria isso que Andréa teria desejado?

Andréa. Era a primeira vez que pensava nela sem sentir a costumeira pontada de dor. Que estranho! Já tinha se acostumado à dor que sempre sentia ao pensar na esposa. Agora podia pensar nela com mais objetividade. Tinha certeza de que Andréa não teria tolerado o isolamento da filha e já teria feito algo para consertar a situação há muito tempo.

Cameron sabia que teria de fazer alguma coisa logo. Tinha algumas idéias, mas não sabia como implementá-las. Levantou da cama e dirigiu-se para o banheiro. Depois do banho, discutiria o assunto com Janine.

Janine já estava sentada à mesa, bebendo uma xícara de café, quando ele

apareceu.

— Levantou cedo, hoje — ele comentou sorrindo enquanto se sentava na frente dela.

— Estou acostumada a levantar cedo. Além disso, estou me sentindo um pouco culpada por não estar trabalhando.

— Tem certeza de que as escolas já abriram outra vez?

— Tenho. Escutei no rádio essa manhã que tudo voltou ao normal. Três dias de sol ajudaram bastante.

Rosie serviu a comida e, por alguns momentos, permaneceram em silêncio. Depois de terminarem de comer, Cameron serviu-lhes mais uma xícara de café.

— Acho que há uma boa chance de conseguirmos sair daqui hoje — ele afirmou.

Observou os olhos dela brilharem de alegria e reconheceu sua própria surpresa diante do fato dela estar ansiosa para ir embora.

— Isso é maravilhoso. Tenho certeza de que ficará satisfeito em voltar ao trabalho.

Normalmente ele realmente ficaria. Fez um gesto afirmativo com a cabeça para não ter que dizer uma mentira.

— Janine, preciso de sua ajuda.

Ela segurou a xícara de café e o encarou apreensiva.

— E sobre Trisha — ele esclareceu e imediatamente notou a expressão de alívio no rosto dela.

— O que quer, Cam?

— Tenho pensado seriamente no que discutimos. Sei que não será fácil para ela, mas estou querendo levá-la para morar em San Antônio comigo.

— Acho que ela ficará feliz com isso, Cam.

— O problema é que precisarei de alguém para tomar conta dela.

— Isso é óbvio. Estou certa de que alguma agência de empregos poderá encontrar alguém qualificado para isso.

— Estive pensando se consideraria uma proposta de emprego. Quero dizer, Trisha já está acostumada com você e eu confio... — ele se interrompeu ao ver a expressão chocada no rosto dela.

— Não posso fazer isso. Sinto muito, gostaria de ajudá-lo, mas isso não daria certo. Quero dizer, tenho um contrato com a escola e não posso abandonar o emprego de uma hora para outra. Além disso...

Ele esperou que ela completasse a frase, mas Janine desviou o olhar e só balançou a cabeça.

— Além disso?

Ela manteve o olhar fixo na xícara de café.

— Não acho que deveríamos morar juntos.

— É mesmo? — Estava mais do que interessado em ouvir uma explicação para aquela afirmação.

— O que quero dizer é que Trisha está acostumada a ter uma mulher mais madura cuidando dela. Duvido que me aceitasse.

— Mas ela já a aceitou.

— Como professora. Por poucas horas durante o dia e porque vê outras crianças me obedecendo. Não acho que ela se comportaria da mesma forma em outras circunstâncias.

— Pareceu-me que você se deu muito bem com ela durante esta visita.

— Claro que sim. Nós duas compreendemos as regras envolvidas. Eu sou a visita e ela a anfitriã. Tem feito muito esforço para me entreter e eu, sabendo meu papel, tenho tomado o cuidado de não corrigi-la ou chamai¯ sua atenção. Sua tia continua sendo quem dá as ordens.

Cameron sentiu-se frustrado. Todos aqueles argumentos eram racionais e lógicos, mas não tinham nada a ver com o problema real.

— Andréa tinha mais ou menos a sua idade. Se estivesse viva, Trisha receberia ordens de uma mulher jovem.

— Sim, mas Andréa não está viva e Trisha não está acostumada a ter uma mulher como eu tomando conta dela.

— Isso quer dizer que não aceitaria uma proposta minha?

— Não.

— Droga. — Ele a encarou desejando conseguir pensar em algo que a fizesse mudar de idéia.

— Entretanto...

— Sim?

— Eu poderia ir a San Antônio visitá-los. Assim, Trisha não se sentiria muito deslocada. Talvez a escola pudesse indicar uma escola adequada em San Antônio. Vou perguntar para a diretora.

— Faria isso?

— Certamente.

— Pensaria em ir visitar-me também? Ela o encarou, desconfiada.

— Como amiga, é claro — ele apressou-se em explicar. — Nada sério. Gostei de conhecê-la e sentiria falta de vê-la.

Ela sorriu.

— Eu gostaria muito de ir visitá-lo.

Ele lhe estendeu a mão por sobre a mesa.

— Obrigado — agradeceu sentindo-se como se o júri tivesse dado um veredicto favorável a ele numa causa que não esperara ganhar.

O telefone tocou dois dias mais tarde. Sem tirar os olhos do contrato que estava lendo, Cameron apertou o botão do interfone.

— Sim?

A voz de sua secretária anunciou:

— Uma srta. Janine Talbot na linha três.

Cameron sentiu-se como se tivesse acabado de levar um choque elétrico. Seu corpo inteiro estremeceu à simples menção do nome dela.

— Obrigado.

Pegou o fone do gancho.

— Janine! É bom falar com você. Espero que tenha chegado bem em casa.

— Sim, obrigada — ela respondeu. — Conversei com a diretora da escola e ela me deu os nomes e endereços de algumas escolas em San Antônio que poderiam interessá-lo.

— Ótimo. Espere um minuto enquanto procuro um papel para anotar as informações. — Parecia que um furacão tinha atingido sua escrivaninha. Havia pilhas de documentos espalhados por toda a superfície. Puxou um bloco de notas que estava debaixo de um relatório, bagunçando ainda mais os papéis. — Estou pronto.

Ela ditou-lhe os nomes, endereços e telefones de algumas escolas. Era realmente eficiente, Cameron pensou enquanto escrevia.

— Trisha voltou para a escola hoje. Ela me contou que Letty insistiu para que saísse de casa, pois estava enlouquecendo todo mundo. Parecia muito orgulhosa de seus feitos — ela acrescentou.

Cameron riu.

— Se a conheço bem, tenho certeza de que está mesmo orgulhosa.

— Ela sente a sua falta.

— Eu sei. Conversei com ela ontem à noite e tudo o que queria saber era quando vou voltar.

— Quando volta? Ele suspirou.

— Terei que passar o fim de semana na cidade. O julgamento recomeça na segunda feira e tenho que ter certeza de que estamos prontos para o fechamento.

— Entendo.

— Você tem que compreender que, mesmo que eu fosse até a fazenda,

Trisha nem saberia da minha presença. Quando chegasse ela já estaria dormindo e teria que sair tão cedo na manhã seguinte, que ela ainda não teria acordado.

Não sabia por que era tão importante fazê-la compreender.

— Cam?

— Hein?

— O que acha de eu levá-la à cidade amanhã à noite para vê-lo? Poderíamos chegar numa hora que faça um intervalo e, quem sabe, jantarmos juntos. Ela poderia dormir no caminho de volta.

Por um momento, ele sentiu-se comovido demais para responder.

— Faria isso por mim?

— Sim.

— Eu gostaria muito que viessem.

— Ótimo. Talvez seja melhor ligar para sua tia e avisá-la de nossos planos. Assim não achará que estou raptando Trisha.

— Farei isso. — Ele lhe deu o endereço do apartamento. — Estarei em casa entre seis e sete horas da noite.

— Tudo bem. É melhor voltar ao trabalho. Vejo-o amanhã às sete.

Cameron desligou o telefone sorrindo. Admitisse ela ou não, Janine Talbot estava se envolvendo com os Callaway. Planejava fazer tudo o que estivesse a seu alcance para tornar-se um hábito na vida dela.

Na tarde seguinte, Janine estava em pé, no meio de seu quarto, observando as roupas que espalhara por todas as superfícies disponíveis.

Quase tudo o que possuía estava espalhado pelo quarto. Não conseguia acreditar na sua indecisão quanto ao que vestir para ir a San Antônio. Olhando no relógio, constatou que só tinha vinte minutos antes da hora marcada para buscar Trisha.

Por que estava sendo tão tola? Acabara de passar um fim de semana inteiro na presença dele.

Entretanto, o fato de que havia usado roupas de outra pessoa, podia tê-lo deixado com uma impressão equivocada a seu respeito. Só agora, examinando seu guarda roupa, percebia o quanto era inadequado. Todas as suas roupas eram práticas e do estilo clássico. Bege, marrom, azul marinho e preto eram as cores predominantes. Tinha algumas blusas claras e um único vestido cor-de-rosa que não era apropriado para a ocasião.

Por outro lado, o que era? Estava apenas servindo de transporte para uma menina ir visitar o pai, mais nada. Antes que pudesse terminar esse pensamento, porém, uma pequena voz em seu íntimo a desafiou: *É mesmo!*

Tudo bem. Admitiria que sentira a falta dele. Janine ficara feliz quando Trisha retornara à escola, cheia de vitalidade. No passado, sempre tomara cuidado para não se envolver demasiadamente com as crianças e nem demonstrar predileções. Entretanto, mesmo antes de conhecer Cameron, soube que Trisha havia quebrado suas reservas naturais. Esforçava-se para não demonstrar a afeição especial que sentia pela menina e pra não deixar que ela se aproveitasse disso para comportar-se de modo diferente das outras crianças.

No dia anterior, notara com interesse que Trisha parecera mais integrada à rotina da escola e mais à vontade com os colegas. Será que estaria se sentindo mais segura?

Agarrou o vestido cor-de-rosa e o enfiou pela cabeça, puxando-o pela cintura e pelos quadris. A cor suave combinava com os cabelos castanho-avermelhados. Uma de suas amigas insistira para que ela o comprasse. Não tivera nenhuma ocasião para usá-lo e quase se esquecera dele no fundo do armário. Naquele dia, porém, estava grata à amiga. Usando aquele vestido, parecia mais jovem, parecia-se mais com a mulher que passara uns dias na fazenda.

Não teria tempo para prender o cabelo num coque, resolveu apenas escová-lo e deixá-lo solto sobre os ombros. Olhou-se no espelho e espantou-se ao notar o brilho de seu olhar. Não podia enganar-se: estava ansiosa para rever Cameron. Seus sentimentos por ele continuavam a crescer, mesmo sem encorajamento.

Ao chegar à fazenda, já estava mais calma. Bateu na porta e Rosie atendeu imediatamente.

— Olá, srta. Talbot. É bom vê-la novamente. Janine sorriu.

— É bom estar de volta. Letty está?

— Não, senhorita. Ela está visitando amigos, mas Trisha está pronta para sair.

Trisha ouvira sua voz saiu correndo do solário.

— Você está aqui! — ela gritou atirando-se sobre Janine que teve que dar um passo atrás para não perder o equilíbrio. — Não me disse ontem que iríamos visitar o papai hoje.

— Eu sei. Não sabia que iríamos ver seu pai quando estive com você na escola. Mesmo que tivesse sabido, porém, não teria lhe dito nada naquele momento.

— Por quê?

— Porque quando estamos na escola sou sua professora. Longe da escola

sou sua amiga.

— Por que não pode ser os dois o tempo todo?

— Bem, suponho que possa. A diferença está no que conversamos. Na escola, só conversaremos sobre as coisas da escola.

Trisha ficou uns minutos em silêncio pensando no assunto. Janine respirou aliviada. Crianças de cinco anos eram conhecidas pela avalanche de perguntas que costumavam fazer.

— Está pronta para ir?

— Sim. Estou pronta há multo tempo! Janine riu.

— Então, peguemos a estrada!

A viagem foi feita em meio a uma conversa alegre e descontraída. Janine descobriu que a menina raramente visitava o pai na cidade, por isso, estava excitada com o passeio e ansiosa para ver se ele mudara algo no apartamento desde sua última visita.

Enquanto ouvia o que a menina dizia, preparava-se mentalmente para não se intrometer no encontro de pai e filha. Daria respostas curtas a qualquer pergunta que ele fizesse e se manteria um pouco afastada. Ensaiou o que dizer enquanto seguia as instruções de Cameron para chegar ao apartamento.

Ao estacionar na frente do prédio, porém, todas as respostas ensaiadas sumiram de sua mente. Trisha, em sua excitação, falava sem parar e, quando finalmente trancou a porta do carro, a menina estava puxando sua manga para andar mais depressa.

Cameron atendeu a porta ao primeiro toque da campainha. Janine sentiu-se aliviada, pois, se ele ainda não tivesse chegado do escritório, não saberia o que fazer para distrair Trisha.

— Papai!

Cameron pegou a filha no colo. Trisha enlaçou-o pelo pescoço e encheu seu rosto de beijos.

— É bom ver você também, princesa — ele murmurou com voz embargada abraçando-a. Por um momento, Janine esqueceu de seu constrangimento e permitiu-se observar a cena: um homem alto, vestindo jeans e camisa xadrez, segurando uma garotinha loira como se fosse cristal. Sua expressão refletia todo o amor que sentia por ela.

Quando ele olhou para Janine, ela sentiu como se um holofote tivesse sido aceso sobre si.

— Obrigada por tê-la trazido — ele agradeceu estendendo-lhe a mão livre. Num movimento tão natural quanto a respiração, ela pousou a mão na dele e

deixou que ele a puxasse para,dentro do apartamento e a guiasse até a sala.

Janine surpreendeu-se com o que viu. Talvez porque ele vivesse sozinho, imaginara o típico apartamento de um solteirão, bagunçado e com pouca mobília. O que encontrara entretanto, era um apartamento muito bem decorado que deixava evidente o gosto do dono. Da sala de visitas podia-se ver um pedaço do segundo andar do duplex. Uma espécie de galeria se estendia por três das paredes da sala. A quarta parede era inteira de vidro e dava vista para um jardim e uma piscina.

Quando Cameron viu para onde estava olhando, explicou:

— Tento passar pelo menos uma hora por dia me exercitando na piscina. Infelizmente, nem sempre isso é possível.

Ela olhou ao seu redor, notando as paredes cor de creme e a decoração em tons de pêssego, turquesa e cobre.

— Fiz reservas para o jantar. — Ele olhou para a filha, que ainda estava em seu colo. — Está com fome? — Ela confirmou enfaticamente e ele riu. — Eu também. — Mais uma vez o olhar dele se fixou em Janine. — Está muito bonita. A cor do vestido combina com o tom da sua pele e de seus cabelos.

Ela não conseguiu evitar o sorriso bobo que se instalou em seus lábios. Era maravilhoso vê-lo outra vez e receber elogios como aquele. Nem acreditava que ele notara seu vestido!

— Obrigada.

— Preciso correr lá em cima e trocar de roupa. Aos sábados me visto casualmente para trabalhar, mas, se vou levar minhas duas princesas para jantar, preciso estar lindo. — Trisha, que ria da brincadeira dele, foi posta no chão. Ele subiu a escadaria de ferro batido que levava ao segundo andar e, da galeria, dirigiu-se a Janine: — Pode dar uma olhada ao redor do apartamento, se quiser.

Ela espiou para dentro de uma porta aberta e viu ura escritório confortável, com uma grande escrivaninha, cadeiras, computador, fax, copiadora e estantes e mais estantes abarrotadas de livros.

Ao lado do escritório, havia uma pequena sala de jantar separada por um balcão de uma cozinha muito funcional e cheia de aparelhos modernos.

— Quer ver lá em cima?

Trisha a seguira de aposento em aposento.

— Gostaria de mostrar-me o resto da casa?

— Sim. — Trisha deu a mão para Janine e guiou-a escada acima. No segundo andar, virou à direita onde Cameron tinha virado à esquerda. Andou por toda a galeria e, finalmente, abriu uma porta num gesto dramático.

— Este é o meu quarto. Papai deixou-me ajudá-lo na decoração. Eu que escolhi o papel de parede e os móveis! — ela exclamou orgulhosa.

— É lindo, querida — Janine elogiou observando o quarto que parecia ser de uma rainha. A cama de dossel era enfeitada por babados de renda. A colcha combinava com o papel de parede e as almofadas sobre a cama combinavam com a cortina.

Trisha caminhou até outra porta e a abriu.

— Tenho meu próprio banheiro. — Atravessou o banheiro e abriu outra porta. — Ele também serve para esse outro quarto onde dormem as visitas, está vendo?

Janine deu uma espiada pela porta aberta e viu um quarto decorado com muito bom gosto.

Ao voltarem para a galeria, Trisha apontou para o outro lado do apartamento e disse:

— Daquele lado fica o quarto do papai. Meu tio Cody diz que a parte dele é maior que grande. — Ela riu.— Quer ir ver?

— Hã, não, Trisha. Não acho que seja uma boa idéia. Seu pai está se vestindo e não acho que gostaria de ter visitas.

Trisha cobriu a boca com ambas as mãos, tentando conter o riso.

— Não seria engraçado se entrássemos lá e ele estivesse pelado?

Janine podia sentir seu rosto corar.

— Duvido que ele achasse alguma graça nisso, querida. Naquele exato momento, Cameron saiu do quarto fechando o cinto.

— No que eu não acharia graça? — ele indagou encontrando-as no topo da escada.

— Nada, bobagem,— Janine apressou-se a dizer.

— Eu disse que se entrássemos no seu quarto enquanto estava se vestindo, nós o veríamos pelado. Isso não seria engraçado, papai? — Trisha continuava rindo.

— Engraçado não é bem a palavra que me vem à mente, querida. — Ele obviamente notara o embaraço de Janine, pois piscou para ela.

Cameron pegou a filha no colo e estendeu a mão livre para Janine. Desceram a escada e saíram pela cozinha para pegar o elevador que os levaria à garagem, onde o carro estava estacionado.

No caminho do restaurante, Janine pôde recuperar a compostura, pois Trisha manteve Cameron ocupado com sua costumeira avalanche de perguntas. Era bom ter outra pessoa por perto que pudesse lidar com a curiosidade

insaciável da menina. Cameron surpreendeu-a sorrindo para si mesma.

— Vai me contar o que está achando tão engraçado ou prefere manter segredo?

— Não é nenhum segredo. Só estava reparando na habilidade que tem para responder às perguntas dela. Nem tem que pensar nas respostas. Às vezes ela me pega tão de surpresa que tenho de parar para pensar no que dizer.

Ele riu.

— Ah, mas a questão é que sou um advogado experiente e estou acostumado a fazer interrogatórios. É verdade, que ser interrogado é um pouco diferente, mas acabo me arranjando.

— Bem, preciso elogiá-lo pela sua habilidade em lidar com ela.

— Muito obrigada, querida dama. Acho que, com seu treinamento, também já deve estar acostumada a lidar com crianças.

— Oh, estou, mas as perguntas que me fazem na escola são bem diferentes de algumas das perguntas que ela me fez mais cedo.

— Tais como?

— Bem...

Antes que ela tivesse tempo de pensar num exemplo, Trisha os interrompeu.

— Papai, por que chamou a srta. Talbot de querida dama?

— Foi só uma figura de linguagem.

— O que é uma figura de linguagem?

—- Bem, alguma coisa que não se deve entender literalmente.

— O que é lit...

— Tudo bem, tudo bem. Deixe-me explicar de outro jeito. Eu estava brincando com a srta. Talbot. Ela é uma dama e é querida por mim. Assim sendo, eu falei a verdade, mas de um jeito gozador.

— Ah.

Janine olhou para fora da janela, com medo de encará-lo naquele momento. Seu coração disparara quando Cameron declarara que ela era querida. Deus do céu, o que estava acontecendo? Já estava envolvida com aquelas pessoas mais do que gostaria. De alguma forma, todas as suas convicções pareciam desaparecer cada vez que se aproximava de Cameron Callaway.

— Algo errado? — ele indagou e ela forçou-se a encará-lo sorrindo.

— Nada. Estou com fome, só isso.

— Ótimo. Achei que Trisha gostaria de jantar perto do rio. Quem sabe possamos dar um passeio de barco mais tarde?

— Seria ótimo.

A noite passou voando, num borrão de cores, montanhas de comida deliciosa e muita risada. Quando chegaram em casa, Trisha já estava dormindo.

— Tenho uma sugestão a fazer — Cameron falou ao colocar o carro na garagem.

— Sim?

— Por que vocês não passam a noite aqui e voltam para casa amanhã? Não há nenhuma razão para voltarem hoje, há?

— Não, exceto pelo fato de não termos trazido roupas para passar a noite.

— Bem, Trisha tem uma porção de roupas no apartamento. Acho que poderei encontrar alguma coisa para você usar para dormir. O problema maior seria amanhã, pois minhas roupas não lhe servirão — ele acrescentou com um sorriso malicioso. — Infelizmente, não me lembro de nenhuma mulher ter deixado roupas que possa usar.

Os olhares deles se cruzaram. Janine leu a mensagem nos olhos azuis. Aquele par de olhos haviam-na perseguido todas as noites daquela semana e ali estava ela, outra vez sendo cativada por eles.

— Acho que não há problemas. Iremos embora cedo pois sei que tem muito trabalho.

— É verdade. Tomaremos o café da manhã juntos e as mandarei para casa. O que acha?

— Sua tia não está esperando Trisha de volta essa noite?

— Eu lhe telefonarei assim que entrarmos. Ela encolheu os ombros.

— Por mim, está bem.

Ele saiu do carro e deu a volta para pegar Trisha do colo de Janine. Os dedos de Cameron esbarraram nos seios dela e, por uns segundos, ambos ficaram paralisados. Depois, Cam pegou a filha no colo e a carregou para dentro.

Enquanto ele colocava a menina na cama, Janine encontrou uma cafeteira elétrica e fez um pouco de café. Quando ele desceu, ela já havia servido duas xícaras e as carregava para a sala.

— Uma mulher que me compreende! Obrigado. Desci pensando em oferecer-lhe um cafezinho.

— Trisha está dormindo?

— Como uma pedra. Não acordou nem quando a levei ao banheiro.

Ela sorriu, lembrando-se da noite.

— Ela se divertiu muito. Nunca vi seus olhos tão arregalados.

— Eu sei. Ela andou alguns quilômetros essa noite.

— Nem me diga! Minhas pernas já estavam cedendo antes que ela desse o menor sinal de cansaço.

— E, mas de repente ela apagou. Não há nada que a faça acordar antes de amanhã.

Eles riram suavemente e beberam o café. Quando terminaram, Cameron pegou a xícara da mão dela e colocou ao lado da sua, sobre a mesa de centro. Depois, segurou uma das mãos de Janine e a puxou para mais perto.

— Obrigado — ele sussurrou antes de beijá-la. Quando o beijo terminou e ela pôde pensar outra vez, perguntou:

— Pelo quê?

— Por trazê-la para me ver. Eu hão teria pensado nisso. Acho que minha mente é como uma rua de mão única. Eu sabia que tinha que trabalhar esse fim de semana e nunca me ocorreu que pudesse tirar algumas horas para me divertir também.

— Fico feliz que tenha se divertido. Gosto de vê-lo relaxado e rindo.

— Parece que só consigo relaxar e rir quando estou perto de você.

Ela balançou a cabeça.

— Não sou eu, é Trisha quem tem esse efeito sobre você. Ele pegou uma mexa do cabelo dela e a enrolou nos dedos.

— É claro que gosto de ter Trisha por perto, mas minha alegria é em boa parte por sua causa. Claro que amo muito minha filha, mas nos últimos anos, o peso da responsabilidade de ser pai solteiro não me tem permitido relaxar e aproveitar a companhia dela. Nesses últimos dias tenho aprendido a conhecer minha filha. Devo isso a você.

— Fico feliz por ajudar. Acho que vocês dois podem se beneficiar dessa maior proximidade.

Ele acariciou o rosto dela com aponta dos dedos.

— Você e seu pai eram próximos?

Janine fez um esforço sobre-humano para não se afastar. Afinal de contas, a curiosidade dele era natural. Queria poder ter uma resposta mais otimista para sua pergunta.

— Não conheci meu pai — ela disse em voz baixa.

— Oh, sinto muito. Ele morreu antes de você nascer? Ela balançou a cabeça.

— Segundo a minha mãe, ele ficou muito desapontado por eu ser uma menina. Minha mãe teve complicações no parto e quase morreu. Quando finalmente se recuperou, os médicos lhe disseram que não poderia mais ter

filhos. Meu pai partiu.

— Partiu? Quer dizer que as abandonou?

— Ele disse para minha mãe que não queria uma mulher defeituosa. Queria uma família grande e sonhara em ter vários meninos. Não sei se os teve com outra pessoa. Nunca mais o vimos.

— Que cret...

Ela pousou os dedos sobre os lábios dele, impedindo-o de continuar.

— Não diga nada. Há uma porção de pessoas para quem uma família é a coisa mais importante.

— É claro que ter uma família é importante, mas ele tinha uma. Como pôde abandoná-las desse jeito? Não consigo entender. .

— Minha mãe nunca se recuperou totalmente. Sempre foi uma pessoa frágil que precisava de cuidados especiais. Talvez tenha sido melhor ele ter ido embora, pois não me parece ser do tipo de pessoa que teria muita paciência com alguém que não estivesse em perfeitas condições de saúde.

Ele a abraçou.

— Sua vida não deve ter sido muito fácil.

— Era a vida que eu tinha e não me parecia ruim na época.

— Não se sentia solitária?

— Claro que sim, mas aprendi a me distrair.

— Pelo menos, tive meus pais até os quinze anos. E sempre tive Cole e Cody. Não posso imaginar a vida sem eles. Não sei como sobreviveu à solidão.

Ela pousou a mão no rosto dele.

— Obrigada por se preocupar. Eu não gosto muito de falar sobre minha infância. Já é tarde e nós dois precisamos de descanso.

— Eu sei, mas detesto afastar-me de você, Janine. Está se tornando muito importante na minha vida.

Ela gelou, ouvindo-o fazer aquelas declarações.

— Por favor, Cam. Não tente mudar o que temos. Somos amigos e é melhor deixarmos as coisas como estão.

— Amigos? — ele perguntou mordiscando-lhe o lóbulo da orelha. — Tem idéia do quanto quero vê-la em minha cama?

— Cam... — ela suplicou com voz trêmula.

— Eu sei, eu sei. Ainda sou seu anfitrião e você, minha hóspede. Não vou me aproveitar da situação. Mas, se minha mãe não tivesse me educado para ser um cavalheiro, eu certamente tentaria!

Ela começou a rir.

— Bem, para mantermos sua mãe orgulhosa de seu filhinho, irei para cama, afastando, assim, a tentação.

— Muito obrigado!

— Não há de quê.

— Quando vou vê-la de novo? — Cameron perguntou.

— Quando quer me ver outra vez?

— O mais breve possível — ele confessou.

— Não tenho muito tempo livre durante a semana...

— Eu também não. — Ele permaneceu calado por vários minutos. — Talvez possamos voar até a praia, no próximo fim de semana.

— Voar?

— Claro. Pete nos levará. Alugaremos um carro no aeroporto, passaremos o dia e voaremos de volta.

— Quem é Pete?

— Nosso piloto. Ele leva Cole e eu para qualquer lugar que precisemos ir. O Estado é grande demais para viajarmos de carro.

— Você tem um avião particular?

— A companhia tem. Na verdade, são dois aviões e um helicóptero.

— Quando estou com você e Trisha esqueço que fazem parte do clã dos Callaway. Quando diz algo como "vamos voar até a praia", pareço cair das nuvens.

— Por quê? Há algo errado em passar um dia na praia?

— Não para você. Sempre viveu assim: Acho que não consigo compreender muito por que trabalha tanto, quando obviamente não precisa de mais dinheiro.

— Trabalho porque é minha responsabilidade ajudar Cole a dirigir os negócios da família.

— Cody não sente essa obrigação, sente?

— Não. Ele nunca teve muito interesse na companhia.

— Ele trabalha?

— Trabalha, mas não me pergunte no que. Ele é muito misterioso. Sei que tem contatos nos altos escalões. Também tem me ajudado a investigar alguns incidentes que vêm ocorrendo nas nossas empresas.

— Ser um Callaway não é uma coisa que o impressione, é?

— Não especialmente. — Ele a observou com expressão séria. — E quanto a você? O fato de eu ser um Callaway a incomoda?

— Não tenho muita certeza. Seu estilo de vida é muito diferente do meu.

— Acha que poderia se acostumar com o meu estilo de vida?

Ela não gostou do rumo que aquela conversa estava tomando.

— Suponho que eu possa ser amiga de um Callaway — respondeu sorrindo. — Como vê, não tenho muitos preconceitos!

Ele a agarrou e puxou-a para seu colo.

— Depois não reclame! Sabe que mereceu isso — ele disse antes de beijá-la com sofreguidão.

Mais uma vez, Janine sentiu-se como se estivesse derretendo. Como deixara aquele homem derrubar todas suas defesas? Não sabia como ou quando aquilo tinha acontecido, só sabia que era impossível resistir a ele.

CAPITULO VI

Janine entrou na cozinha de sua pequena casa, finalmente admitindo que o sol de verão estava forte demais para ficar trabalhando no jardim.

Sentia-se mole como macarrão cozido demais. Tirou as luvas de jardinagem, o chapéu e pegou na geladeira uma enorme jarra de chá gelado. Esse gesto provava que estava, sem dúvida, virando uma nativa do Estado do Texas. Nenhum texano que se prezasse, seria pego sem uma boa jarra de chá na geladeira.

Atravessou a casa até a varanda da frente que, por causa da sombra e da brisa, era o lugar mais fresco.

Sentou-se na cadeira de balanço e olhou com desgosto para o shorts e a camiseta sem manga que estava usando. Parecia que estivera rolando na terra e não apenas arrancando o mato dos canteiros. Tomaria um banho assim que terminasse seu copo de chá. No momento, entretanto, pretendia ficar balançando na cadeira, sonhando com Cameron Callaway.

Tinha passado a maior parte de seu tempo livre, naquele verão, fantasiando a respeito dele. Estava de férias da escola há quase dois meses, o que significava que tinha muito tempo livre. Não sabia muito bem como, mas a maior parte desse tempo passara com Trisha e Cameron.

Depois da excursão muito bem sucedida para a praia, tinham feito muitas outras viagens juntos. A maioria, no próprio Estado do Texas. O verão tinha sido um absoluto sucesso. Trisha descobrira o quanto gostava de estar com o pai e Janine se apaixonara.

Nos últimos três meses, o trio havia passado junto quase todos os fins de semana. Quando Cameron tinha muito trabalho acumulado, iam visitá-lo em San Antônio ou passavam os fim de semana na fazenda.

Ele deixara Trisha com Letty durante o verão, mas estava fazendo planos

para levá-la para San Antônio assim que as aulas começassem. Ele e Janine haviam entrevistado muitas candidatas ao posto de governanta, mas, por um motivo ou outro, ainda não havia contratado ninguém.

Janine tomou um gole do chá e sorriu. Não gostaria de ser a pessoa que tomaria conta de Trisha todos os dias? Obviamente aquilo seria impossível. Como poderia ver Cameron como um simples patrão?

Algumas vezes, ela parará de lutar contra si mesma e aproveitara o momento, como naquele primeiro jantar na fazenda. Precisava de muito pouco encorajamento para fazer amor com ele, mas Cameron nunca se aproveitara de sua vulnerabilidade.

N verdade, estava com muito medo de permitir que o relacionamento deles se modificasse. O que estavam compartilhando era muito importante para ela. Cameron se tornara o irmão que sempre desejara ter. Ele a atormentava, provocava, abraçava e estava sempre presente quando precisava dele. Outras vezes, era como um pai: inteligente, sábio, compreensivo. Alguém de quem podia depender.

Ele a havia tirado de dentro da concha na qual crescera è a fizera acreditar ser uma pessoa especial. Ele parecia ficar mais feliz quando estava perto dela.

Como sabia que o relacionamento deles nunca poderia vir a ser mais do que uma forte amizade, Janine não queria estragar tudo tornando-se sua amante. No momento, já estava tendo dificuldades suficientes por estar apaixonada por ele e sabia que, se viessem a se tornar amantes, ela perderia tudo.

Não estava disposta a correr o risco. Até o momento, Cameron parecera aceitar os limites por ela impostos. Não poderia exigir mais de um amigo. O que a vinha torturando nas últimas semanas, era o fato de que *ela* queria mais daquele relacionamento. Como isso havia acontecido? Mantivera-se afastada dos homens durante toda sua vida. Para ela, eles pareciam criaturas de outro mundo, totalmente incompreensíveis. Quando entrou no colegial, já passava a maior parte do seu tempo livre fechada na biblioteca estudando.

Até que conheceu Bobby. Ele a havia perseguido com Uma tenacidade à qual uma garota de dezesseis anos dificilmente conseguiria resistir.

Tomou mais um gole de chá e suspirou. Estranho, era a primeira vez que pensava em Bobby em muito, muito tempo. O que aconteceu não foi culpa dele. Um motorista perdeu controle do carro e avançara, na contra mão, para a pista onde estavam. Bobby fizera tudo para evitar a colisão. Mais tarde, soube que a polícia o elogiara por seus reflexos rápidos. Ambos podiam ter morrido, como o motorista do outro veículo.

Eram muito crianças quando tudo aconteceu. Já era tempo de deixar para trás as fortes emoções que a lembrança do acidente provocavam. Bobby terminara o namoro logo depois que ela recebeu alta do hospital. Hoje, podia compreender que, talvez, aquilo tivesse sido o melhor para os dois.

Sorriu para si mesma Cameron trouxera uma paz para sua vida, até então desconhecida. Talvez algum dia pudesse contar para ele tudo pelo que passara e como sua vida havia sido radicalmente afetada. Nunca antes achara que poderia vir a ficar em paz com sua situação. A entrada de Cameron em sua vida fizera toda a diferença.

Um carro estacionou na frente da casa. Janine levantou o olhar imaginando ser algum dos vizinhos. Arregalou os olhos ao perceber que se tratava de Cameron. Ele já estava no portão e lhe acenava. Droga, não teria tempo para entrar e trocar de roupa. Ela levantou de vagar.

— Olá, moça bonita — ele a cumprimentou sorrindo. — Como tem passado?

— Como pode ver, estive trabalhando no jardim. Ficará feliz em saber que deixei um pouco da terra para as flores. — Ela olhou para o carro e viu que estava vazio. — O que o trás aqui no meio da tarde de um dia de semana?

Ele sentou na cadeira de balanço.

— Por volta das onze horas da manhã dei-me conta de que venho trabalhando demais.

Ela riu.

— Que milagre ocorreu para fazê-lo ter esse momento de verdade?

Ele se recostou na cadeira, fechou os olhos e suspirou.

— Não sei, exatamente. Acordei esta manhã com um dor de cabeça infernal. Dormi mal à noite e estava tendo dificuldade em me concentrar no trabalho. Finalmente, comuniquei à minha secretária que estava tirando alguns dias de folga.

— Está indo para a fazenda?

Ele abriu os olhos e a olhou intensamente.

— Não, eu vim vê-la.

As coisas ficariam complicadas, Janine pensou. Estava num momento muito vulnerável, pois acabara de admitir para si mesma que o amava.

— Como está sua dor de cabeça? Ele voltou a fechar os olhos.

— Sinto-me como se houvesse dúzias de serras elétricas ligadas dentro dela.

— Gostaria de um pouco de chá gelado e aspirinas?

— Parece bom — ele murmurou. — É maravilhoso poder sentar aqui com você e descansar um pouco.

Ela entrou em casa e encontrou os analgésicos, serviu-o de chá e voltou para o terraço. Estava mais preocupada do que deixava transparecer. Em todo o tempo que o conhecia, Cameron jamais tirara folga no meio da semana. Por baixo do bronzeado ele parecia pálido.

Ao voltar para fora, descobriu que ele nem se mexera.

— Cameron?

— Hum?

— Por que não toma os remédios e deita um pouco para descansar?

Ele pareceu ter dificuldades para abrir os olhos.

— Claro — murmurou. — Como que quiser. — Ficou de pé e cambaleou. Janine entregou-lhe as pílulas e o copo de chá e o observou enquanto tomava o remédio. Era óbvio que havia passado no apartamento antes de pegar a estrada. Não estava de terno, seu uniforme de advogado, como costumava dizer. Estava usando jeans, uma camiseta de algodão e calçava um par de mocassins.

Algum instinto a fez segurar a mão dele. No momento em que o tocou, soltou um grito:

— Cameron, você está pegando fogo!

— Não me admira — ele murmurou seguindo-a para dentro da casa. — Está infernalmente quente, lá fora. — Ele parou na pequena sala. — Aqui está muito melhor.

Ela o guiou até o quarto e rapidamente tirou a colcha da cama.

— Aqui está. Deite-se e tente descansar um pouco.

Como uma criança, Cameron sentou obedientemente na beirada da cama e tirou os sapatos. Depois, deitou sobre os travesseiros.

— Humm. Seu travesseiro tem o seu cheiro. Cheiro de flores, ar fresco e raios de sol.

Ela se afastou, comovida demais para fazer qualquer comentário. Fechou as cortinas das duas janelas, fazendo o quarto mergulhar na penumbra. Ligou o ventilador de teto que ficava bem em cima da cama.

Quando voltou a olhar para Cameron ele parecia já ter pego no sono. Ela se inclinou e tocou a testa dele com a palma da mão. Estava muito quente e sua pele muito seca. Alguma coisa estava errada, mas não sabia o que mais fazer. Faria com que ele descansasse e, talvez, quando acordasse, estivesse se sentindo melhor.

Nesse meio tempo, tomaria um banho e trocaria de roupa. Depois

prepararia alguma coisa para o jantar.

Duas horas mais tarde, Janine, da cozinha, ouviu a porta do banheiro bater. Cameron estava acordado. Depois de esperar alguns minutos, não tendo ouvido mais nenhum ruído, resolveu ir investigar. Foi até o corredor e o chamou:

— Cam? — Ao ouvi-lo gemer, correu até a porta do banheiro e a abriu. Ele estava sentado num dos lados da banheira e segurava a cabeça entre as mãos.

— Ainda está com dor de cabeça — perguntou preocupada.

Ele a encarou surpreso.

— Janine? O que está fazendo aqui?

Ela pensou que ele estivesse brincando.

— Não tive a intenção de invadir o banheiro dessa forma, mas ouvi um gemido e achei que pudesse estar precisando de ajuda.

Ele olhou ao redor.

— Onde estou?

Janine ficou alarmada.

— Por que não se deita outra vez, Cam? Faria isso por mim? — Aproximou-se e o ajudou a ficar em pé. Ele estava tão fraco que mal conseguia andar.

— Droga, está muito quente — ele resmungou ao chegar ao lado da cama. Antes que Janine pudesse impedi-lo, arrancou a calça e a camisa, deitando-se só de cueca. Adormeceu quase que imediatamente.

O olhar de Janine foi atraído pela pequena peça de algodão azul marinho que cobria o corpo dele. Não é como se nunca o tivesse visto seminu. Diversas vezes o vira de maiô na beira da piscina, mas aquilo era diferente. Era mais íntimo.

Ela lhe deu as costas e pegou no armário um lençol para cobri-lo. Cameron não se moveu. Ela voltou para a sala e ligou para a fazenda. Quando Rosie atendeu ao telefone, pediu para falar com Letty.

Poucos momentos mais tarde, ouviu a voz de Letty do outro lado da linha.

— Sim? Quem está falando?

Janine sorriu. A tia de Cameron sempre a lembrava de uma vizinha que tivera no Colorado. A vizinha, que sempre vivera na casa ao lado da sua, era uma mulher mal-humorada que estava sempre gritando com as crianças da rua. Ninguém podia invadir sua propriedade um milímetro sequer. Entretanto, quando a mãe de Janine ficou doente, fora essa vizinha quem sé oferecera para passar o dia cuidando dela para que Janine pudesse ir para a escola.

— Letty, aqui é Janine. Preciso de um conselho.

— Sobre o quê?

— Vocês têm um médico de família?

— Qual o problema? Você está doente?

— Não, não estou. Cameron chegou aqui no começo da tarde e, como não estivesse se sentindo muito bem, dei-lhe umas aspirinas e recomendei que descansasse um pouco. Quando ele acordou, poucos minutos atrás, não parecia lembrar-se de onde estava nem como viera parar aqui. Ele está muito quente, acho que precisarei chamar um médico.

— Sei. Não conseguirá que nenhum desses médicos novos se dê ao trabalho de fazer visitas domiciliares. Fred Whitney está aposentado há cinco anos, mas ainda é o melhor da região. Vou tentar encontrá-lo e pedir para que vá ver Cameron. Dê-me seu endereço.

Janine sentiu uma onda de alívio. Letty ia ajudá-la. Ditou o endereço rapidamente e desligou. Voltou para o quarto e constatou que Cameron ainda dormia.

Foi para a cozinha e serviu-se de um prato da salada de frango que fizera para o jantar. Ao sentar à mesa, porém, não conseguiu comer. Levantou-se e ficou caminhando entre a cozinha e a sala, esperando pelo médico. Quando um carro antigo, mas bem conservado, parou atrás do carro de Cameron, Janine suspirou aliviada e abriu a porta.

O homem que descia do carro devia ter sido, no passado, uma figura imponente. Era alto, magro, tinha uma cabeleira branca e os olhos mais azuis que ela já tinha visto.

— Você deve ser Janine Talbot — ele disse ao se aproximar carregando uma maleta.

— Sim, senhor. O senhor deve ser o Dr. Whitney.

— Bem, pelo menos, é isso que o meu diploma diz. Os habitantes das redondezas me chamam de dr. Fred há mais tempo do que já viveu.

Ela sorriu.

— Dr. Fred, muito prazer.

— Bem, onde está o nosso jovem? Não vejo Cam há muito tempo. Enquanto estava crescendo, tive que remendá-lo diversas vezes. Ele já lhe contou sobre a vez que caiu do alto do palheiro?

Ela estava caminhando pelo corredor e o médico a seguia. — Infelizmente, acho que ele não me contou nada a respeito.

— Na verdade, isso não me surpreende. Levou uma surra e tanto aquele dia. Sabia muito bem que o estábulo e especialmente o palheiro eram lugares

proibidos. Braço quebrado ou não, apanhou para valer. — Ele pegou uma cadeira e aproximou-a da cama. Sentou-se, segurou o pulso de Cam entre os dedos capazes. Depois, abriu a maleta de médico e pegou um estetoscópio, com o qual ouviu o peito do paciente.

Janine ficou parada à porta do quarto, sentindo-se impotente. O médico continuava a mover o disco metálico pelo peito de Cam, ouvindo aqui e ali. Pensou que fosse acabar gritando de impaciência.

Finalmente, o médico tirou o estetoscópio do ouvido.

— Cameron? Acorde, filho. Fale comigo.

Ela observou, fascinada, as pálpebras de Cam tremerem e abrirem vagarosamente.

— Dr. Fred? — murmurou pelos lábios ressequidos. — O que está fazendo aqui?

O médico sorriu.

— Verificando se está bem, filho. Essa jovem achou que, talvez, precisasse de ajuda.

O olhar de Cameron passou do médico para Janine. Sorriu para ela, mas não disse nada.

— Cameron, há quanto tempo está se sentindo mal?

— Há muito tempo — ele respondeu e fechou os olhos. O médico sorriu para Janine antes de voltar a insistir.

— Isso quer dizer anos, dias ou horas? Preciso que seja mais preciso, filho.

— Não sei bem. Acho que há uns dois dias. Não tenho tido muita energia. Minha garganta está me incomodando.

— Deixe-me ver — ele ordenou segurando um pequeno instrumento com uma luz na ponta.

Cameron obedeceu e abriu a boca.

— Aaaa.

Cameron fechou a boca e os olhos.

— Sabe o que ele tem doutor? — Janine perguntou aflita.

— Bem, eu poderia pedir que fizesse uma porção de exames, mas acho que posso arriscar um palpite baseado na experiência.

— O que é?

— Primeiro de tudo, esse menino vem forçando seus limites há muito tempo. Não se pode esperar que o corpo receba esse tipo de tratamento e não se rebele, mais cedo ou mais tarde. Acho que o corpo de Cam está apresentando a conta. Como está debilitado, imagino que tenha pego um vírus muito comum

nesta época do ano. Está com todos os sintomas.

— O que podemos fazer?

Ele sorriu ao ouvi-la usar o plural.

— Bem, eu poderia receitar-lhe um antibiótico, um analgésico e alguma coisa para a febre. O mais importante, porém, é que descanse. Isso é absolutamente essencial. Mas, se conheço Cameron bem, no minuto que começar a sentir-se mais forte, estará de volta ao trabalho.

— Se ele fizer isso, o que acontece? Fred deu de ombros.

— Difícil dizer. Esse é um vírus forte. As pessoas que levantam cedo demais acabam voltando para cama, sentindo-se muito pior do que da primeira vez. Muitas acabam internadas no hospital.

— Quanto tempo recomenda que ele fique de cama?

— No mínimo uma semana. Dez dias seria o ideal.

— Qual o perigo de contágio?

— Igual ao da maioria dos vírus. Por quê? Está com medo de pegá-lo?

Ela sorriu.

— Não. Estava pensando em Trisha. Talvez ela pudesse vir visitá-lo mais tarde, se estiver se sentindo melhor.

Ele balançou a cabeça.

— Não deve trazê-la antes da febre ceder. Crianças são bonitinhas, mas cansam muito. Dê-lhe uma chance para descansar.

Ela concordou.

— Tudo bem.

O médico levantou e olhou para Cameron.

— O homem está exausto. Basta olhar para ele. Sei que a febre e a infecção não estão ajudando, mas a maior parte desse estado foi causado por pura negligência. — Ele balançou a cabeça. — Hoje em dia, as pessoas maltratam seus corpos e depois não entendem por que pifam. Acham que é só tomar umas pílulas e pronto, tudo funcionará outra vez. As coisas não acontecem assim.

— Eu sei. — Ela encaminhou-se para a porta. — Gostaria de beber algo antes de ir embora?

— Gostaria muito, obrigado. Ah, e se me mostrar onde fica o telefone, pedirei para Oliver, da farmácia, trazer alguns remédios.

Ela arregalou os olhos.

— Ele faria isso? O velho riu.

— Para algumas pessoas, faria sim.

Quando ele desligou o telefone, Janine já havia servido um copo de chá gelado.

— Fiz uma salada de frango para alimentar Cameron. Mas isso foi antes de me dar conta do quão doente ele estava. Posso tentá-lo a experimentar um pouco?

Fred a olhou surpreendido e sorriu.

— Como soube que, hoje em dia, eu mesmo faço minha comida?

— Não soube. .

— Então, fez uma brilhante dedução. Nunca perco tempo com coisas que têm que ser picadas e desfiadas. Sua salada parece muito boa.

— Sente-se e servirei um prato para cada um de nós.

Ela também tirou da geladeira a vasilha de salada verde que havia preparado. Sentaram-se frente a frente e comeram enquanto se conheciam melhor.

Fred Whitney conhecia os Callaway havia muito tempo. Na verdade, fora ele quem trouxera ao mundo os dois irmãos mais novos. Conhecia muitas histórias sobre a família, sobre a fazenda e sobre a cidade. Janine o achou fascinante.

Mais de duas horas se passaram antes dele ir embora. Deixou-lhe instruções precisas sobre como medicar Cameron, como alimentá-lo e como lidar com um paciente mal-humorado.

Ele já estava descendo os poucos degraus do terraço, quando se voltou para ela.

— Oh, já ia me esquecendo. Letty pediu-me para informá-la sobre o estado de saúde de Cameron, mas como prefiro não falar pessoalmente com a velha ranzinza, gostaria que você mesma lhe telefonasse. — Como ele já tinha lhe contado diversas das batalhas verbais que tivera com Letty, Janine não se surpreendeu com o pedido.

— Não se preocupe, Dr. Fred — respondeu sorrindo.

— Voltarei amanhã para ver como nosso paciente reagiu aos remédios. Se precisar de mim, ligue para o número que lhe dei.

Janine entrou em casa e telefonou para Letty. Assim que a outra reconheceu sua voz, ralhou com ela:

— Que diabos está acontecendo? Teve que hospitalizá-lo? Já faz horas que falei com o médico.

— Desculpe-me, Letty. O Dr. Fred acabou de sair. Ele acha que eu mesma posso cuidar de Cameron. Tudo o que tenho que "fazer é certificar-me de que

tome a medicação no horário correto e que permanece na cama. O médico acha que contraiu um vírus.

— Isso não me surpreende. Parece que, hoje em dia, todo mundo está com um vírus ou outro.

— É verdade. O médico acha que a condição de Cameron é um pouco mais grave porque ele já não estava bem.

— Claro que não estava bem. O que esperava? Ele pula as refeições, fuma demais e raramente dorme mais do que quatro horas por noite. Não podia estar bem, podia?

— Bem, ele parece estar descansando no momento.

— Se quiser, posso mandar uns empregados da fazenda buscá-lo. Não será a primeira vez que veio convalescer na fazenda.

— Não acho que transportá-lo seja uma boa idéia. Além disso estou em casa o tempo todo e não me incomodo de cuidar dele.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então está bem. Mas, se ele sair dos eixos, dê um grito, ouviu?

Janine riu do tom de voz e da escolha de palavras da velha senhora.

— Ouvi.

— Avisarei Cole do que está acontecendo. Ele e Cam trabalham juntos.

— Oh, havia me esquecido do trabalho! Muito obrigada, Letty, tenho certeza de que Cameron ficará aliviado ao saber que o irmão sabe onde está.

— Diga-lhe que passarei por aí uma hora dessas para ver como está se comportando. Diga-lhe para sair logo da cama.

— Farei isso. Obrigada, Letty, você foi de grande ajuda.

— É para isso que serve a família, mocinha.

Janine desligou o telefone e foi dar uma olhada em Cam. Como nunca tivera nenhuma família além da própria mãe, não sabia para que servia a família. Nunca sentira falta daquilo que não tivera. Entretanto, era bom saber que havia alguém para quem pudesse ligar se precisasse de ajuda.

Não se sentia mais sozinha.

CAPÍTULO VII

Havia chamas por todos os lados. Lutou contra a fumaça que ameaçava sufocá-lo. Tinha que encontrar uma saída, tinha que encontrar alívio. Tinha que escapar antes que...

Podia ouvir a voz. Uma voz o chamava á distância. Reconhecia aquela voz que oferecia alívio. Se ao menos pudesse encontrá-la. Continuou a lutar

desesperadamente para livrar-se da fumaça que o estava envolvendo e sufocando. De repente, a neblina sumiu e ele se viu diante de um riacho de águas cristalinas. Ela estava ao lado do riacho, chamando-o para perto de si. Ele começou a correr tropegamente, exausto de tanta batalha. Aproximou-se lentamente, sabendo que, se ao menos conseguisse alcançá-la, estaria bem.

— Levante a cabeça, Cam, e beba isto.

Sentiu um copo sendo encostado em seus lábios ressequidos e a água fresca umedecendo-os.

— Assim mesmo, engula tudo e se sentirá melhor.

Sua garganta ardia, mas forçou-se a engolir. Ela lhe deu mais água e, aos poucos, as chamas pareceram se afastar e o calor pareceu diminuir.

Depois, ela o deitou no riacho fresco e o banhou com a água corrente. As mãos o tocavam com suavidade, acalmando-o, deixando-o relaxado e mais confortável. Ele mergulhou cada vez mais fundo na água fresca.

Cam acordou sobressaltado. Estava num quarto que não conhecia. Pelo pouco que podia ver na penumbra, parecia ser pequeno. Tentou se levantar e sentiu uma dor lancinante na cabeça. Gemendo, voltou a se deitar, certo de que sua cabeça cairia do pescoço.

— Cam? Está se sentindo bem?

Ele virou a cabeça cuidadosamente na direção da porta, de onde soava a voz familiar.

— Janine?

Ela pareceu flutuar em sua direção. Estava usando uma roupa leve e esvoaçante.

— Sua cabeça ainda está doendo?

— Sim.

Ela pegou uma jarra na mesinha-de-cabeceira e encheu um copo com água: Abriu um frasco e pegou uma pílula.

— Tome isso, talvez ajude. — Ela lhe entregou o remédio. Assim que ele o colocou na boca, entregou-lhe o copo e o ajudou a beber.

A água estava fria e refrescante. Esvaziou o copo e voltou a deitar na cama.

— O que estou fazendo aqui? — perguntou. Ele próprio surpreendeu-se com o tom mal-humorado da pergunta.

Ela sorriu.

— No momento, está convalescendo de um vírus.

— Há quanto tempo estou aqui? Ela olhou para seu relógio de pulso.

— Mais ou menos doze horas.

Por que não conseguia lembrar-se de nada? A última coisa da qual se lembrava era de estar no escritório. Era tudo muito complicado para tentar compreender. Fechou os olhos e, de repente, deu-se conta de que não a havia agradecido por cuidar dele.

— Obrigado — disse sonolento.

Podia ouvir o riso na voz dela quando respondeu:

— Você é bem-vindo.

Cameron estava derretendo de calor. Empurrava as cobertas, mas alguém teimava em voltar a cobri-lo.

— Está quente demais! Tire essa porcaria de cima de mim!

— Vai ficar com frio sem elas. Fique quieto que vou buscar algo para você beber.

— Não quero beber nada, quero me livrar das cobertas! As mãos se afastaram.

— Vá em frente. Faça como quiser.

Ele se sentiu extremamente orgulhoso. Havia vencido a batalha com a voz macia. Jogou as cobertas para o lado e sentiu a brisa sobre seu corpo, tocando-o, aliviando o calor, refrescando tanto que começou a tremer.

As cobertas apareceram do nada, cobrindo-o, protegendo-o do frio. Sorriu para si mesmo e mergulhou no sono.

Quando abriu os olhos outra vez, o quarto continuava na penumbra. O abajur ao lado da cama estava desligado. Jogou as cobertas para o lado e colocou as pernas no chão. Suas pernas pareciam feitas de chumbo. Mal podia movê-las.

Determinado, esticou os braços para a guarda da cama e esforçou-se para ficar em pé. Só conseguiu chegar ao banheiro agarrando-se à mobília e ancorando-se nas paredes. Depois de se aliviar, levou um choque ao olhar-se no espelho. Parecia ter passado cinco dias completamente bêbado. Precisava se barbear, seu cabelo estava espetado e seus olhos, vermelhos. Além disso, havia a constante dor de cabeça.

Agarrou a maçaneta da porta e a girou. Logo descobriu que seu caminho estava barrado.

— O que está fazendo fora da cama? Boquiaberto, encarou Janine. Não a via furiosa daquele jeito desde o primeiro encontro na fazenda. Os olhos verdes soltavam faíscas.

— Oi. — Ele lhe deu seu sorriso mais cativante. Não obteve resultados.

— Dr. Fred disse que não deveria se levantar por nenhum motivo. Volte já

para a cama.

— Eu tinha que ir ao banheiro.

— Oh.

Ah! Aquilo a fizera calar a boca. Seu rosto ficou vermelho, o que fez com que os olhos parecessem ainda mais verdes. Ele podia sentir que seus joelhos começavam a amolecer. A menos que quisesse cair aos pés dela, era melhor obedecê-la e voltar imediatamente para a cama.

Foi só naquele instante que se deu conta do fato de estar nu.

— Que diabo! Onde estão minhas roupas? — Caminhou o mais rápido que pode para o quarto e jogou-se na cama, puxando as cobertas sobre seu corpo.

— Tirou a maior parte delas quando foi para a cama — ela afirmou seguindo-o. — Tirei sua cueca ontem à noite, quando vim lhe dar um banho de esponja. Sua febre estava muito alta e eu precisava refrescá-lo. Letty vai mandar alguém lhe trazer mais roupas daqui há um ou dois dias.

— Um ou dois dias? Preciso de minhas roupas agora! O sorriso dela era firme.

— Não precisa não. Está muito longe de ficar bom e, por enquanto vai ficar na cama tomando seus antibióticos.

— Não preciso ficar na cama para tomá-los. Pelo amor de Deus!

— Ah, precisa sim. Esse tipo de antibiótico recomenda explicitamente que o paciente precisa estar acamado para tomá-lo ou não fará efeito.

Ele a encarou desconfiado, mas ela nem piscou o olho.

— Nunca ouvi falar nisso.

Ela encolheu os ombros.

— E um novo tipo de medicamento. Entretanto, pode comer alguma coisa, se quiser. Está com fome?

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Não muita.

— Fiz um caldo de frango para você. Por que não experimenta uma xícara?

Ele fez um gesto afirmativo e a observou desaparecer no corredor. Droga, não conseguia lembrar-se de nada que acontecera nos últimos três dias. Sentia-se como se tivesse sido amarrado às patas de um cavalo e arrastado pelo deserto. Ela, por outro lado, parecia uma rainha de gelo, toda fresca vestindo shorts e camiseta sem manga.

Janine voltou com uma xícara de caldo de frango e um copo de chá gelado numa bandeja. Colocou a xícara ao lado da cama, pegou o chá e sentou na

cadeira ao lado da cama.

— Sinto-me como um idiota — ele murmurou pegando a xícara.

— Por quê?

— Eu não deveria estar aqui deixando-a servir-me dessa maneira. Não consigo imaginar por que vim até aqui, se estava me sentindo tão mal.

— Você não se lembra — ela afirmou.

Ele balançou a cabeça e tomou um gole do caldo.

— Disse que estava tendo dificuldades para se concentrar no trabalho por causa da dor de cabeça. Parou aqui a caminho da fazenda.

— Por que não me mandou para lá?

— Nem cheguei a pensar nessa possibilidade. Sinto muito se não está muito confortável aqui comigo. Letty ofereceu para mandar alguém buscá-lo, mas a convenci a deixá-lo aqui.

Ele a encarou por cima da xícara.

— Isso quer dizer que *quis* cuidar de mim? O sorriso dela o desarmou.

— Inacreditável, não é? Devo gostar de ser chamada de nomes impublicáveis.

— Eu fiz isso?

Ela fez um gesto afirmativo.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. Não tenho a intenção de abrir um processo contra você — ela brincou. — Esteve muito doente, Cam. Ainda não está fora de perigo.

— Bobagem. Estou me sentindo muito melhor. Só estou um pouco fraco, mas tenho certeza de que logo passará. Assim que me der minhas roupas, vou...

— Vai ficar nessa cama e descansar.

— Mas...

— Nem mais nem menos. E melhor tomar seu remédio agora, assim não terei que incomodá-lo daqui a pouco menos de meia hora.

Da onde tinha tirado tal ar de autoridade? Ele quase bateu continência e, quando ela lhe entregou as pílulas, engoliu-as rapidamente.

— Bem, talvez eu possa descansar alguns minutos. Depois, vou ligar para Letty e... — ele fechou os olhos e nem sentiu a xícara ser tirada de suas mãos. Sorriu e afundou a cabeça no travesseiro. Só precisava de mais alguns minutos de descanso.

Quando Dr. Fred chegou, Janine foi recebê-lo no terraço.

— Como está nosso paciente? •— ele indagou sorrindo.

— Tudo menos *paciente.* Já está exigindo que lhe entregue suas roupas.

Fred caiu na gargalhada.

— Se está na cama de uma moça bonita como você e só consegue pensar em se *vestir,* deve estar mais doente do que pensei.

— Ele levantou da cama essa manhã, enquanto eu estava na cozinha. Quando o encontrei, estava tão fraco que mal conseguia ficar em pé. Ainda assim, achou forças para me dar trabalho.

— O que ele estava fazendo fora da cama?

— Atendendo ao chamado da natureza.

— Ah. Bem, acho que é esperar demais que ele a deixe cuidar de tudo. Suponho que seja melhor deixá-lo levantar para ir ao banheiro. Isso é tudo, porém. De resto, deve permanecer na cama. Ele está acordado agora?

— Pode ir olhar, mas acho que não. Acabou de dormir no meio de uma frase.

Fred riu.

— Isso é bom. Sono é o melhor remédio. Tenho que admitir que o analgésico que prescrevi derrubaria um boi, mas conhecendo Cameron, achei melhor não correr o risco de vê-lo correr para o escritório antes de estar recuperado. Vou dar uma olhada nele.

Ela observou da porta enquanto o médico fazia o exame de rotina, durante o qual Cameron permaneceu adormecido. Os olhos do médico brilhavam ao sair do quarto.

— Graças a você, ele já melhorou muito. Embora ainda esteja com um pouco de febre, sua cor já está bem mais saudável.

— Eu lhe dei um caldo de frango, mas ele não pareceu estar com muita fome.

— Não se preocupe, querida. Continue oferecendo alimentos leves. O organismo é muito sábio, quando ele estiver com fome, dirá. Está fazendo um ótimo trabalho.

— Obrigada.

— Ele é um homem de muita sorte. Não são muitos de nós que têm uma segunda chance na vida.

Janine não compreendeu a que ele se referia, e sua confusão deve ter se refletido em seu rosto.

— Minha esposa, Trudy, morreu há quase quinze anos. Nunca encontrei ninguém que pudesse ocupar seu lugar. Estou feliz por Cameron tê-la encontrado. Ele é jovem demais para passar o resto da vida sozinho.

— Oh, Dr. Fred, nós somos apenas bons amigos. Ele sorriu e saiu pela porta.

— Claro que sim, querida.

Janine o observou caminhar até o carro e partir, vagarosamente.

As luzes fortes de repente o ofuscaram. Virou a direção, tentando desviar, lutando para não perder o controle. Ouviu um grito e começou a capotar, as luzes ofuscando sua vista, o grito ininterrupto.

— Cam! Cam, querido, acorde! Está tendo um pesadelo. Cam? Está tudo bem, é só um pesadelo.

Ele lutou para distanciar-se do barulho e da confusão, forçando-se a recobrar a consciência. Podia sentir mãos macias acariciando seu rosto, tentando acalmá-lo. Agarrou-as sentindo sua solidez, uma onda de alívio o invadiu ao perceber que as mãos eram reais. Ela estava ao seu lado, abraçando-o, amando-o.

— Janine? — Ao abrir os olhos percebeu que ela não acendera as luzes.

— Sim, Cam, sou eu. Sinto muito tê-lo acordado, mas o ouvi gemendo e gritando e imaginei que estivesse no meio de um pesadelo.

Ela estava parada ao lado da cama e Cameron tinha os braços ao seu redor. Ele deu um puxão fazendo-a cair sobre o corpo forte. Depois, virou-se na cama puxando-a para seu lado.

— O que está fazendo? — ela indagou com o riso abafado.

— Eu sabia que era você — ele declarou devagar, tentando compreender o significado do que estava dizendo.

— Claro que sou eu. Não há mais ninguém aqui.

— Não é disso que estou falando. Estou me referindo ao pesadelo. Eu reconheci sua voz e sabia que, se conseguisse encontrá-la, eu ficaria bem. — Ele ficou abraçado a ela, acariciando os cabelos macios. — Onde está dormindo?

— No sofá.

— Estou na sua cama, não é?

— Eu não me incomodo.

— A casa não tem dois quartos?

— Tem, mas o outro é muito pequeno e o uso como depósito. Nunca pensei que precisaria de outra cama.

— Sinto muito por ter invadido sua casa desse jeito.

— Eu não. — Ele pôde ouvir o tom divertido na voz dela. — Está com fome? — perguntou depois de uma pequena pausa.

— Um pouco.

— Deixe-me ir buscar algo para você comer. Talvez assim, consiga dormir

melhor. — Ela esperou, mas Cameron não a soltou. Era bom tê-la nos braços, com o corpo macio pressionado contra o dele. Ela empurrou o peito musculoso tentando libertar-se. Ele a soltou relutante.

Janine saiu do quarto sem acender a luz. Cameron sentiu-se satisfeito, deitado no escuro, esperando pela sua volta. Quando voltou, ela acendeu a luz do abajur e entregou-lhe uma xícara com um líquido fumegante e cheiroso.

— Como você estava dormindo profundamente, não o acordei para tomar sua dose de remédio. E melhor tomá-lo agora — ela lhe entregou as pílulas e saiu do quarto.

Quando terminou o caldo, Cameron concluiu que ela não voltaria para o quarto. Começou a se levantar e lembrou-se de sua nudez. Murmurando um palavrão, enrolou-se no lençol e ficou em pé.

Irritado com sua fraqueza, caminhou cuidadosamente até o banheiro. Sabia que um banho lhe faria bem, por isso, entrou na banheira e ligou o chuveiro deixando o jato quente de água aliviar as dores que sentia pelo corpo. Ao terminar, sentia-se melhor, mas sabia que não estaria e em condições de participar de nenhuma maratona por muito tempo. Já estava louco para voltar para a cama.

Quando voltou para o quarto, dessa vez com uma toalha amarrada na cintura, percebeu que Janine estivera ali outra vez. Não apenas recolhera a louça como também trocara a roupa de cama e afofara os travesseiros. Entretanto, não estava à vista.

Sentindo os músculos trêmulos pelo esforço, apagou a luz, jogou a toalha sobre a cadeira e deitou sob o lençol fresco, minutos mais tarde, dormia profundamente.

Deitada no sofá e sem conseguir dormir, Janine ficou um longo tempo pensando. Talvez tivesse sido imprevidente ao insistir para que ele permanecesse em sua casa. Considerando a atração que sentiam um pelo outro, não estaria pedindo para ter problemas? A princípio, ele estivera doente demais para fazer alguma diferença, mas agora estava melhorando a olhos vistos. Talvez, no dia seguinte, sugerisse telefonarem para a fazenda e pedirem para alguém vir buscá-lo. Poderia também levá-lo até lá, caso preferisse.

Sim, isso seria o melhor a fazer. Ignoraria o que seu coração dizia.

Ainda estava acordada quando o ouviu gemer e soube que o pesadelo havia retornado. Correu para o quarto para acordá-lo.

— Cam? Está tudo bem, Cam. E só um pesadelo. — Debruçou-se sobre ele e tocou sua testa.

De repente, mãos fortes a agarraram pelo pulso, puxando-a para frente. Soltando um pequeno grito de surpresa, tentou não cair sobre o corpo dele, para não assustá-lo. Girou o corpo e acabou caindo na cama ao seu lado. Foi só então que deu-se conta de que ele estava descoberto. Antes que pudesse se afastar, porém, ele colocou uma coxa musculosa sobre suas pernas, prendendo-a à cama.

— Cam? Sou eu, Janine. Acorde, por favor, Cam. — Ela falava em voz baixa, ainda com receio de assustá-lo.

— Janine — ele balbuciou.

— Sim. Acorde, Cam.

Ele soltou seus pulsos, mas, ainda assim, ela não conseguia se mexer. Pousou as palmas das mãos no peito musculoso, tentando movê-lo, e constatou que estava muito quente. A febre devia ter subido, concluiu.

Cameron acariciou o corpo dela com uma mão, fez uma pausa e tateou a camisola de algodão que ela estava usando.

— O que está fazendo vestida? — ele murmurou enrolando as palavras. Esticou a mão até a bainha e puxou a camisola para cima, tirando-a pela cabeça de Janine. — Humm, assim está melhor, mais uma vez, deslizou a mão pelo corpo dela, fazendo um caminho de fogo da coxa até o pescoço. Desceu a mão até um seio e acariciou o mamilo com os dedos, até que estivesse rijo. Depois, abaixou a cabeça e encobriu o mamilo com os lábios.

Ela retesou o corpo, estranhando aquela nova sensação. Depois, estremeceu toda, maravilhando-se com as sensações que o toque dele causavam em seu corpo. Sentia-se como se estivesse derretendo por dentro.

Ele mudou de posição e colocou a coxa entre as pernas dela. Janine suspirou ao sentir o contato tão íntimo. A coxa dele se movia ritmadamente entre suas pernas. Quando ele envolveu o outro mamilo com a boca, ela gemeu alto e se debateu um pouco, sentindo uma ansiedade desconhecida.

Cameron pareceu saber do que precisava, pois levou os dedos até a fonte daquele desejo que se espalhava por seu corpo, acariciando-a e levando-a à loucura. Janine desceu as mãos lentamente pelas costas dele, sentindo cada vértebra. Quando ele ergueu a cabeça e a beijou, ela pensou ter visto fumaça saindo do corpo de ambos.

Entregou-se completamente ao mar de sensações que a invadiam. As mãos dele moviam-se por todo seu corpo, provocando-a até achar que fosse explodir. Quando ele finalmente deitou sobre ela, Janine estava pronta.

Não houve constrangimentos, nem medo. Estava com Cameron, o homem a quem amava. O homem que podia levá-la ao delírio com apenas um olhar.

Cameron... Cam...

Sim, bem aí. Era bem ali a fonte das sensações mais intensas. Prendeu a respiração, esperando que ele se unisse a ela. Cameron foi penetrando-a, abrindo, cuidadosamente, cada vez mais espaço dentro daquele corpo suave.

Uma pontada de dor a trouxe momentaneamente de volta à realidade. Retesou o corpo, mas, antes que pudesse protestar, Cam tomou sua boca na dele. De repente, Janine deu-se conta de que ele estava totalmente dentro dela. Ele apoiou os braços ao lado de sua cabeça e cobriu-lhe o rosto de beijos. Na penumbra do quarto, ela não podia ver o rosto de Cam, mas podia sentir todo o corpo dele intimamente interligado com o seu.

Ele mordiscou-lhe o lábio inferior e o acariciou com a ponta da língua. Ela, por sua vez, tocou os lábios dele com sua, movimento que pareceu encorajá-lo, pois beijou-a com ardor enquanto erguia o quadril.

Ela entrou em pânico. Não queria que ele a deixasse. Instintivamente, levantou os joelhos e cruzou as pernas atrás das coxas musculosas. Cameron gemeu, assustando-a. Não quisera machucá-lo, quisera apenas... sim! Era isso que queria. Queria-o dentro dela. Começou a remexer-se imitando o ritmo estabelecido por ele.

Ele aumentou o ritmo, movendo-se cada vez mais rapidamente fazendo com que ela se agarrasse a ele apertando-o com mais e mais força até... Algo pareceu explodir dentro dela fazendo com que, por uns segundos, ela se perdesse num mundo de sensações e cores.

Cameron gemeu outra vez, mergulhou fundo no corpo macio e estremeceu de prazer, abraçando-a com força como se nunca pretendesse soltá-la.

Ficaram deitados na mesma posição por um longo tempo. O peso dele a prendia sobre a cama, mas Janine não se incomodou. Adorava senti-lo relaxado em seus braços, respirando em seu ouvido. Lentamente acariciou as nádegas masculinas e deslizou os dedos por sua espinha, fazendo-o arrepiar-se.

Depois de algum tempo, ergueu o quadril e sentiu um movimento dentro de si. Sorriu e beijou-lhe o rosto, estava quente. Parecia febril.

Oh, meu Deus, ele estava doente! Como podia ter esquecido? como podia ter... Lutou para movê-lo, mas ele estava completamente largado sobre ela.

— Cam? — chamou baixinho. Não obteve resposta.

E agora?

Respirou fundo e tentou movê-lo. Estava na hora dele tomar remédio. Depois de algum esforço, conseguiu fazê-lo rolar para a cama.

Ela se debruçou sobre o corpo inerte e o ficou observando por um longo

tempo. Depois de certificar-se de que o coração continuava batendo ritmadamente, estendeu o braço para a mesinha-de-cabeceira e pegou o copo de água e o remédio que ele deveria tomar.

— Cam? Precisa engolir isso. Por favor, Cam? — Colocou a pílula entre os lábios dele e pousou o copo no mesmo lugar. Ele deu uns poucos goles, o suficiente para engolir o remédio. Depois de recolocar o copo na mesinha, disse a si mesma que deveria levantar, mas, no momento, tudo o que desejava era ficar deitada ao lado dele mais um pouco.

Ele se virou de lado e passou um braço e uma perna sobre o corpo dela, prendendo-a ao seu lado.

Janine fechou os olhos e suspirou de contentamento. Ficaria ali só por alguns minutos. Depois, voltaria para o sofá...

CAPITULO VIII

Janine sabia que precisava acordar, havia muitas coisas pra fazer. Tinha que ver como Cam passara a noite e... Cam! Abriu os olhos e deu de cara com observando-a. Estavam dividindo o mesmo travesseiro.

O travesseiro não era tudo o que estavam dividindo, deu-se conta, segundos mais tarde, ao perceber como os dois corpos estavam entrelaçados. Cameron deslizava as mãos sobre seu corpo nu. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele dirigiu-se a ela:

— Por favor, não me peça para desculpar-me. Eu não poderia. Pelo menos não se quiser ser sincero, amor. Tem alguma idéia de há quanto tempo quero fazer amor com você?

A voz rouca ressoava nos ouvidos dela.

— Quando acordei essa manhã, pensei que tivesse sonhado outra vez que fazia amor com você. Desde que essa maldita febre começou, meus sonhos se tornaram mais eróticos. Dessa vez, podia me lembrar claramente da sensação do seu corpo envolvendo o meu. — Ele a beijou apaixonadamente. — Ao abrir os olhos e vê-la na cama comigo, soube que não fora nenhum sonho. — Ele sorriu. — Tenho que admitir que você está sendo exatamente o que o médico prescreveu. Não me sinto bem assim há muito tempo.

Janine sabia que estava corando. No corpo inteiro.

— Oh, querida, não fique constrangida. Está chateada comigo? Não me lembro muito bem como tudo começou. Só me lembro de uma coisa ou outra, mas lembro-me perfeitamente de...

— Você estava tendo outro pesadelo e eu tentei acordá-lo — ela o interrompeu.

Ele parecia um pouco inseguro.

— Eu a forcei?

Ela tinha que ser honesta.

— Não exatamente. Você me agarrou pelo pulso, me puxou e eu, bem, eu...

Ele levantou os pulsos delicados e os examinou.

— Eu não a machuquei, não é? Sinto muito, querida, eu não a machucaria por nada nesse mundo.

— Você não me machucou. A verdade é que eu também vinha fantasiando sobre você ficava me perguntando sobre como seria se... Bem, o que está feito, está feito. Já acabou.

Ele apoiou a cabeça em uma das mãos e a encarou incrédulo.

— O que está feito, está feito? Faz isso soar como um pecado mortal, ou algo assim. É assim que se sente? Agora que já experimentou sua fantasia, está tudo acabado?

— Não, claro que não. É só que não sei muito bem como me comportar numa situação dessas.

Ele ficou em silêncio por uns minutos. Quando seus olhos voltaram a pousar em Janine, brilhavam de emoção.

— Agora me lembro. Você era virgem, não era? — Quando não obteve resposta, voltou a perguntar: — Não era?

— Isso não importa.

— E claro que importa! Eu estava semi-adormecido e com febre e aproveitei-me de você. Caso contrário, você não teria...

— Não! Eu poderia tê-lo impedido. Sei que poderia, o fato é que não o impedi porque não quis. Gostei de fazer amor com você. Muito — ela admitiu. Ele sorriu.

— Isso é bom. Quer dizer que eu não causei repugnância?

— Acho que não — ela respondeu também sorrindo. Cameron deslizou a mão para o quadril dela e a puxou mais para perto.

— Fico feliz — murmurou antes de abaixar a cabeça para beijá-la.

Janine não conseguia raciocinar quando ele a beijava daquele jeito. Ela o empurrou e tentou recuperar o fôlego.

— Eu não acho...

— Não pense, querida — ele sussurrou no seu ouvido.

— É muito melhor só sentir. Vai ser muito melhor do que antes. Agora posso vê-la e estou inteiramente acordado.

— Mas, Cam, você está doente e...

— Obviamente já estou recuperado, não acha? — ele inclinou a cabeça e pousou a boca sobre um mamilo rosado.

— Humm — murmurou com visível prazer, movendo as mãos ao longo das pernas dela.

O corpo de Janine compreendeu o que sua mente estava tentando negar. Desejava-o com uma intensidade difícil de suportar.

Ele levantou a cabeça e, olhando-a nos olhos, indagou:

— Você é tímida, não é?

Ela fez um gesto afirmativo, incapaz de encontrar palavras para explicar-se.

— Isso está sendo um pouco mais premeditado do que ontem à noite, não é?

Ele voltou a concordar.

— Pode me deixar mostrar-lhe como pode ser maravilhoso? — ele indagou com a expressão séria.

Janine sabia que se dissesse não, ele a deixaria se afastar. Na noite anterior, tudo havia acontecido espontaneamente. Agora, porém, estava um pouco amedrontada. Jamais permitira um relacionamento chegar àquele ponto, sabendo que, uma vez que o homem descobrisse a verdade sobre ela, a abandonaria. Não quisera ser magoada, por isso sempre se mantivera afastada de relacionamentos mais íntimos,

No entanto, Cameron era diferente. O sentimento que compartilhavam era especial, de qualquer forma, meses antes ele declarara que jamais se casaria novamente.

Espontaneamente, ou não, tinham se tornado amantes. Fizera sua escolha na noite anterior e não se arrependeria dela. Pelo menos, não agora.

— Mostre-me — ela finalmente murmurou corando.

— Você é um encanto — ele afirmou dando-lhe um beijo que afastou todo e qualquer pensamento da mente de Janine.

Ele a tratou como se fosse um tesouro recém descoberto, pronto para ser explorado e reverenciado. Cada beijo, cada carícia, eliciava um suspiro que o encorajava a prosseguir na sua exploração amorosa.

Só agora ela tomava consciência de como seu corpo era sensível às mãos e aos lábios de Cameron. Querendo que ele também experimentasse as maravilhosas sensações que estava despertando em seu corpo, Janine timidamente imitou seus movimentos, arrancando de Cam gemidos de prazer.

— Eu a desejo tanto — ele sussurrou em voz rouca. Ela mudou

ligeiramente de posição, silenciosamente convidando-o a possuí-la. Quando os corpos se uniram, ela deu um suspiro de felicidade, apagando todo e qualquer pensamento de sua mente e abandonando-se às maravilhosas sensações que a invadiam.

Ela gritou ao atingir o clímax e sentiu o corpo dele reagir às convulsões geradas dentro do seu. Abraçou-o com força, relutante em separar-se dele. Cameron rolou para o lado, segurando-a de encontro ao peito e ambos adormeceram, um nos braços do outro.

Mais tarde, naquela mesma manhã, ela estava na cozinha, preparando o café da manhã, quando ele se aproximou por trás e a beijou na nuca.

— Você deveria estar na cama — ela afirmou com veemência.

— Estou com fome — ele reclamou rindo.

—Prepararei seus ovos assim que o bacon ficar pronto. Ele a enlaçou pela cintura e continuou a beijá-la na nuca.

— Não é disso que estou com fome.

— Infelizmente, é tudo que vai ter. Ele levantou a cabeça.

— E mesmo?

— Mesmo.

— Sei...

— Eu levarei a bandeja assim que tudo estiver pronto — ela anunciou sem encará-lo.

Depois de um breve silêncio, ele perguntou:

— Por que não posso comer aqui?

Ela deu as costas para o fogão e deparou-se com Cameron sentado à mesa. Estava usando o jeans e a camiseta que ela lavara na véspera. Janine suspirou, sabendo que teria problemas.

— Você deveria estar descansando.

— Não posso descansar sentado?

Ela tirou as finas fatias de bacon da frigideira e colocou dois ovos para fritar.

— Acho que pode. A questão é: você vai?

— Sim, prometo.

Ele a observou passar manteiga nas torradas, servir os ovos, bacon e torradas nos pratos e trazê-los para a mesa.

— Você é uma boa cozinheira, sabia? — ele a elogiou quando terminou de comer.

— Obrigada.

— Está muito quieta.

— Sim.

— Esteve pensando.

— Sim.

— Demais.

— Talvez.

— enquanto fazia a barba, dei-me conta de que não usei nenhuma proteção ontem à noite ou hoje de manhã. É um pouco tarde para pedir desculpas, mas achei que...

— Não se preocupe com isso,

— Bem, não estou preocupado, mas se você ficar... Ela pousou o garfo no prato.

— Não precisa se preocupar com isso. Não ficarei grávida.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ele pareceu ficar um pouco desapontado.

— Eu esqueci de lhe dizer que Trisha quer vê-lo — Janine disse. — Ela lhe mandou esse recado através de Letty, que ligou pra saber como estava. Se quiser, posso levá-lo até a fazenda. Se quiser ficar lá...

— Janine, qual é o problema?

— Não há nenhum problema. Só pensei que...

— Você não olhou para mim desde que entrei na cozinha. Na verdade, não olha para mim desde que levantou da cama. Quero saber qual é o problema.

— O que fizemos foi estúpido e irresponsável e não quero discutir o assunto.

— Ah, então voltou a ser a professorazinha pudica e recatada?

Ela deu uma mordida na torrada, mastigou diversas vezes, engoliu e bebeu um gole de café. Não o deixaria provocá-la. Seu silêncio, entretanto, não o perturbou.

— Sabe o que eu realmente gostaria de fazer?

— O quê?

— Gostaria de passar alguns dias em San Antônio com você. Passamos os últimos três meses levando Trisha de um lado para o outro, acho que precisamos passar um tempo sozinhos, só eu e você.

— Passamos os últimos dias sozinhos.

— Isso não conta. Eu estava fora de mim na maior parte do tempo. Quero passar algum tempo com você sem estar prestes a perder a consciência. — Ela

tentou não encará-lo, mas foi impossível. Ergueu os olhos lentamente. Nunca o vira tão sério. — Por favor — ele pediu, olhando-a suplicante.

Será que ele não entendia o quanto desejava estar ao seu lado? baixou o olhar para a xícara.

— Tudo bem. Mas só se prometer continuar em repouso. — Ela sabia que estava cometendo um erro, mas não podia negar-lhe nada. Ela o amava.

Ele a gratificou com um sorriso luminoso.

— Eu prometo. — Olhou para o relógio da cozinha. — Vou telefonar para Trisha e avisarei Letty de nossos planos. Enquanto isso, você se prepara.

Ela levou apenas alguns minutos limpando a cozinha. Cameron ainda estava no telefone quando ela foi para o quarto tomar banho e se vestir. Não pretendia pensar em mais nada. Cameron precisava descansar e relaxar e se, fosse com ele, poderia certificar-se de que não voltaria para o trabalho. Sabia que ao convencer-se de que concordara com a viagem pelo bem dele, estava se enganando. Gostava de saber que ao cuidar dele, estava colecionando lembranças para o futuro.

A campainha estridente do telefone rompeu o silêncio da noite. Cameron gemeu. Tinha a sensação de ter acabado de cair no sono. Tateou a mesa de cabeceira à procura do abajur, acendeu-o e olhou para o relógio, eram apenas duas da manhã. Droga não devia estar dormindo nem há meia hora.

Janine não se moveu. Não conseguiu evitar um sorriso ao lembrar-se da indignação dela quando, ao se deitarem, ele declarou não estar com o mínimo de sono. Em seu tom mais professoral, deu-lhe uma bronca.

— A única forma de fazê-lo descansar será mantê-lo *fora* da cama.

O telefone tocou outra vez e Cameron o agarrou antes que o barulho a acordasse. Era verdade que haviam passado a maior parte dos últimos três dias na cama. Também era verdade que haviam dormido muito pouco daquele tempo. Janine devia estar exausta e precisava de descanso. Ele, por outro lado, sentia-se bem como há muito tempo não se sentia.

— Alô?

— Cam? É Cole.

Cameron sentou na cama assustado.

— O que houve? Algo errado? Cole riu antes de responder.

— Nada errado, mano. Sei que poderia ter esperado até de manhã, mas a notícia é boa demais para ser guardada. Os gêmeos nasceram. Clint pesa dois quilos e oitocentos gramas e Cadê dois e duzentos. O médico ficou aliviado. Disse que Allison não precisava de bebês mais pesados.

— Parabéns Cole.

— Obrigado. Agora tenho três meninos e uma menina. Você terá que correr ou nunca me alcançará.

Cameron riu e olhou para Janine que se virará na cama e o estava observando com olhos inchados.

— Estou trabalhando nisso — ele disse para o irmão.

— É mesmo? Quem diria? Letty estava certa!

— Sobre o quê?

— Estamos falando da moça que usou as roupas de Allison na primavera passada, não estamos?

— Embora eu deteste admitir que Letty esteja certa sobre alguma coisa, nesse caso tenho que dar a mão à palmatória.

— Quando é o grande dia?

— Calma, mano. Não chegamos nesse ponto ainda. Tenho uma gata arredia em minhas mãos, que fugiria ao primeiro sinal de permanência. Tenho que tratar desse assunto com meu estilo sutil e elegante.

— Quer dizer que ainda não a pediu em casamento?

— Estou trabalhando a idéia.

— Droga. De quanto trabalho ainda precisa?

— De muito. Diga-me onde Allison e os bebês estão que faremos uma visita assim que conseguirmos dormir um pouco.

— Ops! Desculpe-me. Não imaginei que pudesse estar atrapalhando alguma coisa.

— Só está atrapalhando meu sono. Estou tentando me recuperar de uma virose.

— É, eu soube disso. Letty nos manteve informados sobre seu estado de saúde.

— Típico dela.

Cole ditou o nome e endereço do hospital onde Allison estava internada e desligou.

— Allison teve os bebês? — ela indagou sonolenta.

— Teve. Eles se chamam Clint e Cadê. Mãe e bebês estão passando bem. Pensei que poderíamos dar uma passada na maternidade mais tarde.

Como ela não respondeu, ele acrescentou:

— Se você quiser, claro.

— Eu gostaria muito de ir, Cam — ela respondeu suavemente. — Quero agradecer Allison por ter me emprestado aquelas roupas na primavera.

— Eu gostaria que eles a conhecessem, — Ele deitou de lado e puxando-a para perto, abraçou-a por trás. Adormeceu com a mão apoiada num seio de Janine.

Como conseguiria dormir agora que sabia que, em poucas horas, conheceria mais um pedaço da família de Cameron? Ficou deitada, tentando compreender o que lhe acontecera nos últimos meses.

Até conhecê-lo, estivera satisfeita com sua vida. Adorava sua pequena casa, gostava do emprego e fizera alguns amigos entre seus colegas. Antes de conhecê-lo, pensara ter tudo o que desejava na vida. Ou pelo menos, tudo o que poderia ter dadas suas circunstâncias.

Ainda não entendia como tudo havia mudado em tão curto espaço de tempo. Quando decidira ir até a fazenda dos Callaway, sua única intenção fora a de conversar com o pai de uma aluna. Em nenhum momento imaginara que se apaixonaria por ele.

Ainda assim, o relacionamento entre eles evoluíra naturalmente. Haviam se tornado amigos, dividindo seu tempo livre, seus pensamentos e, eventualmente, seus sentimentos.

Depois, tornaram-se amantes. Como poderia se arrepender de ter aprendido a expressar seu amor por ele de uma maneira tão completa?

Sentir o calor do corpo dele envolvendo o seu a fazia sentir-se segura. Levantou a mão que estava pousada em seu seio, beijou a palma e voltou a colocá-la no lugar. Segundos mais tarde, adormecia.

Que jeito maravilhoso de despertar! Sorriu satisfeita quando, na manhã seguinte, ele a acordou com beijos e carícias. Cameron aprendera muito sobre ela nos últimos dias. descobrira todos os pontos que lhe proporcionavam prazer e os explorava com total concentração sempre que tinha oportunidade. Obviamente encontrara uma nova oportunidade.

Ela abriu os olhos, ainda sorrindo.

— Pensei que nós fossemos a Austin visitar sua cunhada.

— Nós vamos — ele respondeu sem ter sua concentração perturbada.

— Não acha que deveríamos tomar banho e nos vestirmos?

— Ótima idéia — ele concordou, mas não fez nenhuma menção de se levantar. Como estivesse deitado sobre ela, não havia nada que Janine pudesse fazer. — Posso esfregar suas costas — ele ofereceu solícito.

Antes que ela pudesse responder, porém, os lábios dele encontraram os seus e Janine esqueceu-se de tudo que não fosse Cam: seu cheiro, seu gosto, sua pele e as sensações que suas mãos e lábios proporcionavam.

Arqueou o quadril e sentiu que ele a preenchia. Uniram-se num movimento harmônico, num ritmo que haviam criado juntos. Amava-o tanto, tanto... Como poderia desistir dele? Ainda assim, exatamente por amá-lo, como poderia não desistir dele, sabendo dos sacrifícios que teria que fazer para ficar com ela? Amava-o o suficiente para deixá-lo partir.

Mas não agora, meu Deus. Por favor, não agora.

Eles já estavam na estrada há alguns quilômetros quando Cam segurou a mão de Janine e a pousou sobre seu joelho.

— Está muito quieta esta manhã. Alguma coisa a está incomodando?

Ela sorriu.

— Não, não há nada. Só estava pensando nas coisas.

— Que coisas?

— Oh, na sua família. Acho que estou um pouco nervosa porque vou conhecê-los.

— Hei, não precisa ficar nervosa. Eles vão adorá-la, tenho certeza.

Ela ficou calada por alguns instantes.

— Conte-me alguma coisa sobre cole e Allison. Você me disse que cresceram juntos na fazenda, não foi?

— Isso mesmo.

— Lembro-me de ter me dito que têm um menino e uma menina, além dos gêmeos. Não me lembro das idades deles.

— Tony acabou de fazer dezoito anos e está pronto para entrar na Universidade. É um jovem muito independente.

— Ele dirigiu alguns metros em silêncio. — Katie é o terror da família. Ela vai fazer três anos em setembro e recebeu o nome da avó materna. Cole a adora.

— Nossa, a diferença de idade entre eles é bastante grande.

— E, mas isso não ocorreu por escolha de Cole. Há uma história e tanto por trás do relacionamento deles.

— Ah, é?

— Acho que não se incomodarão se eu lhe contar, afinal de contas não é nenhum segredo. Sabe, uma série de acontecimentos malucos ocorreram na época que nossos pais morreram no acidente. A vida dos Callaway ficou bastante confusa por um tempo. Pois bem, Allison e o pai se mudaram da fazenda e Cole foi mandado para a universidade no leste. Cody e eu ficamos com Letty ainda por algum tempo. Há quatro anos atrás, Cole descobriu que tinha um filho: Tony.

— Quatro anos! Quer dizer que, durante todo esse tempo ele não...

— É. Ele não sabia que Allison engravidara. Bem, tudo isso é parte do

passado. Eles voltaram a se encontrar, resolveram todos os seus problemas e se casaram. Katie nasceu exatamente nove meses após a cerimônia, o que eu achei muito decente da parte dela.

— Nossa Senhora!

— Como se isso não bastasse, eles me aparecem com gêmeos. Acho que estão recuperando o tempo perdido.

— Allison vai ter um trabalhão. Cuidando de dois bebês e de uma menina levada não vai ser fácil.

— Cole tem tudo planejado. Compraram uma casa nos arredores de Austin onde terão bastante espaço para todo mundo. Construiu no terreno um estúdio para Allison e contratou criados suficientes para manter tudo sob controle.

— Acho que vou gostar de Allison — ela afirmou.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Vocês duas são independentes para diabo!

Ela se surpreendeu.

— Não acho que seja assim. Você mesmo está sempre me dizendo como sou pudica e recatada.

— O problema é que andei arranhando essa superfície pudica e recatada e, por baixo, encontrei uma mulher extremamente independente.

— Nossa, Cam, você parece ofendido!

— Eu certamente não imaginei que seria com isso que teria que lidar — ele afirmou encarando-a com fingida braveza.

Ela estendeu o braço e acariciou o rosto dele. Cameron agarrou sua mão e mordiscou todos os dedos, um por um.

— Humm... Sempre que está por perto sinto uma fome insaciável apoderar-se de meu corpo.

— Cam, comporte-se!

— Sim, senhora! — ele exclamou dando-lhe uma piscadela e um sorriso maroto.

Quando ele a olhava daquele jeito, sentia-se incapaz de resisti-lo. Independente? Nunca com relação a ele.

Ela esperou no balcão de informações do hospital enquanto Cameron estacionava o carro. Quando ele chegou, subiram juntos até o andar da maternidade. Haviam acabado de sair do elevador, quando ele a segurou pelo braço e puxou-a pelo corredor, para perto de um jovem alto que espiava pela janela do berçário.

— O que me diz, Tony? — ele perguntou dando um tapa nas costas do

rapaz. — Acha que algum dia foi tão pequeno assim?

O rapaz virou-se para eles e abriu um sorriso que era puro Callaway. Embora seus olhos fossem escuros, os cabelos eram loiros como os de Cody. Os olhos expressivos estavam úmidos de lágrimas e Janine percebeu que ficara emocionado ao ver os irmãozinhos.

— Oi, tio Cam, para sua informação, eu nunca fui pequeno assim. Minha mãe disse que nasci com mais de quatro quilos! — Ele voltou a olhar para os bebês. — Eles não são incríveis?

— Janine, caso ainda não tenha adivinhado, esse é Tony Callaway, meu sobrinho mais velho. Tony, essa é uma amiga minha, Janine Talbot.

O garoto a cumprimentou timidamente.

— Como está? — O olhar dele voltou a pousar nos bebês. Janine não conseguiu resistir e virou-se para olhar a janela. A enfermeira havia colocado os gêmeos bem na frente da janela.

Um estava de barriga para cima, chutando o ar e chorando sem parar. O outro estava de braços e dormia como se nada estivesse acontecendo.

— Ninguém vai verificar o que está errado? — Tony indagou indignado.

— Ninguém vai negligenciá-los, filho — uma voz grave afirmou atrás deles. Janine se virou a tempo de ver Cameron abraçar o homem que havia acabado de chegar.

Ela sentiu um nó na garganta ao ver o afeto que um irmão demonstrava pelo outro. Os dois estavam obviamente felizes por se verem. Trocaram alguns tapas nas costas, oferecimentos de charutos, algumas brincadeiras e gozações. Não havia dúvidas sobre o amor que ligava os três Callaway que estavam em pé naquele corredor de hospital. Ela voltou a olhar para os bebês e se perguntou se saberia da sorte que tinham por terem nascido naquela família.

Ela estava observando a enfermeira trocar a fralda de um dos bebês, quando Cameron segurou sua mão.

— Janine, esse é Cole. Cole, Janine.

— Estou muito feliz em conhecê-la, Janine. — Cole apertou sua mão livre. — Temos ouvido falar muito de você e estávamos ansiosos por conhecê-la.

— Têm ouvido falar de mim? — indagou confusa e olhou para Cameron.

Ele levou a mão ao coração.

— Juro que não ouviram nada de minha boca, querida. Letty .gosta de manter todos a par dos acontecimentos familiares.

Cole puxou-a gentilmente pela mão. — Venha, quero que conheça Allison.

O rosto dele brilhava de alegria à simples menção do nome da esposa.

Mais uma vez, Janine sentiu um nó na garganta. Estava ciente que não sabia muito sobre os homens, mas a facilidade com que aqueles três demonstravam suas emoções a surpreendera. Permitiu que Cole a guiasse pelos corredores da maternidade até o quarto de Allison. Cam e Tony os seguiam conversando animadamente sobre o rodeio que haveria na cidade.

Cole parou em frente a uma porta e bateu suavemente antes de entrar. Quando viu que a esposa estava acordada, sorriu e fez um gesto na direção de Janine.

— Trouxe-lhe visitas, querida. — Ele soltou a mão de Janine e caminhou até o lado da cama onde a mulher mais bonita que ela já vira estava repousando. Os olhos e cabelos negros faziam forte contraste com a pele clara. O olhar que Cole e Allison trocaram, quase fizeram Janine corar.

Cole finalmente fez as apresentações.

— Essa é Janine, querida.

Allison estendeu-lhe a mão e sorriu.

— Finalmente nos encontramos! Oh, eu teria adorado vê-la em minhas roupas. Todas aquelas nuances de verdes e azuis devem ter ficado lindas em você.

Cameron dirigiu-se à cunhada:

— Pode ter certeza disso. Cai feito uma vaca laçada, em menos de oito segundos.

Eles todos riram do comentário de Cameron e da forma como Janine corou.

Mais tarde, não conseguia lembrar-se de muitas partes da visita. Não ficaram muito tempo, pois Allison precisava descansar, mas ficaram tempo suficiente para que ela aprendesse novos significados para a palavra família. Estava muito emocionada.

Lembrou-se de sua infância. Um pouco antes de um natal, vira um grande presépio mecanizado na vitrina de uma loja de brinquedos. Todos os dias ao voltar da escola, parava em frente à loja e ficava observando a pequena vila ao redor do presépio e desejando ser suficientemente pequena para poder viver lá dentro com todas aquelas pessoas felizes.

Mais uma vez, era como se fosse criança. Estava na vitrina observando os Callaway através do vidro. Mais cedo ou mais tarde, porém, teria que voltar para casa sozinha.

CAPÍTULO IX

O que achou da família de Cole? — Cameron perguntou enquanto dirigia

para San Antônio.

— Deixaram-me sem fôlego. Nunca tinha visto tanta energia concentrada em um só grupo de pessoas. E você disse que Katie e igualmente ativa.

— Para dizer o mínimo. Na verdade, Allison em geral é bastante tranqüila, mas está muito animada com a chegada dos gêmeos. Os últimos meses de gravidez de gêmeos são muito difíceis.

— Imagino.

Continuaram em silêncio amistoso por muitos quilômetros, antes que Cameron voltasse a falar.

— Janine?

— Sim?

— Sou-lhe muito grato por ter vindo comigo.

— Gostei de conhecê-los. De verdade.

— Eu estava precisando deste intervalo de tempo. Foi necessário que ficasse doente para perceber que estava exigindo muito de mim. Não sei o que teria feito sem sua ajuda.

— Teria ido para a fazenda e Letty teria cuidado de você.

— Estou falando sério.

Ela olhou para ele e viu que estava de cenho franzido.

— Eu também. Você tem uma família maravilhosa, Cameron. Quase o invejo por isso. E nem se dá conta de como é importante saber que há pessoas com quem pode contar sempre, não importa em que situação.

Ele tomou a mão dela e colocou-a sobre sua coxa, segurando-a com firmeza.

— Você não teve isso, enquanto estava crescendo, não é?

— Não.

— Mas, agora, as coisas mudaram, querida. Você tem a mim.

Ela tentou retirar a mão que ele segurava. Não conseguiu.

— Estou falando sério. Não está mais sozinha. Janine olhou pela janela.

— Eu sei.

— Quero dizer tanta coisa, mas, droga, estou com medo.

Ela o encarou, surpresa.

— Com medo? Cameron, você não tem medo de nada.

— Quando se trata de você, tenho, sim. Tenho medo de perdê-la.

— Estou aqui, bem a seu lado.

— Sabe o que quero dizer.

— Não sei, não. Somos amigos, Cam. E isso é muito importante, pois é

algo que nunca tive antes: a amizade de um homem. Você é uma pessoa muito especial.

— Eu quero muito mais do que isso! Ela puxou a mão que ele segurava.

— Eu sei.

— Olhando para eles, hoje, lembrei-me de como fiquei feliz quando Trisha nasceu.

— Ficou desapontado por ser uma menina?

— Claro que não! Não me importava que fosse menina ou menino. Andréa e eu planejávamos ter muitos filhos e... — Ele balançou a cabeça, irritado. — As coisas aconteceram e ...

— Sim, coisas acontecem e a vida não funciona do modo como a planejamos.

— Jamais pensei que poderia amar outra pessoa e, no entanto, quando nos conhecemos, me senti como se fosse, um colegial, terrivelmente apaixonado.

Ela sorriu ao ouvir essa declaração feita em voz séria.

— Certamente não se comportou como um colegial. Você me cantou como se tivesse muita experiência no assunto, moço.

— Não percebe, querida? Formamos um par ideal. Você me fez rir outra vez, amar e desejar, outra vez. O mundo é meu. Quero tudo que a que tenho direito. E quero desfrutar de tudo a seu lado.

Ela não respondeu. Não podia dizer nada depois dessa declaração. Sabia exatamente como ele se sentia já que sentia a mesma coisa. A única-diferença era que ela sabia que o mundo não lhe pertencia. Sabia que não poderia ter tudo.

Ele merecia ter tudo que desejava.

— Como está se sentindo? — perguntou finalmente. Ele a olhou como se tivesse perdido o juízo. Que tipo de pergunta era aquela para se fazer num momento desses?

— Estou bem. Por quê?

— Está cansado?

— Não muito.

— Está disposto a me levar até em casa? Estou fora há muitos dias e preciso voltar.

— Não estou disposto a levá-la, não. Mas se acha que precisa ir para casa, é claro que a levarei.

— Obrigada — sussurrou, com a voz embargada pela emoção.

Pararam em San Antônio o tempo suficiente para que ela juntasse suas coisas e tomaram o rumo do sul, sem trocar muitas palavras.

Quando chegaram em frente à sua casa, ela disse:

— Se quiser, pode ficar.

Ele balançou negativamente a cabeça.

— Não. Quero dar uma olhada em Trisha. É hora de dizer-lhe que estamos nos mudando para San Antônio. Estava adiando contar-lhe pensando que poderia dizer-lhe que... — Ele balançou a cabeça, outra vez. — Droga, não sei. Acho que estive fantasiando uma série de coisas, ultimamente, esperando que... — Ele passou os dedos entre os cabelos.

— Deixe-me ser sua amiga, Cam. Por favor. E importante que não saia da minha vida.

Ele levantou a cabeça e a encarou com renovada atenção.

— É?

— E claro que é.

— Pensei que estivesse tentando me fazer compreender que não há lugar na sua vida para mim.

— Não é isso. É óbvio que deseja uma esposa e uma família e eu não posso lhe dar isso. Você precisa encontrar alguém que tenha esse mesmo sonho.

— Só porque nunca teve família não significa que não possa aprender a ser parte de uma. Ora, você, eu e Trisha já somos uma família. É só querer ver e aceitar esse fato. Não se precisa fazer um curso especial para aprender a fazer parte de uma família. A gente se toma parte de uma família.

Ela se inclinou e o beijou.

— Mande lembranças minhas a Trisha. Fico triste por ela não freqüentar a nossa escola no outono, mas acho que está fazendo a melhor coisa para vocês dois. — Ela saiu do carro e pegou sua bagagem. — Cuide-se. Não trabalhe tanto. Talvez possamos passar um fim-de-semana juntos, depois que estiverem instalados.

Ela lhe deu as costas, orgulhosa por ter conseguido fingir que tudo estava bem, por não ter se descontrolado. Destrancou a porta da frente e entrou na casa vazia. Fechou a porta e esperou até ouvir o som do carro partindo. Só então se permitiu expressar a dor e a tristeza que havia mantido trancadas em seu peito. Foi sacudida por soluços terríveis, enquanto escorregava porta abaixo, até sentar-se no chão. Chorava por algo que jamais poderia ter, não importa quando o desejasse.

— Papai, papai, sabe que a tia Allison teve gêmeos que se chamam Clint e Cadê. Eles são muito pequeninos, deste tamanhinho — ela mostrou com as mãos — e tia Allison prometeu que quando eles estiveram um pouco maiores, ela os

vai trazer aqui e eu vou poder carregá-los. E quando eu crescer, vou poder ensiná-los a andar e...

— Epa! Pare um pouco. Não faça planos para o resto da vida deles, doçura. Vamos deixá-los serem bebezinhos por um tempo, está bem?

— Está. — Ela o abraçou na altura dos joelhos. — Eu o amo, papai. Gostaria que pudéssemos ter gêmeos para que eu tivesse com quem brincar o tempo todo e não precisasse esperar um tempão até que eles venham aqui.

Pegando-a no colo, Cameron seguiu pelo hall, à procura da tia.

— Bem, seria um pouco difícil ter gêmeos sozinho, florzinha — ele respondeu distraído. — Letty?

— Ela está descansando no quarto — Trisha informou. Talvez a senhorita Talbot quisesse ter os gêmeos para nós. Vamos pedir a ela?

Cameron sentiu uma pontada de dor.

— Acho que não, querida. A senhorita Talbot já tem um emprego de tempo integral.

— Mas uma porção de mães trabalham. E você se lembra daquela moça que veio nos trazer comida uma vez e me chamou de filha da senhorita Talbot?

— Sim, querida, lembro-me muito bem. A senhorita Talbot ficou muito embaraçada com o erro cometido pela garçonete. Ela ficou vermelha como um pimentão.

Trisha riu.

— Mas ela gostou. Sei disso. Você não sabe?

— Pensei que soubesse. — Tentando mudar de assunto, perguntou: — Tio Cody esteve aqui depois que os gêmeos nasceram?

— Hum. Tia Letty disse que não sabe o que fazer com ele, porque ela nunca sabe onde ele está quando precisa dele.

— Pois é. Ele aparece um dia desses. Tenho certeza de que ficará contente em saber que todos estão bem.

Ele entrou na sala de estar e jogou-se no sofá com Trisha sentada em seu colo.

— Conte-me o que fez durante esse tempo todo, mocinha — pediu, sabendo que se conseguisse se concentrar em sua filha, a dor que trazia dentro do coração ficaria mais suportável.

Já tinham se passado três dias desde que Cameron havia levado Janine para casa. Três dias desde que tivera a última notícia dele. Mais pareciam três anos.

Tinha se acostumado a estar com ele dia e noite desde que adoecera. Tinha

tido grandes problemas para conseguir dormir na noite anterior. Por que ninguém a tinha avisado de que depois de se acostumar a dormir com alguém era dificílimo voltar a dormir sozinha?

Eram muitas as coisas que não sabia.

Começara a trabalhar no jardim todas as manhãs, antes que a temperatura subisse muito. Trabalhar com a terra, por alguma razão a acalmava, fazendo-a sentir-se em comunhão com o mundo. Estava tendo problemas para voltar à antiga rotina, aquela anterior a Cameron.

Tinha sempre conseguido manter-se ocupada. Por que, então, parecia ter tanto tempo livre nas mãos? Ficaria feliz quando as aulas recomeçassem.

Parou e ficou atenta. Seria o telefone? Com a casa toda fechada por causa do ar-condicionado, não conseguia ouvir a campainha do telefone. Levantou-se correndo e foi para a casa. Enquanto abria a porta dos fundos, pode ainda ouvir o telefone tocar mais uma vez. Correu para atendê-lo. — Alô... alô...

Nenhuma resposta além do sinal da linha. Nada poderia ser mais frustrante do que um telefone que parava de tocar no momento em que você o atendia! Ela recolocou o fone no gancho com força.

Quem quer que fosse, telefonaria outra vez, se fosse importante. Provavelmente nem era importante. Deveria ser alguma de suas amigas querendo convidá-la para almoçar, ou ir a um cinema, ou...

A quem estaria querendo enganar? Queria que fosse Cameron. Não sabia onde ele estava. Talvez tivesse voltado para San Antônio. Talvez tivesse voltado a trabalhar. Ou poderia estar em Austin, Dallas, Fort Worth, Houston. Poderia estar em qualquer lugar.

Ou poderia ainda estar na fazenda, a meia hora de carro. O único modo de saber seria dando um telefonema. Antes, porém, terminaria sua tarefa no jardim. Depois, tomaria um banho, ficaria limpa, e faria uma maquiagem... Tudo isso para dar um simples telefonema? Tudo bem. Estava exagerando um pouco. Precisava animar-se e ver o lado engraçado da situação. Não havia razão alguma para transformar tudo em tragédia. Só porque não ia se casar com ele não significava que não poderiam continuar a manter a relação como era: íntima e maravilhosamente erótica.

Além disso, ele não a *tinha pedido em casamento* e, assim, ela não tinha precisado recusar. Ele certamente não era um amante rejeitado.

A quem tentava enganar? Por que ele faria o pedido de casamento se ela havia deixado muito claro o que pensava a respeito? A menos que quisesse se sentir rejeitado, ele não precisava fazer pedido algum.

Bem?

Então, talvez ele estivesse se sentindo um pouquinho rejeitado por ora. Quem o culparia? Talvez que desejasse que ela lhe telefonasse. E ela talvez pudesse convidar a ele e a Trisha para jantar, se ainda estivessem na fazenda. Por que não?

Quando' conseguiu fazer essa decisão, já tinha acabado o jardim, tomado banho, vestido um conjunto de shorts e blusa limpos, arrumado o cabelo e estava completando sua maquiagem.

Sorriu para sua imagem refletida no espelho. Sua aparência tinha melhorado consideravelmente.

Marchou até o telefone e digitou o número da fazenda. Responderam no terceiro toque.

— Alô — falou, usando sua voz profissional. — Aqui é Janine Talbot e eu gostaria de saber onde posso encontrar Cameron Callaway.

— Oi, srta. Talbot, aqui é Rosie quem fala. Não sei exatamente onde ele se encontra no momento. Todo mundo passou a maior parte da manhã lá fora, tentando encontrar Trisha. Ele entrou ainda há pouco, mas já saiu outra vez.

—Trisha? Tentando encontrá-la? Ela se perdeu?

— Não temos certeza se ela se perdeu ou está escondida em algum lugar. Cameron e ela brigaram esta manhã e.a menina saiu da sala chorando. Ele disse que decidira dar um tempo aos dois, antes de procurá-la. Quando a procurou, não conseguiu encontrá-la em lugar nenhum.

— Procuraram na casa toda?

— Sim, senhora. Seis pessoas vasculharam a casa toda, todos os cantos em que uma garotinha de cinco anos pudesse se esconder. No começo, Cameron estava bravo, mas, agora, eu acho que ele está desesperado. Se ela tiver se afastado da casa e das construções próximas, será quase impossível encontrá-la.

— Oh, não! Que horrível! Acha melhor eu ir até aí?

— Tenho certeza de que Cameron gostará de saber que está preocupada, mas deve fazer o que achar melhor.

— Estou saindo. — Em apenas alguns minutos, já dava a marcha a ré no seu carro.

Ao chegar, dirigiu-se à Casa Grande e bateu à porta. Foi Cameron quem abriu. Quando a viu, puxou-a para dentro e abraçou-a como se nunca mais fosse soltá-la.

— Foi culpa minha. Estava de mau-humor e acabei descontando nela. Fui tão estúpido. Não pensei em como ela poderia reagir e...

— Tudo vai ficar bem, amor — ela murmurou baixinho, abraçando-o com força. — Tenho certeza de que ela está bem. Ela é uma menina inteligente e não se colocará em perigo.

— Mas já a procuramos por todos os lugares, nas vizinhanças. Chamamos e chamamos o seu nome. Alejandro está reunindo os seus homens. Vão sair a cavalo para procurá-la.

— Certamente ela não se afastaria muito.

Ele balançou a cabeça, ainda enterrada nos cabelos dela.

— Quem pode saber? Meu maior medo é de que tenha sido encontrada por um dos inimigos de nossa família. Até agora, só causaram dano nas propriedades, não ameaçaram a vida de ninguém. Então penso nos acidentes. Se foram provocados intencionalmente, há um assassino lá fora, à espreita. E se tiverem vindo à fazenda? Se a tiverem visto? Pensar em todas essas possibilidades está me deixando completamente louco.

Ficaram ali, abraçados, em silêncio, por muito tempo. Janine sabia que ele estava tirando forças de sua presença. Ainda bem que tinha resolvido telefonar.

— Ah, você está aqui! — Letty falou atrás deles. — Ainda bem. Faz três dias que esse homem está tentando nos deixar malucos. Espero que sua presença signifique que o que quer que tenha acontecido entre vocês, já tenham feito as pazes, porque nunca mais vou ficar por perto quando ele estiver nesse humor.

Janine pegou a mão de Cameron e abriu a porta.

— Vamos lá. Conversaremos mais tarde. Agora, vamos procurar uma menina de cinco anos.

No final, foi Janine quem a encontrou, pela simples razão de que iniciou a procura sem ter idéias preconcebidas de onde a menina poderia ou não estar. Todos os outros sabiam que havia muitas áreas proibidas para Trisha. Os adultos sabiam e a menina igualmente sabia disso. Nunca, antes, havia desafiado as proibições.

Por alguma razão, Janine sabia que, naquele dia, as coisas seriam diferentes. Algo havia acontecido entre pai e filha que tinha causado uma distância entre eles, e isso jamais havia acontecido antes.

Janine também conhecia bastante Trisha, depois de ter passado nove meses a seu lado. Ela era uma menininha controlada, voluntariosa e, por que não dizer?, teimosa.

Assim, Janine parou em frente à casa e olhou para todos os lados, estudando o lugar. Se fosse uma criança de cinco anos, em meio a um ataque de raiva, onde se esconderia? Depois de ficar vários minutos ali parada, absorvendo

a paisagem, dirigiu-se resolutamente para o celeiro.

— Ela não iria para o celeiro. Sabe que não deve — Cameron disse, indo em seu encalço. — É muito perigoso. Os cavalos ficam lá, além do todo o equipamento da fazenda. Tem um monte de feno e... — Janine parou e, por isso, ele acrescentou: — Além disso, já olhamos lá.

— Sim, mas sem a menor expectativa de encontrá-la, não foi?

— Tem razão Como disse, ela...

— É surpreendente como podemos não ver uma coisa se nossa expectativa for de que ela não pode estar lá.

Ela fez uma pausa assim que entrou pela larga porta, dando um tempo para que seus olhos se acostumassem ao ambiente pouco iluminado. Ouviu um barulho para o lado esquerdo e foi investigar. Um dos gatos do celeiro vinha em sua direção, para saber se a estranha iria alimentá-lo. Era obviamente uma gata que, embora magra, estava com cria.

Gatinhos. Ah-ha! E onde uma gata esconderia seus gatinhos?

Ela se encaminhou para a área de armazenagem, de onde a gata tinha vindo, e olhou ao seu redor. Não havia nenhum lugar onde se pudesse esconder uma ninhada de gatinhos. Então viu a escada que conduzia ao mezanino. Atravessou imediatamente o espaço e começou a subir a escada de madeira.

— Por Deus! Ela não teria tentado fazer isso! Poderia quebrar o pescoço! — exclamou Cameron. Janine o ignorou. Estava seguindo seus instintos. Não conseguiria explicar a ele o que estava sentindo ou pensando. Tinha de continuar o que estava fazendo.

Quando chegou ao topo, pôs-se de joelhos sobre o feno e começou a procurar. O mezanino era enorme. Poderiam estar em muitos lugares.

Não se deu ao trabalho de chamar a menina. Se estivesse aqui, deveria ter ouvido os chamados anteriores e, se não quisera responder naquele momento, também não responderia agora. Janine ficou de pé, batendo a poeira dos joelhos e das mãos, e passou a explorar o lugar.

Quando finalmente encontrou o canto onde os três gatinhos dormiam empilhados uns sobre os outros, Cameron tinha aceitado participar da busca e estava do outro lado do mezanino.

— Venha aqui, Cam — ela disse em voz baixa. Ele quase correu para onde ela se encontrava.

Trisha tinha adormecido não muito longe de onde estavam os gatinhos. Seu rosto estava sujo de poeira onde as lágrimas haviam escorrido, a blusa, rasgada e o cabelo cheio de palha. Mesmo assim, não parecia estar ferida.

Cameron se ajoelhou a seu lado.

— Trisha? — chamou, passando levemente a mão sobre seu rostinho. Ela se mexeu, mas não acordou. Os olhos estavam inchados de chorar. Quando finalmente os abriu, estavam tão pesados que os fechou em seguida.

— Trisha, querida, o que está fazendo aqui em cima? A criança se virou e esticou as pernas. Abriu os olhos, outra vez, focalizando-os no rosto do pai.

— Papai?

— Sim, doçura, estou aqui.

Janine podia ouvir como a voz dele estava embargada. Sentiu lágrimas subindo-lhe aos olhos.

— Papai? Sabia que temos três gatinhos? Eu vi a mamãe gata subir as escadas como se fosse um bombeiro e eu a segui para ver onde ia. Aí ela amamentou os filhinhos e me deixou ficar olhando e aí... e aí... — Ela sacudiu os ombros. — Acho que peguei no sono.

— Acredito que sim. Não me ouviu chamá-la? Ela balançou negativamente a cabeça.

— Tem certeza?

— Sim. — Ela pareceu surpresa com a pergunta. Obviamente, não lhe passara pela cabeça mentir a respeito do que havia feito.

— Bom, já passou da hora do almoço e você deu um tremendo susto em todo mundo. Acho que devemos voltar para casa e dizer a eles que você está bem.

Ela se levantou. Quando se virou em direção à escada viu Janine que havia se afastado assim que o pai começara a falar com a filha.

— Srta. Talbot! Você veio nos ver. Papai disse que provavelmente não viria mais, mas você veio! — Caminhou com dificuldade por entre o feno e abraçou a moça.

— Vim, sim. Foi uma pena não tê-la encontrado em casa quando cheguei — comentou, acariciando os cabelos encaracolados da menina.

— É mesmo.

Cameron se juntou a elas e um, de cada vez, desceram a escada. Cameron foi em primeiro lugar, seguido pela filha. Assim podia segurá-la caso escorregasse.

Janine permaneceu silenciosa enquanto Cameron avisava a todos que Trisha tinha sido encontrada. Depois, ele levou a filha para cima a fim de banhá-la e, segundo suas próprias palavras, para ter uma conversa da qual ela nunca se esqueceria.

Letty sugeriu a Janine que almoçassem, pois tinha uma intuição de que ele se demoraria bastante.

Enquanto almoçavam, Letty fez muitas perguntas a respeito dos gêmeos, se ela havia tido a oportunidade de conhecer Katie e o que tinha achado da visita. Janine, mais tarde, teve consciência de que estivera tão entretida respondendo à velha senhora que nem tivera tempo de ficar nervosa por causa da conversa que teria com Cameron.

Quando este desceu, informou que não conseguiria comer e aceitou um copo de chá gelado.

— Tive de dar um castigo bastante pesado. Disse-lhe que não poderá descer pelo resto do dia. Ela está inconsolável pois queria vê-la, Janine. Ela também prometeu que não tornará a ir a nenhum dos lugares proibidos.

— E você acreditou? — Janine perguntou, sorrindo. Ele pareceu surpreso.

— E claro! Janine riu.

— Ah, as alegrias de ser pai. Sempre cheio de esperanças.

— Acha que ela mentiu:

— Claro que não. Acho que ela é uma menina muito curiosa. Vai lembrar da promessa por um tempo. Depois, à medida que cresce, o número de coisas atraentes proibidas...

— Você entende bastante de crianças — ele replicou, dando um suspiro.

— E deveria — comentou Letty, empurrando a cadeira. — Já cuidou de muitas delas. Agora, se vocês dois me derem licença, toda esta movimentação foi demais para um dia. Vou para o meu quarto, descansar um pouco. Vê-los-ei mais tarde. — Ela parou de falar e olhou para eles por cima do copo que segurava. — Você *vai ficar* para o jantar, não é srta. Talbot? Penso que não desejarei estar por perto de Cameron esta noite se você não estiver aqui também.

Janine riu.

— Obrigada, Letty. Gostaria muito de ficar.

— Então descerei mais tarde — comentou a velha senhora, mal-humorada. — Se não ficasse, pediria que me mandassem uma bandeja no quarto. — Ela saiu sem nem olhar para trás.

Cameron dirigiu-se a Janine.

— Vamos para a outra sala. Precisamos conversar. Levou-a até o escritório. Depois que ela passou pela porta, ele a fechou e trancou a chave.

— Assim, não seremos perturbados — explicou, indicando-lhe uma cadeira. As paredes eram cobertas por estantes. Havia uma grande mesa e cadeira de um dos lados da sala e um confortável sofá com algumas outras

cadeiras, do outro. Ela afundou no sofá e olhou para ele.

Ele se sentou na outra ponta e a encarou.

— Não consigo compreender. Não consigo mesmo. Ela podia ver que ele estava magoado. O sofrimento havia marcado seu rosto com .finas linhas que não existiam anteriormente. Ela lhe devia uma explicação, não importa quão doloroso lhe fosse falar do assunto.

— Você tem um lado tão maternal, Janine. Compreende as crianças tão bem. É um dom inato, um sexto sentido que lhe permite entrar na mesma onda que elas. Não compreendo por que insiste tanto que não deseja se casar e formar uma família. O problema é comigo? Quero dizer, está procurando um homem que possa ser um pai perfeito de maneira que...

— Não, Cam, não é isso, absolutamente. — Ela se aproximou, a fim de poder tocá-lo. — Por favor. O problema não é você. Sou eu. Não percebe? O defeito está em mim.

— Defeito? De que diabos está falando? Você não tem defeito algum.

Ela pegou-lhe a mão e levou-a até o seu rosto, esfregando-o como um gatinho que pedisse carinho.

Quando começou a falar, as palavras saíram aos arrancos.

— Nunca falei com ninguém a este respeito. Ninguém. E nunca pretendi falar. Mas você merece saber, Cam. Eu o amo demais e não posso deixá-lo sofrer assim.

— Você me ama? — Os olhos deles repentinamente se encheram de luz.

— Oh, sim. Como poderia duvidar disso?

— Bem, durante um certo tempo, pensei que isso fosse possível. Mas, depois... quando você disse... e eu pensei que... — Ele sacudiu os ombros, impotente.

— Não se engane a esse respeito, Cameron Callaway. Eu o amo com todas as forças do meu coração.

— Então, pelo amor de Deus, case-se comigo! Acabe com todo este sofrimento!

— Casar comigo só aumentaria o seu sofrimento. Eu o amo demais para fazê-lo passar por isso. Por favor, tente entender.

Ele balançou a cabeça, desanimado.

— Estou tentando, creia-me. Mas nada do que diz faz sentido algum.

— Quando tinha dezesseis anos de idade, sofri um acidente de automóvel com o rapaz que estava namorando na época. Foi um verdadeiro milagre que nós dois não tenhamos morrido. O motorista do outro carro morreu e, durante algum'

tempo, havia dúvidas de que eu conseguiria sobreviver.

— Você! Mas tem a saúde perfeita, não parece...

— A maior parte do traumatismo foi interno. Você talvez tenha achado que eu estava sendo modesta quando ficávamos juntos, mas morro de vergonha das cicatrizes na minha barriga.

— Não as notei.

Ela sorriu.

— Que bom!

— O que está tentando dizer é que não se casa comigo por causa das cicatrizes? Elas não têm a menor importância. Deveria me conhecer o suficiente para saber disso.

— Cameron, o traumatismo interno foi muito extenso. Tinha severas hemorragias. Os médicos de plantão fizeram todo o possível para salvar a minha vida. Se tivessem tido mais tempo, talvez pudessem ter tentado fazer algum tipo de cirurgia reparadora. Naquele momento, estavam só preocupados em fazer parar a hemorragia.

— Não tinha idéia de que você tivesse passado por tudo isso. Graças a Deus, conseguiu sobreviver.

— Sim. Também agradeço a Deus. Mas logo que me contaram o que tinham feito, desejei ter morrido.

— Janine!

— Eu sei. Pareço muito egoísta, principalmente considerando-se que você perdeu a esposa. Eu estava com tanta pena de mim mesma, que desejei morrer. — Isto tudo estava sendo muito mais difícil de contar do que ela imaginara: Esperara que ele adivinhasse seus motivos, mas, aparentemente, continuava a não compreender nada. — Não posso ter filhos, Cameron. E isso que estou tentando lhe contar. Tiveram que remover meus órgãos reprodutores. Não me deram escolha. Tudo foi feito antes mesmo que eu recuperasse a consciência. Na verdade, nem tinham certeza de que fosse recuperar a consciência. E tenho tentado conviver com isso desde então.

Ele havia empalidecido. Janine sabia que o que lhe contara o deixara chocado. Mas se sentia muito melhor por, finalmente, ter-lhe dito tudo, ter compartilhado o seu segredo com outra pessoa. Parecia ter diminuído a dor. Infelizmente, havia passado parte de sua dor para ele.

— Que triste, amor. Não tinha a menor idéia de que pudesse ser isso. Nem mesmo quando mencionou a cirurgia. Não conseguia nem imaginar qual poderia ser o terrível segredo que você estava tentando me contar. Nem me passou pela

cabeça que pudesse ser isso.

— Eu sei.

— Você adora crianças.

—Sim. E foi por isso que decidi trabalhar com elas. Foi a maneira que encontrei de poder ter crianças na minha vida.

Ele a puxou para o seu colo e a abraçou fortemente.

Ela sabia que, agora que tinha ficado chocado com a notícia que lhe dera, seria mais fácil recuperar-se e dar um outro rumo à sua vida. Esperava que continuassem a ser amigos e sabia que, um dia, ele encontraria uma outra mulher que pudesse ser a mãe perfeita dos filhos que ele tanto desejava ter.

Nesse momento, entretanto, ela não conseguia pensar em vê-lo com outra mulher. Talvez isso também pudesse ser mudado com o tempo. Talvez o amor que tinha por ele fosse tanto que lhe permitisse aceitar essa possibilidade.

Ele se afastou e ela percebeu as lágrimas em seus olhos.

— Eu fui tão idiota, falando sobre querer ter outros filhos. Não é de admirar que você... Desculpe-me, amor. Sinto muito.

— Por favor, não diga isso. Como poderia saber? Eu só quis que você entendesse por que não poderei jamais me casar com ninguém.

Ele se imobilizou e olhou para ela com tanta atenção que Janine começou a se sentir incomodada.

— O que acabou de dizer?

— Que eu quero que você entenda...

— Não. A última parte.

— Que não posso me casar com ninguém?

— Sim. Poderia, por gentileza, explicar por que o fato de não poder ter filhos tem algo a ver com o fato de se casar?

Agora, era ela quem estava tendo dificuldades para entendê-lo. Que espécie de pergunta boba era aquela?

— Realmente, Cam. Acho que a resposta é óbvia, não acha?

— Não. Que tal tentar explicar?

Ela deu de ombros, tentando esconder sua irritação.

— Todo homem, ao se casar, espera constituir uma família. Para mim, isso é óbvio.

— É mesmo?

— Quando Bobby descobriu o que me acontecera, sentiu-se muito mal. Chegou até mesmo a culpar-se pelo acidente, o que era bobagem. Ele provavelmente salvou minha vida. Explicou-me que, depois do acidente, tudo

mudara entre nós. Ficamos os dois muito constrangidos. Não foi preciso que me explicasse como se sentia. Já havíamos conversado sobre nos casarmos algum dia e tínhamos até escolhido os nomes dos nossos filhos...

Cameron falou um palavrão, assustando-a com a violência de seu tom.

— Então, baseada na reação de uma pessoa, você concluiu que nenhum homem quereria se casar com você quando descobrisse que não pode ter filhos.

Ela abaixou o olhar para o chão. — Meu pai abandonou minha mãe quando soube que ela não poderia ter mais filhos.

— Deus nos ajude — ele murmurou. Ela não soube dizer se estava rezando ou xingando.

— Janine, poderia olhar para mim? Por favor?

Ela o encarou e ficou aliviada ao constatar que as faces dele haviam recobrado a cor.

— Sinto muito, muito mesmo, que os homens da sua vida tenham sentido tanta necessidade de produzirem filhos, que basearam decisões importantes nessa necessidade. Entretanto, eu não partilho dessa filosofia. Além disso, já tenho uma filha, uma garotinha que me dá muitas alegrias quando não está sumida e me enlouquecendo de preocupação. — Ele passou o braço ao redor dela. — Ouça-me com atenção. Só vou dizer isso uma única vez e, depois, nunca mais discutiremos esse assunto. Está me ouvindo?

Ela fez um gesto afirmativo.

Como poderia não estar ouvindo? Ele estava há poucos centímetros dela.

— Amo você, Janine Talbot. Você me trouxe de volta à vida. Eu havia me afastado de tudo que fosse bonito, alegre, feliz e vivo. Numa manhã chuvosa você entrou marchando dentro da minha vida, revirando-a vida de cabeça para baixo e de dentro para fora. Nunca mais voltei a ser o mesmo e isso é bom. — Ele acariciou o rosto dela. — Bem, não há palavras para descrever a dor que sinto ao saber por tudo o que já passou, por saber de sua solidão e sofrimento durante todos os anos em que acreditou que ninguém iria querer casar-se com você por causa de sua situação. Você está enganada, Janine. Muito, muito enganada.

Ela ouviu as palavras, mas demorou a compreender seu real significado. Quando finalmente o entendeu, seu coração disparou dentro do peito.

— Eu não apenas a amo com loucura, como pretendo casar-me com você. Não receberei um não como resposta, está entendendo? Certamente foi um choque saber que não poderemos ter filhos. Passei meses fantasiando como seria se você engravidasse acidentalmente. Acho que tinha esperanças de não ter que

ficar pensando em maneiras sutis de dizer o quão desesperadamente quero me casar com você. A verdade é que não sou muito bom em dizer coisas como "eu te amo" e "quero casar com você". — Ele fez uma pausa e sorriu. — Na verdade, isso foi indolor. Talvez eu melhore com um pouco de prática. O fato é que já somos uma família. Eu, você e Trisha nos tornamos uma família. Pode não ter percebido, ou talvez seja porque não sabe muito bem o que é ter uma família. Bem, estou lhe contando que é parte de uma. Você já é uma Callaway em tudo menos no nome e pretendo remediar isso o mais cedo possível.

Ele passou os dedos pelo rosto dela, enxugando as lágrimas que escorriam de seus olhos.

— Oh, querida, eu queria tanto ter sabido. Teríamos evitado muito sofrimento se tivesse me contado tudo antes.

— Mas, Cam — ela disse entre soluços —, você sempre disse que queria mais filhos. — Escondeu o rosto no peito musculoso.

— Há tantas crianças que precisam de um lar, querida. Sabe disso. Podemos ter quantos filhos quisermos. Nós os planejaremos. Podemos adotar bebezinhos ou crianças já mais velhas, não importa. Temos muito amor para dar, não vamos desperdiçá-lo, tá?

Quando ela não respondeu, ele se afastou um pouco para poder ver seu rosto.

— Por que ainda está chorando?

— Porque estou tã-ã-ão feliz!

— Ótimo. Isso quer dizer que sua resposta é sim? Vai se casar comigo?

Ela concordou veementemente.

— Imediatamente?

Agora foi ela quem se afastou para encará-la.

— Imediatamente? — perguntou enxugando as lágrimas que ainda escorriam por seu rosto.

— Bem, sabe, andei pensando — ele parecia um pouco constrangido —, e pensei que seria mais fácil convencer Trisha a se mudar para San Antônio se pudesse dizer-lhe que também estará lá. Lembra-se que tentei contratá-la como governanta e você recusou? Bem, contratei uma governanta que cuidará de Trisha enquanto você estiver trabalhando. Assim, pode vir comigo como minha esposa e mãe de Trisha. Aceita?

— Oh, Cam! — ela exclamou numa voz trêmula.

— Por favor, não comece a chorar outra vez, tá? Como eu estava dizendo, as aulas começam em duas semanas e pensei que se nos casarmos

imediatamente, ainda teremos tempo para uma rápida lua de mel. Não que eu não tenha gostado das nossas tentativas recentes, mas Janine, eu a amo tanto!

Ela não agüentou mais esperar que ele a beijasse e resolveu tomar a iniciativa. Colocou naquele beijo toda a habilidade que havia aprendido com ele nos últimos meses.

Começou a abrir a camisa de Cameron e deslizou as mãos pelo peito musculoso e pela barriga até encontrar a fivela de seu cinto. Ouviu-se prender a respiração, quando esbarrou no sexo intumescido.

— Estarei sempre pronto para você, querida — ele murmurou mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Nunca duvide disso.

Com uma incrível sensação de liberdade, Janine ficou em pé e tirou o shorts.

— Comecemos a lua de mel — propôs rindo.

— Sim, senhora!

ANNETTE BROADRICK mora às margens do lago das Ozarks, no Estado de Missouri, EUA, onde passa o tempo fazendo o que mais gosta: lendo e escrevendo ficção. Desde 1984, quando seu primeiro livro foi publicado, Annette vem deliciando os leitores com seu estilo inovador e criativo. Além de ter sido nomeada pela revista *Romantic Times* como Melhor Novo Autor do ano, vários romances seus receberam prêmios importantes como o *Romantic Times Reviewer's Choice Award* e o *Romantic Times Wish Award.*